

Vida Contemporânea

REVISTA MENSAL

DIRECTOR: CUNHA LEAL

SUMÁRIO

Um ano de luta pela realização dum sonho.

<i>VIDA CULTURAL: O dever dos intelectuais.</i>	Fidelino de Figueiredo
<i>Uma hipótese que convém esclarecer</i>	Sebastião Ribeiro
<i>Da classe burguesa</i>	A. A. Freitas da Silva
<i>Temas de aviação.</i>	Bernardino Nogueira
<i>À margem de um discurso</i>	Vasco da Gama Fernandes

<i>VIDA ECONÓMICA E FINANCEIRA: Pro- gramas e realidades</i>	Cunha Leal
--	------------

<i>VIDA COLONIAL: Ensaio sobre a vida e as coisas de Cabo Verde</i>	Vasco da Gama Fernandes
---	-------------------------

<i>VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA: A Alema- nha depois da guerra</i>	Aquilino Ribeiro
<i>Nocturnos</i>	Abel Salazar

<i>VIDA INTERNACIONAL: O discurso do Ge- neral Smuts.</i>	Manuel Camacho Botica
---	-----------------------

*Noticiário internacional
Nota da Redacção*



Pasta medicinal

COUTO

▼
Evita : Estomatites mer-
curiais ou bismúticas

Trata : Piorreia

Cura : Gengivas descar-
nadas ou a sangrar
▲

Couto, Limitada

106 - Largo de S. Domingos - 106

— PORTO —

Vicente Ribeiro

Rua dos Fanqueiros — 84, 1º

— LISBOA —

FIBRO CIMENTO NACIONAL

« LUSALITE »

Tubos de 50 a 400^{mm} de diâmetro anterior
resistência até 25 quilos por cm²

Chapas onduladas para telhados

Chapas lisas para divisórias, tectos, etc.

Agentes gerais

Corporação Portuguesa Mercantil, Limitada

— RUA DO ALECRIM, 10 — TELEF. 2 3948 e 2 8941 —

— LISBOA —

VIDA CONTEMPORÂNEA

Revista mensal de estudos económicos, financeiros, sociais e literários

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO : CUNHA LEAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIAS : R. Cidade da Horta, 49, 1.º LISBOA — PORTUGAL. — PREÇO 5\$00 —	REDACITOR PRINCIPAL Vasco da Gama Fernandes CHEFE DE REDACÇÃO Álvaro Machado EDITOR E SECRETÁRIO DE REDACÇÃO Victor Júdice da Costa ADMINISTRADOR António Casanovas Augustine	COMPOSTO E IMPRESSO NA Imprensa LUCAS & C.ª R. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 61 LISBOA
---	--	---

UM ANO DE LUTA

Pela realização de um sonho

Com que velocidade voa o tempo! Parece-nos que ainda foi hontem aquele dia em que o primeiro número da *Vida Contemporânea* foi pôsto a circular por entre sorrisos, se não de moça, ao menos de dúvida quanto às suas probabilidades de êxito, e já lá vai decorrido um ano, um longo ano! Não há no país — afirmava-se então por tôda a parte — nem colaboradores, nem leitores para uma revista que se proponha dar aos nossos compatriotas, tão arredios da civilização, sucessivos aspectos panorâmicos da vida universal e da vida portuguesa, com seus conteúdos de idéas imprecisas e instáveis, que logo dão lugar a outras, como acontece em tôdas as fases de profundas metamorfoses materiais e espirituais da misérrima humanidade. Afinal de contas, surgiram os colaboradores e não faltaram também os leitores, gelou o sorriso no bico amarelo das aves agoueiradas, e a *Vida Contemporânea*, singrando por aí fora sem dificuldades excessivas, regista hoje — repetimos — o seu primeiro aniversário.

É dia de festa nesta casa. Observe-se, porém, que nos não perturbam a serenidade do juízo vaidades que, a existirem, seriam ridículas. Sabemos que



esta revista, a nossa revista, teve, tem e continuará a ter defeitos cuja extirpação integral não é, de facto, possível. Isso que importa? Queremos-lhe, a-pesar-disso, talvez lhe queiramos ainda mais por causa disso. Queremos-lhe como os pais querem aos filhos que viam nascer, crescer, que foram acompanhando desveladamente desde os primeiros vagidos e o primeiro engatinhar até às primeiras palavras e os primeiros passos e desde êstes até às primeiras ideias e os primeiros actos conscientes. E, muito embora saibamos quanto costuma ser molesta para estranhos a ejaculação das hipérboles paternas, seja-nos permitido falar da *Vida Contemporânea* nesta emergência, sob compromisso de nos mantermos dentro dos limites do comedimento e do bom senso.

A primeira constatação interessante que nos é sugerida pelo exame dos doze primeiros números desta revista é que se tornou possível a convivência dentro dela de pessoas de tôdas as cambiantes ideológicas da política democrática. E, para se atingir em Portugal, pela primeira vez, êste resultado, que é sem favor notável, bastou escancarar de par em par as portas da *Vida Contemporânea* e fazer o enunciado singelo dos propósitos que animavam e animam os seus fundadores. Dissemos então, e repetimo-lo agora gostosamente, que não pretendíamos criar uma revista nossa, mas sim uma revista de todos quantos, desejando que o futuro seja uma perene inovação em vez da repetição mecânica do passado, crêem piamente que se contraria a linha natural da evolução quando se quiere pôr o Estado ao serviço de minorias privilegiadas, com menosprêzo dos interesses das grandes massas populacionais.

Se não houve da nossa parte servilismo na convocatória dos nossos colaboradores, também não houve para os escritores incipientes necessidade nem sequer de vaga aparência de humilhação para encontrarem na nossa revista lugar ao lado daqueles que já haviam dado as suas provas anteriormente. Velhos e novos, consagrados e aspirantes à consagração, uns e outros têm vindo a confraternizar em espírito nas páginas da *Vida Contemporânea*, com a simplicíssima condição de prestarem culto a princípios gerais que se nos afiguram os únicos consentâneos com «a eminente dignidade da natureza humana». A liberdade, a igualdade e a fraternidade, tão escarnecidas pelos espíritos superiores do reaccionarismo internacional, não constituem para nós um lema vazio de sentido. E a prova é que lhes prestamos culto por forma prática: pautando por elas o nosso procedimento.

Pode assim a *Vida Contemporânea* arrogar-se, legitimamente, o direito de representar uma corrente ideológica, caracterizada por notável dose de tolerância e de compreensão democráticas. Por outro lado, do complexo dos ar-

tigos nela inseridos, do entrechocar das concepções neles compendiadas, evola-se a certeza de que o escol dos democratas portugueses nem pensa em europeizar o seu país de modo radical, para que se não descaracterize, nem em ensimesmá-lo ciosamente, para que não quebre as suas relações intelectuais com o resto do mundo. Não se verificará por certo nos nossos arraiais a oposição constatada em Espanha entre as teses de Joaquín Costa e de Ganivet. Para nós o problema português consiste em integrar dentro da civilização contemporânea o nosso país, com as suas indestrutíveis características peninsularistas, geradas num cadinho especial pela fusão de determinadas raças. Assim, pois, — repetimos — nem nos devemos anonimizar, nem tampouco devemos ter a tola pretensão de criar uma civilização própria. É crença nossa que neste caso, como quási sempre, «a virtude reside no meio têrmo».

Acrescente-se a isto que nas páginas desta revista não se declara guerra santa aos portadores e propugnadores de idéologias opostas àquela a que prestamos culto. Supomos a nossa a melhor, nem de outra forma a teríamos adoptado e a defenderíamos. Repugna-nos, porém, por temperamento e por educação o emprêgo da coacção material ou moral para impor aos outros as nossas crenças particulares, e temos ainda a tola ingenuidade de acreditar que o melhor processo para as fazer vingar consiste em propagandear-las com argumentos convincentes por se dirigirem ao mesmo tempo à inteligência e à sensibilidade dos nossos semelhantes. Em face da escandalosa ingenuidade desta confissão, certos conspícuos cavalheiros modernistas hão-de classificar-nos de *bota de elástico*, com intenção pejorativa. Que se lhe há-de fazer, porém? Bem certo é que, consoante assevera o velho rifão, «quem torto nasce tarde ou nunca se endireita».

A *Vida Contemporânea* cá vai, pois, seguindo a sua rota com velocidade que depende das circunstâncias. Aliando a dignidade das idéas à virilidade das atitudes — virtudes que nem sempre coexistem — conseguiu conquistar um público certo que a lê e que a discute porque nem sempre concorda com ela, como é mister.

Dêste modo, ela vai concorrendo para se desfazer a lenda de que o português, mesmo aquele cujas letras não são demasiado gordas, não gosta de perder o seu tempo com leituras que o forcem a grande contensão espiritual. Há que reconhecer, bem ao contrário, que está nascendo no nosso meio social uma verdadeira ansiedade de cultura. O drama pungente da era actual revolveu todo o vasto e ignoto mundo do sub-consciente do português e fêz aflorar ao limiar da sua consciência vagas e indecisas idéas cujos contornos

êle tenta definir à custa de um esforço intelectual que tem o seu quê de meritório. A *Vida Contemporânea* ajuda-o nessa tarefa como sabe e pode.

Ora esta ávida curiosidade, não se concentrando nos meios citadinos, por natureza os mais propensos ao exame de problemas desta natureza, tem invadido pouco a pouco as nossas vilas e até as nossas aldeias. Uma tal inquietação dos espíritos tem obrigado as imaginações a trabalhar, alterando de forma patente o fâcies de Portugal. A evolução, em todo o caso, opera-se com relativos vagares, de modo que os que nela participam só se dão conta das mutações operadas quando comparam dois estádios seus relativamente distanciados. O lento, mas seguro alastramento da *Vida Contemporânea* pelo país reflecte o fenómeno que vimos de descrever.

*

Sentimo-nos, pois, orgulhosos — porque não confessá-lo? — com a circunstância de a *Vida Contemporânea* ter desmentido, sem espalhafatos estridentes, os prognósticos pessimistas nem sempre mal intencionados que suscitou à nascença, demonstrando, ao cabo de um ano, que possui vitalidade e pujança de ideias. Mas a nossa ânsia de perfeição não se compadece de nenhuma maneira com a estagnação, traduzida no contentamento pelas conquistas já realizadas. Diz-se que «o português é pobre até no pedir». Não nos arregimentando na coorte dos pedinchões, confessamo-nos, sem embargo, rico em sonhos e esperanças. Pondo-nos assim a contemplar a *Vida Contemporânea* com desvanecimento paternal, aspiramos a que ela, vencendo a inércia do meio, traga ao convívio das suas páginas mais alguns valores, dêsses que, comungando nos ideais democráticos, se deixaram dominar pelo desânimo e que por tal motivo se têm abstido de comunicar ao grande público os resultados do seu trabalho interior de apreensão e de compreensão das realidades da nossa época. Aspiramos ainda a que a nossa revista alastre cada vez mais pelo país e se insinue mais profundamente na sua consciência para que as almas desnorteadas e enregeladas dos republicanos portugueses tendam a agrupar-se e a aquecer-se ao calor duma chama vivificadora.

Estamos daqui a ver uns tantos Velhos do Restelo meneando, descontentes, as cabeças mais ou menos encanecidas, para assim manifestarem a sua clássica, a sua já proverbial descrença. Que iremos esbarrar contra os rochedos pontiagudos do impossível — dirão êles com seu «saber de experiência feito». Pois que guardem para si êsses tais o cabedal de ensinamentos que a observação tem vindo a armazenar no poço insondável de seus peitos. «A fé remove

montanhas» — afirma a sabedoria das Nações. Agarramo-nos a êsse ditame e tanto nos basta. A nossa fé é tão grande que ela saberá sacudir e despertar aqueles cujas almas fracas se deixaram cair em letargia e, a par dêsses, aqueles que andam pelos recantos do país arrependendo os cabelos, quando os têm, e soluçando lítanias, como o Hamlet nos corredores do palácio real da Dinamarca. Apetece-nos dizer-lhes : — Que é isso, oh gentes ? Que concepções optimistas tendes vós da vida para supor que a Terra foi fabricada para vos suportar, o sol para alumiar os vossos dias e a lua para diluir o negrume arrepiante das vossas noites ? Estremeceu a Terra, houve um eclipse do sol, as nuvens velaram a face da lua, e logo vós — oh ingénuos optimistas ! — desastastes a choramingar e a maldizer dos desígnios, para vós incompreensíveis, da Providência.

Em nosso entender, é preciso trazer esta pobre gente à realidade dum pessimismo fecundo e batalhador que parta da hipótese de que nada se alcança neste mundo sem luta e sem sacrifícios, mas que a-pesar-disso, não desista de attingir os objectivos marcados à sua actividade por uma consciência esclarecida. Tal é o nosso caso. Não ignoramos que é difícil, muito difícil, elevar a *Vida Contemporânea* até às alturas sonhadas por nós. Sabemo-lo de ciência certa. Não obstante, porém, todos os obstáculos que se nos depararem, hemos de lá chegar porque, para tanto, pomos ao serviço duma fé ilimitada uma vontade que, mercê de Deus, nenhuma derrota episódica consegue fazer vergar, por isso que não conhece desalentos.

Um aniversário é nessa ascensão um pequeno alto, que aproveitamos para descansar e para reflectir. Com os olhos do espírito conseguimos descortinar em tórno de nós as figuras de quantos nos honraram com a sua colaboração e dos leitores que nos incitaram, sem necessidade de palavras redundantes. Vai recommençar dentro em pouco a nossa caminhada. Mas, antes disso, deixem-nos dizer a uns e outros aquelas singelas palavras de reconhecimento tão vulgares na nossa Beira :

Bem hajam !



VIDA CULTURAL

O dever dos intellectuais

POR FIDELINO DE FIGUEIREDO

...o meu designio não é ensinar aqui o methodo que deve seguir cada um para bem conduzir a sua razão, mas sómente fazer ver de que maneira eu me esforcei por conduzir a minha. Aquelles que se mettem a dar preceitos devem considerar-se mais habeis do que aquelles a quem os dão, e, se falham na menor coisa, são por isso dignos de censura. Mas, não apresentando este escripto senão como uma historia ou, se o preferis, como uma fabula, na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar, se acharão outros tantos que não haverá motivo para seguir, eu tenho a esperanza de que elle será util a alguns, sem ser nocivo a ninguem, e que todos me acolherão bem a franqueza.

René Descartes — Discours de la Méthode, 1637.

No tempo, que eu vivi em Berkeley, tive um companheiro de club a quem affligia a idea do regresso ao seu país, que, não obstante, entranhadamente amava. Não era o medo que por vezes tolhe os mexicanos espalhados pelo mundo em missões intellectuais e em vagas embaixadas; nem a desdenhosa inadaptação dos que se embriagaram de horizontes mais amplos que os do seu pateosinho natal; nem era também a nostalgia saudosa dos arreigados à sua aldeia e aos élos mil de rotina e mistério que prendem as almas, ainda as mais fortemente dotadas. Havia nessa preo-

Advertência : Se algumas vezes os homens de sciencia suspendem as suas pesquisas e as suas especulações para reflectir sobre os methodos que nellas seguem e sobre o alcance philosophico de taes pesquisas e especulações, não será permittido a um homem de letras de-ter-se no seu labôr para tambem reflectir um pouco sobre a ethica do seu mister e para re-buscar algumas razões de crer na efficiencia desse labôr, embora pequena e distante? Quanto mais modesto fôr esse labôr, tanto mais legitimos serão os escrupulos sobre a sua oportunidade e sobre a segurança dos rumos seguidos.

Isso fiz neste ensaio de remate a uma prolixa meditação sobre multiplos problemas le-

cupação alguma coisa mais alta, mais actual e tão nobre que se me comunicou, porque era uma forma emotiva e nervosa dum grande problema da civilização contemporânea: a função da inteligência ou o dever dos intelectuais.

O meu companheiro era um centro-americano, duma dessas republiquetas do mar de Caribe, satélites anónimos do colosso yankee, que se debatem em insolúveis problemas internos, insolúveis enquanto não optarem por ser nações índias, negras, espanholas ou anglo-americanas. Mas como Nicarágua nos deu o glorioso reformador da poesia, aquela irrequieta república de mestiços déra ao mundo científico um matemático insigne, que às suas geniais predisposições para a imaginação científica juntava as surpreendentes aptidões ultra-psíquicas da sua raça para de memória conduzir cálculos laboriosos e construir as mais intrincadas hipóteses geométricas. Em Berkeley, onde preleccionava como «visiting professor», era olhado não só como primordial figura no seu campo esotérico, mas ainda como uma espécie de fakir maravilhoso. De longe vinham, guiando os autos vertiginosos, durante dezenas de quilómetros, ouvintes fascinados que, se bem que nem sempre penetrassem o amago do seu pensamento, não deixavam de sentir-lhe a magia do olhar, o entusiasmo da sua palavra tão aliciadora como as coisas novas que a sua inteligência concebia e lançava prodigamente.

O seu quarto era vizinho do meu. Ocupávamos um ângulo do edifício do club, um conjunto de cottages de madeira, juxtapostos, revestidos de maranhas trepadoras e, de longe, meio ocultos sob as frondes de castanheiros centenários, tão velhos que necessitavam do amparo de suportes de cimento, tão recolhidamente melancólicos na sua decadência que os diziam coevos do antigo cemitério que ocupara aquela chã, da qual pareciam subir os espíritos dos eternos dormentes a envolver em mistério e silêncio sedante todos os actos e pensamentos daquele recanto. Recanto de tranquilidade bem procurada — porque, ao anoitecer, as ruas circundantes eram fechadas com correntes para que os automóveis não perturbassem a paz da meditação e do estudo, e porque era preciso caminhar uma centena de metros por sobre empedrados húmidos da relva dos interstícios, transpor pontes de madeira, abrir cancelas várias para chegar àquele adyto do silêncio.

O meu quarto, com duas grandes janelas ao sul, deixava passar, à hora do sol, todos os ruídos da vida que brotava da mesma paz daquele recanto: o restolhar da pardalada sobre as folhas secas, pardalada familiar, quasi doméstica ao ponto de a princípio, quando fugia diante dos meus passos, me fazer hesitar como à vista de ratos confiados; o bater cavo das bolas do tennis nas raquetes e alguma exortação no

vantados em meu espirito pela crise contemporanea, que déram os themas ás ligeiras *Notas para um Idearium Português*, aos *Motivos de novo estylo*, *As duas Hespanhas*, *Menoridade da Intelligencia*, *Interpretações* e ainda *Pyrene*, phrases soltas dum longo soliloquio, superficial mas sincero como versos lyricos expressivos de intimas inquietações.

Um exegeta de alguma paciencia não teria difficuldade em encontrar e exhumar dessas paginas toda uma philosophia da historia nacional e toda uma attitude pessoal ante as duvidas contemporaneas. Se essa philosophia e essa attitude eram erradas, a ninguem transviaram porque a ninguem converteram...

mais exclamativo e nasalado inglês dos jogadores invisíveis; e compassos distantes de órgão a acompanhar ensaios de dansas rítmicas de «girls» mais invisíveis ainda, que se preparavam para alguma exibição clássica sôbre a relva, ao ar macio daquela perpétua primavera.

Como eu era um neófito do americanismo, permitia-me frequentes fugas de heterodoxia em excursões a S. Francisco, a cidade encantada das flores, da luz e das mulheres belas, varanda aberta sôbre a aspiração do Extremo Oriente negaceador. Quantas vezes vi partir, com um sentimento de separação saudosa, atraentes «liners» para viagens de circunnavegação, cheias de feitiço e de sedutoras promessas! Quando regressava a Berkeley, escandalosamente tarde para os hábitos quási fradescos dum burgo universitário, ainda via luz no quarto do meu companheiro e animava-me a entrar. Ia acha-lo a passear em diagonal, no quarto, a que o hábito americano de erguer a cama verticalmente, contra a parede, dava uma extensão maior. Do docel, que encobria a cama, pendiam um estandarte triangular, roxo e amarelo, as côres da Universidade, e a bandeira da pequena pátria do meu companheiro. E êle, em mangas de camisa, sôbre os ombros um «plaid» escocês, o cachimbo hirto entre os dentes perfeitos, os braços cruzados, passeava sempre como um condenado a perpétuo «footing».

Ao sentir-me chegar, detinha-se uns momentos, olhava-me com bondade e perguntava:

— Terminaram por hoje êsses exercícios de franciscanismo?

Respondia-lhe com um esbôço de sorriso, sentava-me a folhear os seus livros e nada lhe perguntava da sua vigília, porque demasiado sabia eu a sua causa, desde a primeira vez que êle me respondera com outras perguntas obsessionadoras:

— Que vou eu fazer para a minha terra? Diga-me: que faço eu do resto da vida?

Os seus dias iam passando, sempre gratos pela atmosfera de respeitosa simpatia e sólida admiração que o rodeava, mas iam passando inexoravelmente, aproximando cada vez mais o termo do biénio do seu mestrado naquela universidade hospitaleira — hospitaleira, mas já sob a ameaça de medidas draconeanas para os seus impulsos acolhedores. E a obsessão agravava-se, crescia, como monstro hiante e invencível para as nossas fôrças:

— Mas que faço eu do resto da vida?

Também para mim se aproximou o termo do meu prazo de «visiting professor» e também ante o meu espírito, transpondo o Atlântico e recaído no patinhar português, se levantou a pergunta amarga e perseguidora: — Qual a função da inteligência? Qual o dever dos intelectuais?

Se estas linhas caírem sob os olhos do meu glorioso companheiro da costa do Pacífico, cuja larga órbita cruzei um momento como aerolito perdido, sejam para êle a homenagem dum pobre escritor dum língua confidencial, como elle e por sua influência rendido á angustia de ver empallidecer e vasquejar a estrella guiadora, mas audaciosamente procurando sinais orientadores em motivos terrenísimos e humaníssimos.

É boa norma, como recomenda um pensador alemão, heterodoxo do germanismo e impressionado por leituras chinesas, «precisar as designações para que as palavras se adaptem à significação das coisas». Deveria ter dito impressionado por «certas» leituras chinesas, que exigentemente preconizam o gôsto da expressão exacta, porque neste mesmo momento eu leio autores taoistas, que dão à sua terminologia os mais arbitrários significados, segundo os seus desejos e os seus propósitos. No Oriente e no Ocidente as palavras são elasticas. Mais uma razão para adoptarmos um coeфициente convencional para essa elasticidade. Ao afoitar determinado conceito sobre o dever dos intellectuais nesta hora amarga para a intelligência, que entendo eu por «dever» e por «intellectual»!

Para mim dever é um imperativo da consciência — no que parece que repito Kant (esse pouco!) — ; e é também, quando claramente se formula ou desenha na consciência, a última *étape* da personalidade, com o que já lhe adito um transcendente sentido psicologico; e é ainda um ideal condutor, que dirige tôda a nossa actividade, mais um motivo que uma causa, um dinamismo em que se polarizam tôdas as energias do plano superior da acção — porque a vida é, em última essência, acção e construção. Da nossa estrutura de temperamento e caracter procedem formas individuais de reacção ante a vida; e essa reacção, conduzida por um sistema de ideais, cria-nos uma apetencia voluntarista, impele-nos para certo sentido: percorrer essa trajectoria que se nos abre, palmilha-la sem desfalecimento nem contemplações, sem ouvir a voz das sereias, nem a voz cava do interêsse, sem temer as sanções das maiorias — é o dever. Assim visto, o dever é mais que uma norma etica, é uma individualíssima emanação da personalidade, como aroma subtil que se difunde na atmosfera, como a voz, o andar, a caligrafia, as impressões dígitalis e o gôsto — o gôsto, essa misteriosa opção de cada dia por êste ou aquêlê estílo de vida. Intencionalmente uso e abuso desta palavra *estílo*, do mundo das belas artes, conjunto de caracteres ou motivos artísticos e sua original combinação; intencionalmente insisto na outra *gôsto* por expressar uma attitude estética, a da opção afectiva, mais misteriosa que interessada.

O dever é, pois, a consciência clara que o homem civilizado tem da posição que lhe cabe em certa hora, ante certo problema, da orientação de espírito e do sentido da acção, impulso que lhe sobe das profundezas do seu ser, condensado nessa maravilhosa síntese que é o gôsto estético e político. E é, quando recebido em tôda a sua plenitude, um imperativo inexorável, qualquer que seja o consenso colectivo. Foi a sua força invencível que fez alguns observadores da introspecção attribuir-lhe essência divina, porque é de facto a sublimação do homem. Nessa comprehensão do dever se forjam os heroes, os santos, os martyres, os grandes constructores e os grandes solitarios.

E que será um *intellectual*? Longe de mim o conceito estricto de profissional das sciencias, das letras e das artes, de especialista dum sector do saber ou da imaginação, o metrificador hyperesthesico, o ensaista rebuscado ou o erudito de

anecdotas e miudezas. Intellectual é, creio eu que seja o homem que se applica a comprehender, interpretar e julgar, a erguer-se a uma esphera superior de valores, ansioso de alargar o seu horizonte e de localisar cada coisa na perspectiva dum vasto conjuncto. Intellectual é o que a etymologia aponta: todo aquelle que forceja por entender e transportar para a sua exegese quotidiana da vida as perspectivas e acquisições do seu entender; é o homem que só pela consideração da verdade ordena as suas acquisições, *ad solam veritatis considerationem*, no velho dizer do intellectua-lissimo S. Thomaz de Aquino, qualquer que seja a sua profissão, mesmo que litteratura, sciencia ou arte não faça. Entre os dois rythmos contrarios que formam o drama de toda a cultura, o da inevitavel condição animal do homem ou descendente e o dos anhelos do espirito ou ascendente — o intellectual, que verdadeiramente o é, pre-fere sempre o ultimo, porque é mais fecundo caminhar para uma sagrada utopia que involuir para uma tôrpe miseria. Os profissionaes das sciencias, das letras e das artes só são intellectuaes neste amplo sentido da palavra, quando deixam á porta do seu adyto de pensamento as escorias e adherencias do rythmo descendente — *Introibo ad altare Dei* — e quando de lá transportam para a vida a elevação do ponto de vista, o desinteresse especulativo — *ad solam veritatis considerationem* —, a sympathy comprehensiva, a emoção intima com que no laboratorio ou na meditação creadora alguma coisa nova forjaram ou alguma nesga sobre o absoluto fugidio puderam abrir. Só se tem genio e só se tem talento em escassas horas da vida, mas pode-se aspirar a ser equanimemente intellectual, isto é, comprehensivo em todos os actos da vida, como aquelles monges que, exclaustrados, sabiam alliar a mais austera virtude á mais complacente indulgencia.

O que é preciso é não confundir *intelligencia*, esforço de comprehensão, e *intellectualismo*, exaggero vicioso, onanistico daquella, vezo dialectico. Uma coisa é *entender* e outra *intellectualisar* ou tomar a vida para pretexto de emmaranhados ergotismos. A intelligencia enriquece a alma e abre-a generosamente a todos os ventos, os do sentimento e os da ansiedade executiva. O intellectualismo põe cancellos á alma, fechando-a a quanto não forneça motivos de casuistica verbalista, interesses de amor proprio, caprichos de desarticuladas curiosidades como as daquelle sabio phariseu do *Jardin d'Epicure*: *Ce n'est pas ma vitrine!* Quantos homens se fizeram intellectuaes destes, por nada mais saberem fazer, por desadorarem a clareza e a simplicidade, ideaes da verdadeira intelligencia, por carecerem de criterio de valor e de solidariedade humana, semelhantes áquelles velhos japoneses, resequidos como juncos, que passam os dias a devassar e alindar um jardim de dois metros quadradados, entre grades avaras, *leur vitrine*, semelhantes ainda áquelles eruditos de quem já Cervantes, genial, mas não intellectualista, se ria: «que hay algunos que se cansan en saber y averiguar cosas que, después de sabidas y averiguadas, no importan un ardite al entendimiento ni a la memoria». (*Quijote*, II parte, cap. XXII, pag. 452 do tomo IV da ed. Rodríguez Marin).

Esse intellectualismo pode ser um veneno da intelligencia, como a baixa luxuria para o amor, pode conduzir á impotencia mal humorada e anti-social, schizophrenica dizem agora, a esses desvarios da vaidade e do ciume que geram inferioridades no-

vas e têm desacreditado a intelligencia junto dos ignorantes e dos governantes. A intelligencia é madurez plena; o intellectualismo é inexperiencia que nunca amadurece ou é decadencia precoce. Eu só cuido aqui dos intellectuais que procuram entender com rectidão de consciencia, procurando a paz interior e a compreensão dos outros pela sympathy. Desejaria restituir a designação *intelligencia* á sua frescura primitiva, como tenho tentado a respeito da critica, ao afirmar que o acto inicial ou basico do exercicio critico é a intuição, ver espontaneamente e sem prejuizos a individualidade das pessoas e das coisas.

*

Se a historia, armazenq da experiencia humana, nos oferece alguma analogia de outro momento de crise profunda e dolorosa, como o presente, e a lição dalguns intellectuais que ante uma derrocada temerosa procuraram compreender e fazer compreender, isto é, cumprir o seu dever de intellectuais, procuremos essa analogia e essa lição.

Que é que, a meus olhos, caracteriza a epocha presente da historia europêa? A abolição, por entre sarcasmos plebeus, dum conjunto de escrupulos morais e juridicos, que eram os alicerces dum systema de ideaes conductores formulados após uma carreira historica multiseccular pela exegése dos mais altos espiritos, timbre e gloria da especie humana. Ao pé disto pouco é a afflictiva crise economica produzida pelos nacionalismos aduaneiros, pela difusão da cultura technica e pela fallencia duma sciencia economica fundada sobre a escassez e o desigual desenvolvimento industrial dos povos. O velho liberalismo economico déra um alto nivel de vida nos paizes que, afinados pelo rythmo do seu tempo, lograram pratica-lo integra e longamente; o acatamento das normas morais e juridicas deu um arreigado sentimento da dignidade pessoal. O descredito ou a impotencia para galvanisar ou a extinção da magia mystica desses ideaes e a organisação desse descredito — isso é a barbarisação.

Chamo barbaro ao homem primitivo, que na força que coage a fazer ou inibe de fazer vê o ponto de partida do direito e da moral; que sobrepõe o seu violento individualismo vegetativo ao escrupuloso individualismo espiritual dos outros; que na generalisação imposta do seu proceder a toda a horda vê a própria razão delle; que não tem intervallo psychico de reflexão e juizo entre o instincto e o movimento que o satisfaz; que junta a uma clara visão do seu immediato e baixo interesse um medo panico da solidão moral e procura sommar-se e apagar-se na colectividade, seja para viver, seja para morrer.

Onde encontrar uma crise analoga?

No fim do seculo XVIII era patente o duello entre o absolutismo monarchico-aristocratico e as claras aspirações da democracia liberal; a receita fôra formulada em Inglaterra e adaptada em França para a exportação, estava integra na cabeça e nos habitos dos propagandistas e militantes da doutrina nova. Não havia lugar para perplexidades, nem para pessimismos. Ás aristocracias de sangue ia succeder o escol mental e moral da burguesia, creada e enriquecida na industria e no commercio, aristocratisada á sua maneira pelo cultivo da intelligencia.

No seculo XV-XVI tambem o rumo da historia era claro : a centralisação monarchica e a reforma ou contra-reforma religiosa, mas tudo fundado sobre um novo sentimento vital, prenhe de promessas optimistas. Nunca a personalidade humana foi tão ricamente multimoda como nesses decennios da Renascença em que se construia uma nova imagem do mundo e se delineava um sentido novo da actuação do homem.

Mas no seculo V, quando as hordas barbaras descerao do norte e se abateram sobre as provincias romanas e logo, saqueando Roma, feriram no proprio coração esse prodigioso organismo politico e cultural, matando o seu prestigio ou a sua *mandinga* ante o mundo, que elle longo tempo dominára, havia razões bem eloquentes para duvidar da civilisação que sucumbia ante a força bruta, para descrever da justiça de Deus, que deixava martyrisar os seus fieis, havia razão para ser pessimista sobre o futuro do mundo e para chorar sobre a destruição do seu thesouro espiritual ás mãos desses gigantes barbudos, de linguas selvagens e cheiro nauseabundo — como os descrevia ainda cem annos depois Sidonio Apollinario.

A analogia é patente entre as duas situações, só com o correctivo da distancia entre barbaros de alma vazia que entram na historia e barbaros de alma desiludida, mas senhores duma technica poderosa, que renunciam á historia. Ha, no seculo V e no seculo XX, o mesmo sentido aggressivo, o mesmo afogar de aristocracias esgotadas ou impotentes na multidão sem lei, sem cultura, mas com saude jorrante e appetencias invenciveis, a mesma temporaria desvalorisação do espirito, a mesma cegueira ante os rumos a seguir, a mesma opção momentanea pelo tal rythmo descendente a dentro do dualismo da alma humana. Ambas as crises são como diluvios fecundadores, com as inevitaveis diferenças de quinze seculos de civilisação e cultura. Á tomada de Roma por Alarico em 410 poderia corresponder a matança alemã de 30 de Junho de 1934. Os barbaros do seculo V desciam das florestas do norte ; os de agora sobem do chão, acumularam-se no próprio sólio da civilisação, brotaram no ambiente idoneo para a sua multiplicação, o da vida facil da liberdade e da technica, mas usam da liberdade para matar a liberdade e usam da technica para matar a sciencia pura e perseguir o espirito. São agora e então as duas sociedades em lucta, segundo a carne e segundo o espirito, como via Santo Agostinho : segundo a carne, o simples instincto vital, sem regra, immediatamente executivo, sem perspectiva nem horizonte, satisfação immediata e grosseira desse instincto vital na sua forma generica ou collectiva e supressão da cidadella interior das almas ; segundo o espirito, a aspiração ascencional para valores supra-individuaes e supra-humanos, a divina utopia que pretende deshumanisar o homem, pedindo ás suas forças mais do que ellas podem dar. É por isso que eu creio que, ao discutir este problema de ethica da intelligencia, o dever dos intellectuaes perante a derrocada dos valores do espirito, nada nos pode esclarecer tão utilmente como o conhecimento da forma por que entenderam o seu dever alguns intellectuaes do seculo V, quando ás suas portas as mulheres eram arrastadas pelos cabellos e violadas á vista dos paes e dos filhos, quando as casas dos patricios eram saqueadas e queimadas, e toda uma civilisação se desfazia em sangue e fumo.

Três obras principalmente nos traduzem essa ansiedade dos intellectuaes que testemunharam a queda da civilisação romana, três obras de larga diffusão e consoladora influencia, a que todos os manuaes de historia litteraria latina dão paginas extensas e honrosas. São os três tratados de longo fôlego, densas selvas de reflexões e divagações, mas sempre atravessadas e vitalisadas por essa brisa da intelligencia ansiosa que procura entender o seu tempo e abrir o seu caminho: *De Civitate Dei*, de Santo Agostinho; *Historiarum Libri VII*, de Paulo Orosio; e *De gubernatione Dei* de Salviano. Todos os manuaes fallam dellas com vagar, mas o melhor guia para as percorrer e para recolher essa tal brisa de inquietação e humanidade, é ainda Gaston Boissier, o inolvidavel auctor de *La fin du paganisme*, de 1892.

Ainda então os ingleses não haviam inventado a forma ligeira e volatil do ensaio (nem a historia havia inventado os proprios ingleses), porque tambem a intelligencia não ganhara a flexibilidade dialectica e expressiva, e o meio scepticismo sorridente que lhe provem da experiencia do infinito variar da historia. São homens que escrevem na intersecção de duas civilisações. Ora quasi tudo que se sabe foi adquirido nos primordios da vida social ou nos seculos mais recentes, muito antes e muito depois desses tratadistas. E os ensinamentos das reacções da consciencia colectiva, como impiedosa fragua de instinctos, paixões e interesses, muito allogica e por isso imprevisivel, só no-los poderia ministrar a experiencia concentrada, aquella que se compendia em qualquer manual de poucas paginas.

Quando Roma, já christã e com o culto pagão officialmente interdito, cahiu em poder de Alarico, um terror desiludido se apossou da massa dos crentes e uma duvida pessimista invadiu os espiritos mais reflexivos. Recrudesceram os ataques contra o christianismo; e as concepções de vida por elle postas em vigor estiveram um momento em crise, porque não affastaram o mal e porque pareciam não comportar sufficiente força consoladora. Perderam-se quasi todos os escriptos do desespero, mas conservam-se aquelles que procuraram roborar o poder balsamico da nova fé. Dentro do quadro dessa nova fé ou contra ella se fazia então todo o esforço da intelligencia para comprehender o drama de miserias presente. Então Santo Agostinho, o maior exemplo desse esforço de adaptação intellectual á dôr, debruça-se sobre a realidade, interpreta-a, recolhe os pedaços da civilisação moral que vogavam no pêgo da barbarie e com esses salvados reorganisa o sentido da vida, compõe um philtro de resignação, ministra uma philosophia moral, uma concepção da historia e, praticamente, exemplifica o cumprimento do dever. Jamais uma grande alma mereceu melhor o privilegio duma tão grande dôr e dum espectáculo tão novo, porque só pelas forças da propria intelligencia logrou sobrenadar-lhes e salvar do naufragio tudo que de grande o espirito dum homem pode conter! Que lição de serenidade e de profundez de visão, trespassando o significado dos acontecimentos atravez do sangue, da poeira, dos gritos e de toda a confusão da injustiça e do sofrimento! Foi o primeiro homem que fez da vida, com todo o seu mal e todo o seu mysterio, um cosmorama universal, em que para cada successo ha seu lugar assignalado e para cada alma uma função e um dever.

Não havia acaso, não havia capricho, tudo acontecia em cumprimento duma direcção previamente fixada, a da lucta entre o bem e o mal, em marcha episodica e cheia de alternativas que obedecia aos impenetraveis designios de Deus. A grandeza e a gloria, que jaziam agora por terra, conspurcadas de lama e descredito, tambem haviam tido seu reverso aos olhos desse romano que ousava chamar á conquista do mundo pelas legiões um grande latrocínio em que esses povos agora rebellados haviam aprendido a violencia sanguinolenta. O que elles praticavam era a guerra á romana. Cesar a tinha descripto em pleno senado: «É corrente na guerra forçar as donzellas, roubar as creanças, arrancar os ternos filhos aos peitos das mães, violentar as mulher casadas e senhoras de familia, e praticar tudo que parecer á insolencia dos vencedores: saquear os templos e as casas, levando tudo a sangue e a fogo, e, finalmente, ver as ruas, as praças, tudo cheio de armas, corpos mortos, sangue a correr, confusão e lamentos. (Liv. II, cap. V.)» Agora os barbaros não deixavam de praticar sua piedade, coisa que os romanos nunca mostraram para com os seus vencidos. Algumas vezes poupavam elles a vida aos vencidos que se tinham refugiado nos templos? Em Troia, mãe do povo romano, nem o asylo de Juno, couto sagrado para delinquentes, livrou os fugitivos da furia dos gregos.

O que de bom houvera na conquista do mundo pelas aguias romanas devia-se ás virtudes do character romano, agora extinctas, e sobretudo a Deus, auctor e favorecedor de quanto succede, a Deus que bem sabe o que quer, que não põe a claro os seus planos, mas que se deixa exorar por quem submissamente o ama. Atravez de tortuosos e fragosos caminhos, o mundo dirigia-se ao triumpho definitivo da fé e da justiça. Havia, pois, que ter esperança, que trabalhar sempre confiadamente, cumprir todos os deveres como quem collabora nesse alto ideal, pharol guiador de todas as peregrinações da pobre humanidade pelos atalhos da historia, ou como quem se prepara para bem morrer, com viril coragem e um activo de boas acções.

E se assim o prégo, melhor o fez na sua cidade de Hippona, onde morreu em plena azafama durante o cerco dos vandalos, romano sem cegueira patriotica, christão sem odio contra os barbaros que considerava instrumentos da vontade de Deus e, como taes, preparadores dum futuro melhor. Muitos tinham procurado na morte o termo de tantas desventuras, para as quaes não achavam explicação transcendente nem consolação efficaz. Santo Agostinho, pelo contrario, empenha as suas melhores e mais ardorosas diligencias dialecticas e de suggestão para demonstrar o irrefragavel character criminoso do homicidio, mesmo quando praticado no proprio, mesmo quando aparentemente auctorizado por exemplos famosos como os de Lucrecia e Catão, mesmo quando nascia do desespero inconsolavel de ter involuntariamente collaborado em peccados ominosos, como a violação das monjas. Nem essas deviam desesperar. E, depois de tudo, a morte não era fim, era principio de expiação ou de gloria; e a morte voluntaria era a fuga á dôr pelo peccado. Deus, sempre que mandava as calamidades e adversidades, fazia-o para examinar o grau dos meritos dos homens ou para castigar as suas culpas, tendo-lhes preparado o premio eterno por haverem soffrido com firmeza esses infortunios temporaes.

Deste esforço comprehensivo de Santo Agostinho — com todos os seus erros

historicos e todas as ingenuidades da sua fé e a grande contradicção de ter por insondaveis os desgnios de Deus e tão bem os decifrar — deste esforço comprehensivo nasceu a philosophia da historia e a propria historia universal. Ninguem antes de Agostinho assim abraçara num grande conspecto a totalidade humana, atravez da confusão das civilisações e das contradicções do seu desenvolvimento.

Logo dois discipulos, Sulpicio Severo, da Gallia, e Orosio, da Hispania — da Lusitania, segundo Felix Dahn — se applicaram a essa disciplina nova, a historia da humanidade que incorporava e considerava muitos povos e uma extensão chronologica maior que a do imperio romano e que girava em tórno dum fulcro novo, não já a expansão da *urbs*, mas o advento e a irradiação da fé christã. Destes dois auctores só Orosio, com a ardencia do seu sangue iberico, se deixou levar pelo impulso combativo — combativo porque então comprehender era combater, fazer frente ao mysterio da realidade, procurar com perseverança a sahida dum labyrintho. Agostinho chegou a exemplificar dialogos polemicos, com os barbaros e os scepticos. As ideas do bispo de Hippona, no tratado de Orosio, *Adversus paganos historiarum libri VII*, tornaram-se mais chãmente precisas, mas tambem mais exaggeradamente ingenuas. Sempre o mal foi condição da vida, mas sempre o mal presente doeu mais que o mal passado. E o desenrolar da historia universal, segundo Orosio, era uma ininterrupta sequencia de calamidades e miserias, ainda que todas convergentes ao nascimento da fé christã e ao seu triumpho, porque era a divina Providencia que desflava esse rosario. Trabalho custava á argucia de Orosio extrahir uma conclusão de optimismo duma visão tão pessimista da historia e da natureza humana. Mas não é a philosophia da historia de Agostinho, applicada e exaggerada por Orosio, o aspecto de maior interesse da sua obra para o meu ponto de vista deste momento. O que o seu tratado contem de mais vivo, a sua grande vibração humana, o seu fundamental ensinamento é a posição do seu espirito perante os barbaros, que haviam destruido a civilisação romana, a civilisação que adoptara e que sustentava o christianismo, cujo triumpho era o objectivo final de toda a dolorosa confusão da historia ; é a sua attitude de comprehensão. Os maleficios dos barbaros eram advertencias de Deus, da sua misericordia, que os fazia respeitar os templos como lugares de refugio e não já como lugares de captiveiro, segundo se vira em Troia. Era uma observação de Santo Agostinho que o discipulo glosava de novo. As glorias romanas, que echoaram por todo o mundo e encheram de orgulho a alma patricia, construíram sobre alicerces malditos : o sangue, as lagrimas e os soffrimentos dos povos vencidos. Esses povos amaldiçoaram o dia em que os vencedores os fizeram romanos á força — titulo de que se gloriam hoje os seus descendentes. Pois chegaria tambem a hora em que os descendentes dos vencidos pelos barbaros haviam de abençoar os soffrimentos de hoje como a aurora de novos e melhores tempos. No proprio character barbaro via aspectos acceitaveis, bons até, a tendencia para attenuar a sua grosseira impulsividade, a cessação de perseguições inuteis contra os vencidos, a carencia de odio ás suas victimas. Este optimismo, em que vislumbram raios de espirito prophetic, vem contrastar singularmente o azedume queixoso e sem finalidade de outros auctores, como Paulino de Pella, Oriencio, Prudencio e os anonymos poemas attribuidos a S. Pros-

pero, e documenta um grande esforço por comprehender o seu tempo, em verdade bem difficil de julgar sem descoroçoamento.

Orosio escrevia dez annos depois da invasão. Abria os olhos á dolorosa realidade, mas ainda não cria na ruina definitiva do imperio. Apesar de ter desfiado o ro-sario das calamidades dás conquistas romanas, ainda se comprazia em recordar a tranquillidade e a segurança que Roma trouxera ao mundo : «Outr'ora os vencidos não tinham nenhum refugio ; hoje, christão e romano, eu posso ir Procurar os christãos e os romanos». Mas Salviano, que escrevia quarenta annos depois, á vista dos progres-sos indiscutíveis da invasão, já não tem illusões sobre a derrocada do mundo em que se creára. Escrevia na Gallia do sul ; e as provincias não tiveram que esperar pelo golpe de Odoacro para perceber a verdade toda. Um clamor geral se erguia das almas desesperadas. Os romanos, que tão grandes serviços haviam prestado ao mundo e a Deus, eram tyrannisados pelas hordas barbaras sem fé, sem lei. Que Deus e que justiça !? Assim, com mais experiencia, ainda que com menos serenidade que Orosio, Salviano tenta responder a esse clamor na obra *De gubernatione Dei*. O tom da obra, ardente, militante, corresponde ao que hoje chamaríamos uma campanha jornalística ou pamphletaria. E argumenta : os barbaros desbarataram os romanos, porque foram protegidos por Deus e Deus protegeu os porque os prefere com suas virtudes aos ro-manos com seus vicios. E pinta-nos um quadro da sociedade romana coeva, mais pessimista que verídico, para nos mostrar que ella era uma cloaca de imundicies e que merecia o seu triste destino. Christãos na apparencia, esses romanos dos derradeiros tempos continuavam pagãos no intimo, porque raros eram os que não praticavam os dois maiores pecados, o homicidio e o adulterio ; a escravidão, que subsistira intacta, é que era a grande fomentadora desses pecados. Os homens publicos e os funciona-rios oprimiam, abusando do poder e extorquindo impostos desmedidos. Por toda a parte o vicio e a corrupção. Já dos barbaros não pensava assim. Quando pecavam ou o faziam por ignorancia, porque eram infieis, ou o faziam de boa fé, porque eram he-rejes, em ambos os casos sem responsabilidade. E sob a capa da sua brutal violencia e dos seus pecados, havia um fundo de virtude que Salviano exagerava como exa-gerava os vicios romanos : eram unidos e solidarios uns com os outros ; não prati-cavam os abominaveis jogos publicos ; perseguiam a prostituição, como fizera Gen-serico em Carthago ; e eram tementes a Deus, a quem oravam a pedir a vitoria, antes dos combates. Distinguia mesmo virtudes peculiares entre as varias hordas, com-pensadoras dos defeitos : os godos eram perfidos, mas castos ; os alanos debochados, mas já menos perfidos ; os francos mentirosos, mas hospitaleiros ; os saxões horri-velmente crueis, mas admiraveis pela castidade.

Há, pois, nestes três pensadores contemporâneos dum dos maiores sucessos da história, uma eloquente exemplificação da maneira de cumprir o seu dever de inte-lectuais e uma gradação nessa maneira : todos procuraram entender e fazer entender o que presenceavam e exercer acção orientadora por meio da organização de ideas, crendo na influencia do espirito, mesmo nas horas amargas do seu maior descrédito ; sobre todos o desenrolar dos sucessos exerceu tambem sua acção, em Santo Agos-tinho erguendo-o á maior altura da serenidade e da perspectiva, em Orosio desper-

tando a curiosidade já laivada de *sympathia* pelo barbaro, a grande e nova realidade do tempo, em Salviano revelando os aspectos positivos da crise e acendendo esperanças que subiam das proprias ruínas.

Estes intellectuaes do remoto seculo V não se bandearam com os barbaros, nem descreeram do espirito vencido, não se fecharam na sua torre eburnea, inacessiveis á lição das duras realidades, esperando inabalaveis no seu passadismo o retôrno dos velhos tempos e dos velhos ideaes que os tinham guiado. Receberam em cheio a emoção dos sucessos, sentindo-os mais fundamente ainda, porque nas almas grandes a dôr é sempre maior que nas almas comuns; receberam-na e procuraram compreende-la e um deles, o maior de todos, viveu, pensou e trabalhou sempre segundo o espirito e os ideaes que soubera fraguar da sua propria dôr e segundo o seu dever de entender e proclamar a sua forma de entender, sem crer ou sem temer que o mundo, o seu mundo acabasse, sem mesmo ver na hypothese do fim motivo para se apartar do seu dever de sacerdote do pensamento.

*

E' essa a moralidade que eu extraio do conto. Perante esta nova invasão dos barbaros, a invasão vertical, segundo Rathenau, a revolta das forças telluricas, segundo Keyserling, a rebelião das massas, segundo Ortega y Gasset, a chegada duma nova Edade Media, segundo Berdiaeff, por muito que a brutalidade dos sucessos o emocioe, o intellectual tem de furtar-se á geral perplexidade, para bem cumprir a sua verdadeira funcção que é entender. Os que se bandearam com essas forças telluricas, á volta, praticaram o que Julien Benda incisivamente e indignamente chamou *la trahison des clerics*, mas os que se fecharam á realidade e se negaram a tomar conhecimento da lição cruel da experiencia praticaram o que eu chamaria, na mesma terminologia de Benda, *l'impuissance des clerics*. Se a traição, que subordinou o espirito á força e que lhe forneceu as primarias improvisações doutrinaes e as mentiras dynamicas de que se alimenta, deu prestigios novos á violencia, a renuncia abstencionista só aumentou o descredito da intelligencia entre os barbaros -- descredito que já fôra iniciado por certo especialismo unilateral do seculo XIX, mutilador da personalidade, divisão infinitesimal do panorama da vida, sem *sympathia* humana, sem conteúdo philosophico, edificação estranha ao proprio espirito, qual casa que o pedreiro ajuda a construir e nunca habitará. Como a sensação primordial dos intellectuaes de hoje, dos que não trahem, é a do isolamento, porque as suas ideas não repercutem e porque a sua profissão ou o seu typo social perdeu grande parte do ascendente moral que desfructou no seculo XIX, muitos tomaram a sua represalia, isolando-se definitivamente e passando a pensar em segredo, á espera do regresso do mundo anterior á guerra e do restabelecimento das legitimas prioridades da intelligencia. Esses são dos que não crêem na tomada de Roma e esperam que os barbaros de Odoacro lh'a restituam... Esses são os sebasteanistas que indefinidamente aguardam na praia a chegada do Encoberto e a resurreição do seu imperio... Esses estão no Porto Pi-reu...

Ora o dever dos intellectuaes não é incorporar-se no cortejo impressivo e rui-

doso, como gaiatos suggestionados pelo rythmo marcial duma banda em marcha, nem retirar-se para o cenobio da contemplação; é comprehender, é resolutamente procurar pé na confusão das ideas e dos valores, para do naufragio retirar pranchas com que se construa uma jangada salvadora, embora provisoria. Só vive o espirito que se agita numa constante renovação e adaptação, como o organismo. Mas comprehender não é nunca dar razão ao vencedor, só porque é vencedor, e correr *em seu auxilio* com um devorismo impaciente. Esse criterio de juizo, quando é desinteressado, é um equivoco de mentalidade primitiva, semelhante ao duello judiciario da Edade Media, em que se subentendia que Deus dava sempre a victoria ao combatente que tinha por si o direito.

O dever dos intellectuaes é procurar entender sempre, com liberdade e sem liberdade, com o poder e sem o poder, em pleno prestigio do seu mister e sem elle, com a certeza de repercussão para as suas ideas e sem ella, ainda isolados e perdidos como Robinsos. O homem forte não teme a solidão e não duvida do seu entender, laboriosamente conquistado, só porque lhe falte a solidariedade zelosa dum côro de adeptos. Se todos os habitantes duma cidade, menos um, contrahissem a morphéa, esse unico isento não deveria duvidar da sua saude. A verdade tem sua magia propria. De onde estiver ha-de emergir cedo ou tarde, mas, exercida com orgulho ou com modestia, tem de contar sempre com sua opposição, porque ella é sempre, na origem, contradicção para alguns, visão a distancia por cima das cabeças e envolve sempre aspectos negativos e demolidores. E não se creia que a liberdade politica e a indiferença religiosa sejam indispensaveis á construcção do pensamento e á reflexão sobre os problemas mais agudos e ardentes duma epocha. O mundo interior é inviolavel. Isso de suppor que o pensamento só pode exercer-se num ambiente de ampla liberdade, apenas com as limitações da responsabilidade da consciencia do pensador e as sancções da opinião publica tambem livremente expressa, é uma idea muito do seculo XIX, em que repetidamente se confundiu intelligencia com critica politica e jornalismo, e em que o habito da liberdade plena se havia tornado uma necessidade vital, como a respiração. Essa mesma identificação da intelligencia com certos aspectos della, a critica politica e o jornalismo, a praticam de algum modo Charles Maurras no seu immoralissimo livro *L'avenir de l'intelligence* e Julien Benda em *La trahison des clercs*, livro que foi uma nobilissima acção. Na cabeça do homem cabem todas as contradicções: ao lado da mais passiva obediencia ao dogma religioso a mais alta inspiração do genio; ao lado da sobrevivencia de habitos, conceitos e valores errados a mais arroubada inspiração innovadora. Todo o *seculo de ouro* da litteratura hespanhola constitue um flagrante exemplo. As verdades mais revolucionarias foram achadas num ambiente de tyrannia. E quasi sempre, quando a liberdade intellectual foi perseguida e teve seus martyres, foi-o mais pela intolerancia religiosa que pelo despotismo politico. Este não desgosta de se decorar com os triumphos da intelligencia e de assignalar epochas de esplendor intellectual com o seu nome — o seculo de Augusto, o seculo de Luiz XIV — e, fóra dos casos em que a critica directamente o visava, se algumas vezes matou a intelligencia, quasi sempre o fez por acaso ou ignorancia, como o soldado romano que trespassou com a sua lança a Ar-

chimesdes absôrto em meditação. E alegremo-nos com os choques da intelligencia com a intolerancia religiosa, alegremo-nos com esse martyrologio, porque elle tem sido sempre uma advertencia de que um facho novo se accendeu no mundo.

Muitas vezes foi a propria anticipação adivinhadora do genio a sua melhor defeza, porque a distancia que separou a obra e a sua repercussão impediu os seus adversarios de lhe medir toda a força revolucionaria. E o que se nos affigura injustiça ou indiferença foi afinal simples defeza por um ambiente de tranquillidade e confiança. Teria Gregor Mendel chegado ao fim das suas investigações, se um exito immediato houvesse dado character sensacional e jornalístico ás suas descobertas? Permittir-lh'as-ia a Igreja, se esse exito lhe houvesse revelado que o frade de Brünn com os cruzamentos das ervilhas da sua horta lançava as bases da eugenesia, sciencia nova tão pouco do agrado da mesma Igreja? Não vem a malevolencia hitleriana contra o genio de Einstein da universal influencia da sua doutrina, que deu força maior ao seu protesto e gloria nova e indignações novas aos judeus? O trabalho intellectual necessita de silencio e de indiferença protectora.

Dir-se-ha que este meu conceito do dever dos intellectuaes, a um tempo tão simples e tão complexo, — entender — é para o fôro intimo, é uma solução pessoal e nada adianta, porque não influe no decurso dos sucessos, como tambem, revertendo ao meu exemplo do século V, as obras de Santo Agostinho, Orosio e Salviano nenhuma influencia exerceram. A barbarie proseguiu seu caminho sanguinolento e os vandalas, sitiantes de Hippona, não se detiveram a soletrar o succulento tratado com que esse grande espirito fundára a philosophia da historia, num tempo em que as obras litterarias só por escassas copias podiam circular... Esta objecção é um erro, um erro lamentavel, porque presuppõe ainda um conceito barbaro da intelligencia, que só valeria, quando fosse feiticeira e realizasse maravilhas de prestidigitación e transmutação immediatas. Assim pensavam os indios da America ao ver os efeitos das armas de fogo do Caramurú. Nesta minha exhortação — intellectuaes, cumpramos o nosso dever de entender! — está postulada a certeza da influencia do espirito, mesmo a longa distancia, mesmo nas horas da violencia; e nesse exemplo do seculo V ella se confirma, porque as três obras influiram profundamente, sobre todas a maior, a de Santo Agostinho, — que foi um dos alentadores da floração espiritual da Edade Media, da luz pura que surgiu dessa fumarada confusa e sangrenta.

Agora não ha um Santo Agostinho, nem dispomos duma fé nova ainda no inicio da sua evolução creadora, não somos três os espiritos que procuramos entender o cahos, nem três mil, somos um pequeno exercito de homens de pensamento espalhados pelo mundo, em meio do proprio acampamento dos barbaros, e cada um de nós dispõe duma experiencia historica e dum saber positivo muito maiores que os de Santo Agostinho.

E qual o methodo para bem cumprir esse dever de rectamente entender? O methodo é a leitura attenta da biographia da humanidade, a reflexão sobre os factos vividos e a sondagem profunda das tendencias intimas do homem moderno, uma sondagem á Proust ou um formidavel *test* sem limitações e sem prejuizos. É um methodo que só pode ser praticado pelos homens do passado, os historiadores de faro politico

á Ferrero e Oliveira Martins, e pelos homens do futuro, os prophetas á Keyserling e Curtius, que sabem trazer á expressão do primeiro plano as correntes obscuras do sub-consciente. É um methodo de extremas dificuldades, porque não comporta verificação experimental e porque investiga sobre um sector de estudos acerca do qual o homem sabe ainda muito pouco: as reacções e interacções da consciencia colectiva. E sabe muito pouco, porque, apesar dos milhares de annos da sua carreira historica ou do milhão que dizem alguns, contando a prehistoria, vae ainda no limiar da sua vida adulta e reflexiva, atravessa os primeiros ensaios de organizações sociaes norteadas por um ideal de justiça e de liberdade. Se eu fosse rico e pudesse permittir-me um desses rasgos de mecenatismo que fazem a honra do capitalismo americano, fundava um centro de estudos sobre esse campo novo, que é afinal velhissimo: formação e evolução da consciencia collectiva; reacções dela ante factos novos; enriquecimento do sub-consciente e suas irrupções emocionaes; interacções revulsivas dessa consciencia collectiva, até chegar á filtragem da essencia ultima, o gôsto peculiar de cada epocha, o gôsto que fixa o estylo da cultura. Contribuiria assim para proporcionar uma base objectiva á arte politica, base bem mais segura que a tal synthese scientifica *definitiva* de Augusto Comte, que se deslumbrou antes de tempo com as conquistas da sciencia. Uma mais intima comprehensão do animal humano, como ensinam algumas sciencias modernas, e uma habil leitura da historia, sem as deformações dos preconceitos marcial e revolucionario, seriam os microscopios poderosos dessa disciplina, que phantasio...

*

Mas quem vive longe dos centros em que se cria a cultura e se forja a historia tem muita dificuldade em applicar o tal methodo de sondagem profunda para comprehender; aos lugares de desterro os ventos da historia chegam muito empobrecidos de pollens fecundos, de forças de bem e de forças de mal. É necessario trabalhar com materiaes de segunda mão ou contentarmo-nos com rememorar trivialidades. Certo é que, tanto nesse mundo vivo e creador como na distante patriasita do meu amigo hispano-americano, a historia da peregrinação do homem sobre a terra é uma inquieta e constante renovação nas formas do seu adaptar-se ao meio physico, do seu accommodar-se collectivo, do reflexo do universo sobre a sua alma e da interpretação da experiencia vivida. Recordarei outra vez: a leitura da historia mata o medo da historia. O futuro será o que foi o passado: inquietação renovadora. O homem civilisado é, essencialmente, um ser creador de futuro. Já um psychologo francês, M. Callaye, delineou uma caracterisação moral das três raças sobre essa base da projecção temporal da existencia: o negro vivo no presente, sem sentimento historico e sem perspectiva futura; o amarello vive na contemplação do passado, como quem crê fechado o cyclo das suas experiencias; e o branco vive um dynamismo de prospecção para o futuro, que lhe dá movimentada inquietação e fé na melhoria de condições de vida, naquilo que a terminologia liberal chamava *progresso*. A formula é mnemonica e feliz, e confirma-se com a propria excepção japonesa, porque esses

amarelos sahiram da contemplação passadista no dia em que assimilaram a cultura dos brancos.

Caminhando sem direcção previa, tacteando e hesitando como quem procura o seu rumo, só entregue ao seu expediente, o homem ensaia sem cessar formulas novas de organica social, sempre varias a dentro do quadro limitado que lhe fixam as condições do meio e as suas proprias condições de animal mais intelligente que forte. No momento em que se gastou e morreu um estylo politico, moral e esthetico, logo começou a criação doutro, porque a humanidade só pode viver dentro de algum estylo que lhe dê forma organica. O estylo mais unanimemente acatado durante a sua vigencia foi na sua gênese violencia creadora, dos homens e da natureza. A *pax romana*, tão encomiada pelos apologistas do cesarismo, nasceu de meio seculo de luctas civis. A confusão da barbarie do seculo V foi a base da alta e complexa ordem juridica da Edade Media. As nacionalidades modernas nasceram das luctas titanicas dos reis com as classes privilegiadas. As prerogativas individuaes e a liberdade moderna nasceram das orgias de sangue da Inglaterra do seculo XVII e da França revolucionaria. E agora isto que os seus interpretadores chamam dos nomes mais diversos, essa irrupção dos barbaros, excesso populacional com baixo nivel de cultura, alheio á influencia da escola e com um sentimento vital novo, massa que em seu seio afoga as aristocracias conductoras — as quaes, sendo impotentes, têm de morrer, como morreram as do seculo V — isto de agora parece-me uma explosão de saude, uma reanimalisação do homem, que se rebella contra o nivel de vida allissimo, a que o ergueu o seculo XIX, altura a que não pode chegar o homem medio. Para se ser um perfeito cidadão duma democracia, para bem cumprir, consciente e devotamente, todos os deveres politicos e civis, profissionaes e de classe, de familia e individuaes, e para bem exercer os correspondentes e magros direitos era quasi preciso ter genio e, sem duvida, renunciar á verdadeira liberdade e ao direito de ser um animal forte e são, despreocupadamente são. E com tudo isso, com essa embaraçosa maranha de direitos e deveres, com todos os escrupulos da consciencia politica, moral e religiosa, com o opulento armazenar duma cultura de gabinete, o homem não resolveu problemas limiares: o pão, a justiça e a cultura.

É contra esta utopia do século XIX, que presumiu demasiado da humanidade media e esqueceu problemas fundamentais, a rebelião da turba, que, mais sã na sua barbarie que as *élites* cultas, mas esgotadas, volta a amar e a preferir a belleza physica, a saude e a dextreza pessoal, e a oppor a uma concepção espiritual e individualista da vida e a uma aspiração de valores eternos uma concepção desportiva e collectiva e uma franca opção por limitados valores presentes.

Agora, como no seculo V, com os barbaros da invasão horizontal, como no seculo XVI com o lutheranismo, é a Alemanha o centro principal donde irradia essa brutalidade reanimalisadora. A philosophia allemã do seculo XIX, principalmente com as ideologias irracionalistas mais modernas, deu a preparação doutrinaria; o exaggero desportivo, os concursos de belleza e o nudismo, a musica e a dansa negras foram os symptomas annunciadores da generalisação dum novo gôsto; e o racismo, com a sua noite de 30 de Junho de 1934, a sua expressão plena. Georges Sorel, o theorico da

violencia, mestre de Lenine e Mussolini, é um espirito deslatinizado, filho do marxismo germanico.

Pela terceira vez, as hordas germanicas trazem lenha verde para uma fogueira que se ia extinguir, na velha metaphora de Guizot. Pela terceira vez o conceito latino e anglo-saxão da personalidade livre vae defrontar-se com a advertencia reanimalisadora dos germanos, que parecem cumprir assim uma missão compensadora no equilibrio espiritual da Europa. Essa epidemia de germanismo, sem considerar por agora as formas catastrophicas a que pode levar os povos, está prestando serviços transcendentales para o futuro, porque demonstra que os homens só são iguaes na brutalidade quando os irmana a disciplina duma nova mystica, mas que considerados na sua individualidade são differentissimos, tão differentes quanto os pode conceber a misteriosa chimica dos temperamentos e caracteres. Boll e Delmas, que pretenderam desvendar um pouco desse mysterio, contaram alguns milhões de gradações moraes e typos humanos !

Mas se os homens são differentissimos, das alturas de genio ás miserias do cretinismo, da santidade ao fatalismo do crime, é necessario que sejam conduzidos pelos melhores ; e se os melhores, que vieram á tona no regimen liberal, foram ou vão ser absorvidos pela maré alta da turba rebellada, necessario é crear *élites* novas e restabelecer o sentido aristocratico ou aristophilo da existencia. Aristocratico na rigorosa acepção etymologica ; poder dos melhores ou excelentes. Essa *élite*, que se ha de destacar da turba, nada tem de comum com a velha aristocracia de sangue, exhausta ha seculos, nem com a plutocracia do fim do seculo XIX, nem com os domadores que surgiram improvisadamente desse oceano de instinctos e que foram os reis barbaros do seculo V e os *meneurs* da hora presente. Tem de ser uma selecção dos melhores biologicamente considerados, dos melhores que as normas scientificas da eugenesia, da biotypologia e da orientação profissional ajudarão a destacar da massa cinzenta. Só aos melhores cabe a direcção do mundo, provenham donde provierem, mas a todos cabe o pão sadio e o abrigo hygienico, honradamente ganhos pelo trabalho livre, como todos têm direito á justiça e á cultura, que dignificam o homem e o trazem á altura do seu tempo. O caminho é para uma superação do liberalismo, alguma coisa que delle deriva e o excede. Longe, portanto, do horizonte da historia proxima a constituição de uma nova aristocracia privilegiada, hereditaria ou não, uma intellectocracia tão odiosa como uma casta sacerdotal ou castrense ; o que tende a definir-se é um novo sistema selectivo sobre as bases, que a sciencia já proporciona e que não foram ainda tornadas valor pratico de technica e applicação.

Desta crise da liberdade parece provir um conceito novo da liberdade, com a limitação de parcelares liberdades suicidas : a liberdade de ser ignorante, syphilitico, leproso, ocioso, piolhoso e, com a simplificação dos pharisaismos juridicos, hoje hypocritamente parodiados pelos maiores inimigos da liberdade, todas essas complicações enleadoras já denunciadas por Spencer. A' liberdade politica succedeu um pouco o que succedeu aos direitos dos accionistas nas sociedades anonymas, agora propriedade de alguns que se servem das formulas para legitimar o seu confisco.

Mais que a liberdade de votar, de ser jurado e de criticar a coisa publica pelas

esquinas, o homem multitudinario, depois de assimilado pela escola e pelo abrandamento da atmosfera moral, procurará a liberdade de chegar ao pão e á cultura proporcionados ás suas possibilidades. Essa segurança do pão quotidiano traz implicita uma revolução profunda nos fundamentos da sciencia economica, tal como a construiu o seculo XVIII, assentando-a na escassez e no desigual desenvolvimento dos povos. Uma economia nova, contando com a abundancia da machina e a livre troca, traz no ventre uma chocante consequencia, a limitação da soberania economica dos povos. Aquelle platonico organismo de Genebra pode dar a forma externa para alguma federação economica internacional, que será a resultante de todas estas economias dirigidas, que pretendem equivocadamente restabelecer a escassez do que abunda ou se sabe fazer em abundancia e dividir o mundo em pateos prisionaes de altos muros. Tambem para os povos acabarão as liberdades suicidas: a floresta virgem, o mar morto do analfabetismo, as rotinas agricolas e industriaes, as terras incultas, as minas inexploradas.

São as gerações novas que compõem as hordas rebeliadas, mesmo quando sobre ellas se tentou o trabalho da assimilação pela cultura, trabalho quasi sempre fracassado, porque o systema de educação vigente na maior parte dos paizes já não corresponde a uma *civilização em mudança* (*changing civilization* — a palavra é de Kilpatrick), mesmo nos Estados Unidos, o unico povo que pôs a sua universidade ao serviço da assimilação da turba.

A gente moça não acha na escola a satisfação das suas curiosidades de espirito, nem a solução do seu problema economico e encontra-se sem finalidade superior na vida. Qual pode ser o seu destino ideal? O saber puro, a elevação da intelligencia? Não, porque a intelligencia foi reduzida á menoridade, minguada nos seus credits e na sua efficiencia social. A riqueza? Não, porque a riqueza, nesta crise do capitalismo e nesta hora de excessiva burocratisação e proletarisação das classes medias e das profissões liberaes tende a tornar-se um monopolio do Estado. A influencia e o poder? Tambem não, porque uma e outra coisa já se não conseguem pelo recto caminho da livre expansão da individualidade e pela publica affirmação de talentos, que o liberalismo e a timidez do Estado liberal permittiam, mas só se alcançam por solidariedades sectarias e confessionaes e pela projecção renunciadora no seio da turba em marcha com sua pobreza doutrinaria, mas com sua exuberancia de força, portanto com a certeza da victoria. A liberdade? O seu mystico proselytismo? Menos ainda, porque o seu conceito novecentista agonisa entre violencias e é mesmo o alvo preferido pelos assaltantes.

Apesar de tudo isto, perante a crise de todos os ideaes que me alimentaram a juventude e perante a realidade amarga do vazio da existencia para quem se não projecta renegadamente na turba, não sou pessimista sobre o futuro. Percorremos um longo tunnel, á sahida do qual nos espera uma paizagem luminosa. O que pode causar desalento é a extensão do tunnel. . . Quantos ficarão no meio da viagem!

Como os da invasão do seculo V, os barbaros que irromperam no seculo XX representam uma brutal reacção de animalidade sã e um alargamento do palco em que se encena o drama da historia. Naquelle seculo distante foram regiões novas

que entraram na fragua creadora da historia; a Romania decompôs-se em fócios varios, deixando de receber a luz e o calor dum unico e remoto fóco central. Adoçados pelo christianismo e perfilhando o que havia ainda de vivo na cultura romana, os barbaros trouxeram com o seu cahos uma poderosa floração espiritual, a da Edade Media, que creou as nacionalidades, as linguas e as litteraturas modernas, que ergueu a arte gothica e a escholastica, toda uma imagem do mundo que conduziu e consolou a humanidade por longos seculos.

Tambem os barbaros novos hão-de ser assimilados, se não se resignarem a morrer ás mãos uns dos outros, afogados na propria barbarie, a barbarie que Alarico temia quando manteve no throno um simulacro de imperador, mesmo depois de lhe tomar e saquear a sagrada *urbs*. Serão assimilados, não já pelo christianismo porque do christianismo sahem ou delle guardam o que pode coexistir com a sua rebeldia, mas pela cultura, pela transmissão dum catecismo de valores, de concepções do mundo e da vida, e por technicas de applicação e orientação dessa energia nova. Cultura no sentido, que noutro lugar defendi, e transmittida pelo processo ahi mesmo proposto (*Menoridade da intelligencia*). Já lembrei que estas paginas concluem uma reflexão pessoal; é, pois, legitimo que uma vez mais empregue a nomenclatura que tive de adoptar. E a respeito da minha fé na assimilação pela cultura, recordarei tambem que se trata, não de barbaros de alma vazia, mas de barbaros civilisados, barbaros que são um producto da propria civilisação e das suas commodidades technicas. Não são barbaros aos quaes se prégue o que elles estão fartos de saber e que já perdeu o seu poder magico.

Quando, pelo esgotamento das ideas e valores, que orientaram os homens durante uma certa epocha da sua marcha historica, um estylo politico abre crise, isto é, o gôsto publico delle se aparta, os homens não voltam atraz ao archivo da sua experiencia, a buscar um figurino abandonado para o repôr em moda. Nunca se viu isso na historia, nem no seculo V, quando sobravam as razões para o apparecimento dessa nostalgia historica. O que tem havido é equívocos momentaneos, como o parenthesis da Santa Aliança no seculo XIX. As proprias causas emocionaes, o trabalho revulsivo das consciencias, o gôsto politico em formação é que vão dia a dia discernindo na realidade social em movimento o desenho dum estylo novo. A historia é creadora, mas creadora de estruturas singulares, individualissimas, typicas de cada epocha, ainda que todas tenham de comum o que resulta da permanencia do fundo moral do homem, que é sempre o mesmo animal. A historia é creadora, mas não repetidora. Eu atrever-me-hia a afoitar que a historia é anti-historica, porque cria sempre e esquece sempre, desdenha os caminhos percorridos, marcha para o futuro, num sentido opposto ao da mente dos historiadores que palmilham a mesma trajectoria ao revez, do presente para o passado.

O que faz a difficuldade da interpretação deste cahos é a tendencia dalguns espiritos para se consolarem da queda dos seus idolos com a obstinada crença no seu retôrno e é tambem a adherencia grosseira ou interesseira de certas ideologias mortas que procuram uma illusão de vida na agua turva. É como um brotar parasitico de feitiçarias e curandices num ambiente de perplexidades, de tibieza do espirito critico e

de medo da vida, aquelle medo dos homens primitivos, rodeados de mysterios e influencias malignas. A difficuldade provem ainda do spectaculo dum triste martyrologio, as tomadas de Roma, as noites de 30 de Junho. Mas, como Santo Agostinho salvou a serenidade da sua intelligencia á vista dos vandalas — vistos então pela primeira vez na historia — serenamente tambem nos debrucemos sobre o fluir da realidade social e applicuemo-nos a discriminar o sentido do seu curso atravez de lodações e redemoinhos. Quem sabe ver uma tourada, fixa a attenção no touro, só vê o duello entre a fera impetuosa e a destreza insuperavel dum homem debil, mas consumado artista, e abstrahе dos cavallos estripados, victimas necessarias, cruelmente necessarias naquelle brutal spectaculo.

Esta irrupção de barbarie, que é uma especie de infecção de germanismo a provocar uma reacção organica, vem coincidir com uma alta floração scientifica, a que de novo o heroismo presta collaboração, e com um dominio tecnico da natureza, que devem orgulhar os homens de hoje. Nunca o homem soube tanto e pôde esperar tanto saber ainda dos enigmas da vida e do universo, nunca dispôs de tantos meios para extrahir da terra o seu pão e o seu abrigo e nunca teve tão grande acêrvo de motivos para sua meditação e elevação espiritual como nestes dias de cahos, de cahos creador como o da Biblia! E nunca elle revelou nas altas regiões do espirito um tão nobre sentido religioso, porque, se alguma coisa divina subsiste no homem, é certamente a intelligencia esse *quid divinum*, a intelligencia que ensina a comprehender e a amar e que ao mesmo tempo adverte o homem da sua pequenez e lhe empresta azas para superar as suas condições humilimas. Pensar com rectidão e com modestia poderia equivaler a orar. A fé dos humildes, dispersa pela meia intelligencia, pode renascer nas regiões superiores do pensamento, invertendo a formula de Santo Agostinho: *Intelligo ut credam*.

É uma epocha prenhe de surpresas e de problemas, tudo que se incuba nas conquistas espirituaes, scientificas e technicas do seculo corrente, uma epocha renovadora que as gerações futuras hão-de considerar como uma era de privilegio, aureolada de prestigios immarcesciveis, quando tenham passado e esquecido os hístionismos e os equivocos occasionaes.

Não ha-de então o homem, intelligente e poderoso como nunca, saber extrahir uma ordem nova deste assalto geral á *urbs* sagrada, desta revolta dos *robots* de Tchapek? O problema politico-social da accommodação interna das sociedades está para os transcendentales problemas da cultura na mesma relação que um pequeno problema policial para os altos problemas politicos. Para elaborar a cultura são necessarios genio creador e continuidade historica na investigação; para accommodar pacificamente os homens que querem todos pão e abrigo chegam o espirito de realidade, o sentimento da justiça, a firmeza, a hygienisação da intelligencia pela suppressão dos sarros historicos, o recurso ao saber novamente adquirido e a cooperação internacional. Com isto se pode chegar a construir esse almejado estylo novo para que se caminha. Espirito de realidade significaria aqui o conhecimento mais seguro das possibilidades do homem medio, menores do que se crê, e das tendencias profundas do oceano sub-consciente, que, mais do que se crê, commanda quasi todos os actos hu-

manos. Ainda aqui a Allemanha desempenhou uma salutar influencia, a despeito da barbarie hitleriana, porque foi a sua philosophia que chamou a attenção para o character irracionalista ou alogico da vida e foi a sua psychologia que pôs em relevo a soberania do sub-consciente.

Assim passa a vida, pensando-se nestas coisas e noutras, muitas outras e muito outras, cada qual seguindo suas inclinações, assim passa a vida, mesmo para aquelle meu companheiro de Berkeley, que a julgava longa, excessivamente longa. Chegados ao fim, se nos enganámos não perdemos tudo, porque illudimos a vida com essas interpretações provisórias; e se nalguma coisa acertámos, obtivemos a gloria triste dos precursores, que livra de sezões...

Lisboa, 23 de Março de 1935.



**Este número foi visado
pela Comissão de Censura**

Uma hipótese que convém esclarecer

POR SEBASTIÃO RIBEIRO

É da competência dos juizes instrutores a organização dos corpos de delicto. Podem pronunciar sem precedência de querela por parte do M.º P.º e podem mandar arquivar o processo se nele faltarem «indícios bastantes para a pronúncia». Nos crimes puníveis com pena maior, pronunciando, o seu despacho é provisório, não pronunciando, também é provisório, o que quer dizer que, em qualquer dos casos, êsse despacho está sujeito à apreciação do juiz de direito da comarca, que o poderá confirmar ou revogar. Na sua simplicidade, é esta a doutrina que se tira do art. 77.º, n.º 1.º e 3.º e § 2.º da Organização Judiciária das Colónias.

Êste diploma basilar da Justiça Ultramarina não é velho. Foi aprovado por decreto ditatorial n.º 14.453, de 20 de Outubro de 1927, vigorando, por consequência há pouco mais de 6 anos. A-pesar-disso, desde então até hoje, conta já 14 alterações, datando a primeira de Maio de 1928 e a última de Maio de 1934, à razão de duas por ano, modificado em cada um dos anos ao menos uma vez. A de 1935 é que ainda não apareceu, certamente porque ainda lá não chegamos.

Mas as alterações posteriores em nada modificaram a doutrina inicial da Organização, tal como acima a deixei referida na parte respeitante à competência dos juizes instrutores acêrca dos corpos de delicto e indiciação nos processos por crimes a que correspondam penas maiores.

Ora, instruído um processo desta natureza pelo juiz instrutor, pronunciado por êle o autor do crime e remetidos processo e indiciados ao juiz de direito da comarca, tem êste de se pronunciar imediatamente sôbre o despacho de indiciação provisória, ou pode ou deve dar prèviamente vista do processo ao Ministério Público.

Explicando melhor e mais concretamente :

Há juizes que se pronunciam imediatamente sôbre a indicação feita pelo juiz

instrutor, confirmando ou revogando tal despacho ; mas há outros que o não fazem antes de o M.º P.º emitir a sua opinião. Eu pertenço ao número destes e parece-me estar em bom campo, pelo menos mais conforme com a legislação vigente sobre processo crime. Parecendo que não, o caso é de importância capital, tanto mais que há Magistrados do M.º P.º que se recusam a intervir no processo antes de o juiz confirmar ou revogar o despacho do juiz instrutor.

Ponderemos a questão.

Um juiz instrutor, averiguando de crime a que corresponde pena maior, chega ao fim das suas investigações sem indícios bastantes para a pronúncia e manda arquivar o processo nos termos do n.º 3.º do art. 77.º, remetendo o processo ao juiz da comarca nos termos do § 2.º. Se o juiz entende que é dispensável a opinião do M.º P.º, confirma o despacho do juiz instrutor e o processo morreu sem que a acusação pública dêle tivesse conhecimento.

Tem um papel activo o M.º P.º e dá-lhe a lei competência para promover tudo aquilo que tenda à descoberta dos crimes e à punição dos criminosos.

Mas em casos desta natureza a sua actividade não dá para mais do que uma simples interposição de recurso para a Relação, ficando de braços cruzados, com a antecipada certeza de que o despacho de que recorreu vai ter a unânime confirmação dos três desembargadores que forem destacados, por sorteio de um deles, para julgamento do processo, visto estar conforme com o corpo de delito o despacho recorrido, muito embora aquele esteja invisivelmente defeituoso e o M.º P.º disso tenha conhecimento.

Suponhamos agora que o juiz instrutor tem no processo indícios bastantes para pronunciar e pronuncia realmente, remetendo também imediatamente o processo ao juiz de direito para confirmar ou revogar o seu despacho de pronúncia. Sustentando-se a opinião de que dos autos se não deve dar vista ao M.º P.º antes do juiz se pronunciar sobre tal despacho e partindo-se da hipótese, já dita, de que há nos autos prova indiciária bastante, o juiz confirma, manda notificar a confirmação, e, como ninguém recorreu, transitou em julgado, achando-se, assim, os indiciados definitivamente pronunciados.

Ora a pronúncia definitiva com trânsito em julgado encerra acusação no processo de querela, art. 379.º do Cod. Proc. Penal seguindo-se logo a defesa. Chegamos por esta forma a êste paradoxal disparate jurídico : uma acusação sem querela e sem intervenção da parte acusadora !

Quere dizer : despache o juiz instrutor indiciando, ou despache mandando arquivar o processo, êste há-de prosseguir depois no juízo da comarca sem intervenção do M.º P.º.

Dêste disparate não se livram aqueles que sustentam a doutrina de que a acusação não intervém no processo antes de o juiz apreciar o despacho final do juiz instrutor, interpretando-se literalmente o § 2.º do art. 77.º da Organização Judiciária das Colónias.

Mas a análise gramatical do citado paragrafo comporta essa cómica doutrina ?
Julgo que não.

Pronunciar sem precedência de querela só é permitido ao juiz instrutor, porque a lei expressamente o diz e di-lo assim pela razão bastante de que não há Ministério Público nos juízos instrutores, mas só provisoriamente o pode fazer exactamente por isso. O juiz de direito já não, porque lho proíbem a Organização Judiciária e o Código do Proc. Penal. Confirmar o despacho de pronúncia do juiz instrutor é pronunciar nas más condições, isto é, sem precedência de querela; e esta pronúncia pode ser provisória ou definitiva, provisória se houver mais diligências a efectuar além das que já estão feitas, ou se fôr requerida instrução contraditória, art. 368.º §§ 1.º e 2.º do Cod. Proc. Penal, e definitiva se nenhuma destas circunstâncias se der. A confirmação do despacho de pronúncia não é provisória forçosamente e por disposição legal terminante, tal como succede com o despacho do juiz instrutor, § 2.º do art. 77.º do Org. Jud. das Colónias. Se tiver carácter de definitiva, transitada em julgado, deixa o processo sem acusação, como já se disse, o que é inadmissível.

O § 2.º do art. 77.º da Org. Jud. diz que o processo será pelo juiz instrutor remetido *imediatamente* ao juiz de direito para confirmar ou revogar o seu despacho de pronúncia ou de não pronúncia, mas não diz que o juiz de direito confirmará ou revogará êsse despacho *imediatamente*, não diz nem o podia dizer, pois que, nos têrmos do Cod. Proc. Penal, não pode êste juiz pronunciar sem precedência de querela e a confirmação de tal despacho é uma verdadeira pronúncia, como já frisei, que pode ser mesmo definitiva, bastando para isso que não haja mais diligências a efectuar, e os arguidos não venham requerer instrução contraditória, ou ainda que decorram três mêses, havendo reus presos, a contar da data das suas prisões, salvo se êles tiverem requerido diligências necessárias, impossíveis de ultimar dentro dêsse prazo, § 1.º do art. 368.º do Cód. Proc. Penal.

A confirmação pelo juiz de direito do despacho do juiz instrutor que encerra o corpo de delicto, não é coisa nova na legislação judiciária colonial. Vem já da legislação antiga, muito anterior ao Código do Processo Penal, estabelecida na vigência da Novíssima Reforma Judiciária. Mas a teoria daqueles que defendem a não intervenção do ministério público antes de o juiz de direito apreciar o despacho do juiz instrutor sôbre o corpo de delicto organizado nas circunscrições civis, não trazia os inconvenientes, nos domínios da Novíssima Reforma, que hoje apresenta, na vigência do novo Código do Processo Penal. Na realidade, ainda que o juiz de direito pronunciasse, confirmando o despacho do juiz inferior, sem precedência de querela, não ficava o processo sem acusação visto que havia então aquilo a que se chamava o libelo acusatório. Desaparecendo êste, eliminado mesmo antes do Código do Processo Penal, natural era que se tivesse alterado a redacção do § 2.º do art. 77.º da Org. Jud. das Colónias por forma que não desse lugar às dúvidas que se têm levantado acêrca dêste assunto, tanto mais que já por catorze vezes foi modificado êsse diploma, modificações provocadas mais por interêsses acidentais que por questões de ordem pública.

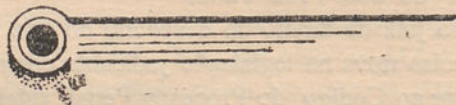
Bem sei que se vai argumentar com o facto de que a confirmação do despacho de pronúncia do juiz instrutor é tão provisória como o próprio despacho.

Mas não é assim.

Em primeiro lugar porque o § 2.º o não diz, em contraposição com o que determina quanto ao despacho dos juizes instrutores; depois, tanto pode ser definitivo o despacho de confirmação, como o é na hipótese de o juiz instrutor mandar arquivar o processo. De resto, é bem claro o parágrafo: «o despacho... *quando proferido pelos juizes instrutores, é provisório*», não estabelecendo outro tanto para o de revogação ou de confirmação por parte do juiz de direito.

Se a confirmação é uma pronúncia, volto a perguntar, pode o juiz pronunciar sem precedência de querela? O Cód. do Proc. Penal diz que não e, desde que o processo entrou no juízo de direito, vigora este código.

Maio de 1934.



Da Classe Burguesa

POR A. A. DE FREITAS E SILVA

Procuramos dar resposta à pergunta, que em artigos anteriores ficou feita, sôbre a característica social da burguesia, considerada no seu conteúdo mental colectivo, para assim nos certificarmos das qualidades de classe que a definem.

Já vimos o que essencialmente é, na sua interioridade, o conjunto de representações colectivas: uma inserção de elementos emocionais e afectivos nas imagens e sensações individuais.

As atitudes resultantes de um tal tipo mental não são deformadas pela experiência e, portanto, extra-rationais.

São estas representações colectivas que preenchem a mentalidade da classe, sendo tanto mais exclusivas quanto mais distinto é o grupo social e reduzido o número de indivíduos que o constituem. A tais representações pode dar-se o nome de juízos de classe.

Destroem-se essas representações colectivas no choque que têm umas contra as outras e delas com os indivíduos do grupo, devido ao papel descentralizador e individualizante da diferenciação do trabalho social e correspondente solidariedade generalizante na amplitude do grupo, restritiva no número dêles.

Está aqui ainda uma das origens do espírito científico e consequente autonomia do pensamento.

Ora, se a «mentalidade primitiva é impermeável à experiência», como o mostrou Levy-Bruhl, nós podemos dizer, parafraseando-o, que a mentalidade de classe é impermeável à crítica.

Os juízos de classe dão a esta características morais, religiosas, políticas e económicas que não teriam valor na definição da classe, se o seu conjunto não fôsse distintivo.

Se procurarmos na atitude geral da classe um sinal exterior que revele uma unidade de comportamento, exclusivo da classe, nós temo-lo no que soi chamar-se a

«consideração», como muito bem o fêz notar Globot no estudo a que procedeu sobre a burguesia francesa.

Esta consideração, a que todo o burguês se julga com direito da parte de todos os elementos da sua classe e daqueles que estão fora dela, quando o acaso o força a travar relações com estes últimos, é o produto dos juízos colectivos que dominam pela pressão social, impregnando-a de valor coactivo. Simplesmente, ela é um produto vivo, natural, espontâneo, de uma origem profundamente colectiva, não a consequência de interesses conduzidos num sentido social conveniente, com o mínimo de reacção colectiva e o máximo de rendimento.

É um produto moral. É um preceito da moral burguesa. Um preceito que só sentem aqueles que dela vivem; uma atitude ridícula para os que se lhe não submetem.

O novo rico do post-guerra saído, principalmente, das camadas populares tentou aburguesar-se e tornou-se clássica a soma de ridículo que lhe caiu em cima pela forma pouco burguesa dos seus hábitos, dos artifícios vários de que usou para lhe pertencer a consideração da classe que invadiu.

Porque é de origem colectiva, esta consideração não deriva do mérito pessoal de cada burguês, do seu valor mental, da capacidade económica dêle, mas existe tão somente, porque o sentem colectivamente, ou melhor ainda, participadamente, os elementos da classe.

Exteriormente, a consideração marca-se por vários ademanos, atitudes esboçadas e de efeitos nulos, sem nenhuma relação com a interioridade afectiva, pelo que, de certa maneira, lembra resquícios de um cerimonial mágico, tão notável nas sociedades inferiores.

O burguês não necessita de viver a religião, de acreditá-la, basta somente mostrar que pratica os actos de culto que dão distinção.

Profissionalmente, o burguês não escolhe qualquer profissão, para êle só servem aquelas profissões onde há uma certa distinção, uma modalidade de consideração que não rebaixe nem aparente pobreza ou necessidade. A actividade comercial é muito preferida pelos burgueses. Ela conduz mais eficientemente ao ideal de propriedade, de fortuna, raiz do prestígio pessoal na classe.

Enfim, os preceitos colectivos, que dão realidade e vida à burguesia como classe definida e bem caracterizada, são os efeitos necessários e consequentes dos resquícios do pensamento místico sobreviventes na mentalidade já racional da nossa civilização.

Dêste modo, o ser-se burguês não vem de se ser rico ou pobre, possidente ou não, da supremacia mental, mas antes, sim, por ser-se dominado na conduta moral por certas representações colectivas a que cegamente se obedece por participação.

Porque se é já burguês, é que se procura ser proprietário, rico, considerado e privilegiado.

Ora acontece, é claro, que muitos burgueses (a quasi totalidade) têm necessidade de trabalhar e prover ao entretenimento da vida com a remuneração do seu trabalho, facto que torna os burgueses trabalhadores sem que deixem, por isso, de pertencer à sua classe. Entretanto são nela elementos de difusão que se aproximam dos mais pro-

tegidos das classes populares, mesclando-se e provocando aí um fenómeno de segmentação social que é o primeiro passo para a destruição congénita da burguesia.

O que até aqui temos desenvolvido permite-nos tirar como conclusão próxima que *as funções económicas não são, senão aparentemente, razões de classe*. Estas filiam-se mais profundamente, veem do social, e informam-se graças a um conjunto de representações regidas por uma participação ao mesmo tempo mental e emocional na consciência da classe.

São representações que podem, e em regra assim sucede, transmutar-se num conjunto de preceitos morais e imperativos psicológicos.

A burguesia é uma formação social orgânica, com base em juízos de valor, nunca em juízos de realidade. Êstes são o produto de verificações lógicas, são razões científicas, recaem sôbre factos discursivamente apreendidos.

São produtos da criação individual, são a fonte do pensamento científico, são consequências das qualidades criacionistas do indivíduo.

O assentimento que se concede não depende do favor da opinião, antes da realidade exterior a impressões subjectivas.

São, por isso, susceptíveis de uma maior verdade.

O pensamento místico e extra-lógico aceita as verdades comuns ao grupo sem verificação, totais e definitivas.

O pensamento científico formula verdades provisórias a título de hipóteses de trabalho, até que a verificação experimental as comprove, ascendendo só então à categoria de verdade.

Nesta última forma de pensamento, as verdades são ulteriores; naquela são dados primários essenciais ao jôgo de relação social.

Mas é o sistema de relação entre grupos, por um lado, e entre os indivíduos dum mesmo grupo, por outro, que estabelece a dúvida, resultante do desacôrdo do pensamento com a acção, primeiro golpe sôbre a credulidade, que definitivamente se consume, perante a exigência da prova.

«A necessidade social de participar dos pensamentos dos outros, de comunicar e convencer, é a origem da necessidade de verificação. O pensamento nasce da discussão», assim escreve algures Piaget.

Quando tais dúvidas, tais críticas e discussões aparecem nos quadros da vida da classe burguesa, pondo-lhes a nu tôdas as inconseqüências e tôdas as inferioridades filhas da credulidade, fácil e expontânea nos grupos sociais, como nos débeis mentais, na criança, como nos povos de mentalidade primitiva, provocam no seu íntimo uma profunda desagregação.

O processo dessa desagregação desenvolve-se com antagónicos resultados, mas de evidência social, e a expansão dos valores individuais combina-se com uma maior socialização dos ideais que, de restritos a um ou outro grupo, se generalizam a uma maior massa. O ideal da cidade superou os seus muros e deu nova vida e mais bela à Nação, para dela se erguer ao ideal mais alto de Humanidade.

Foi, então, o desenvolvimento do espírito crítico que revelou aos burgueses a superioridade do método pessoal sôbre os preconceitos de classe.

O supremo valor da inteligência e das capacidades individuais sôbre a geral consideração que reciprocamente se deviam e sôbre uma distinção fundada em aparências determinou a disparidade de posição dos elementos que entravam na classe.

Tem-se assistido no seu meio a uma verdadeira reversão de valores que a guerra precipitou, com as revelações e consequências sociais que originaram o maior desenvolvimento das ideas igualitárias.

Foram o perigo nascente na guerra, que a todos tocou igualmente, e as qualidades de mérito individual, a par da disciplina colectiva, que evidenciaram a diversa valia fôsse qual fôsse a classe de origem, filho de capitalista, operário desconhecido ou burguês entumescido de preciosismo.

A «barreira» com que Goblot limita a classe derruíu, e o «desnívelamento» pelo mérito pronunciou-se crescentemente.

A verdade fundada na acção superou tôdas as aparências e a luta desencadeia-se de encontro ao dogma, não tanto entre homens ligados por preconceitos e interêsses a umas ou outras classes sociolôgicamente definidas pelo seu conteúdo psico-social.

Os grupos sociais, nos limites onde contactam, mesclam-se na constituição de um novo tipo social com uma nova escala de valores morais e intellectuais, cuja enformação definitiva se não pode ainda encontrar, nem tentar descrever, tão confusos se apresentam os conflitos político-sociais contemporâneos.

O crescente antagonismo que dentro da burguesia se desenvolve, no ponto de vista da produção, mais veio acelerar ainda a catástrofe burguesa, dando o aspecto de uma luta, inteiramente favorável ao ponto de vista marxista, se as razões essenciais não fossem outras mais profundas do que a posição económica.

Os factos políticos actuais e as complexas direcções que eles vão tomando provam-nos que os antagonismos económicos são dominados por antagonismos mais subtis, mais íntimos. São os que derivam dos ideais nascentes dessa grande massa colectiva que habitualmente se designa pelo nome de *classes médias*.

Desta há-de surgir um novo modêlo ideolôgico, que não será decerto o exacerbado patriotismo que aqui e além se encrespa numa onda ameaçadora, avolumando sempre a sombra escura de um hiante abismo, consumidor de almas em sonho, de vidas renascentes de esperançoso optimismo.

Na última catástrofe social a que elementos de varios sectores sociais foram arremeçados pela mística patriótica tinha-se em vista salvaguardar os valores de uma civilização. Mal pensavam os subreptícios interessados nela que prosseguiam, simplesmente, a sua destruição e que, com o último tiro, se tinham soterrado os valores, enquanto outra civilização dolorosamente se ergueria.

Os sobreviventes dêste grande sacrifício colectivo foram as primeiras vítimas da paz negra que se lhe seguiu, conjuntamente com aqueles que iniciavam os primeiros passos na vida.

Os privilegiados viviam no gozo pleno das benesses de que se haviam apossado numa hora favorável da evolução histórica, em consequência da divisão do trabalho sob a pressão da complexidade crescente das funções.

O desemprego, mal social que se tornou endêmico, atingiu não só os assalariados rurais e urbanos, mas até as profissões de cunho caracterizadamente burgueses.

O egoísmo de poucos impõe-se sobre as exigências da colectividade, não se poupando a sacrificar estas aos seus interesses desconchavados.

Numa palavra, a exploração do homem pelo homem prossegue.

Num anseio de liberdade legítima, ciosos de Justiça, os homens têm ido buscar às doutrinas do socialismo revolucionário e ditatorial a solução do problema, que os paliativos internacionais das conferências teimam em não solucionar.

* * *

Temos mostrado, no decorrer deste estudo desapaixonado, como as sobrevivências místicas têm permanecido na mentalidade colectiva das sociedades civilizadas.

Por outro lado, constatámos a importância crescente dos fenómenos económicos na vida social contemporânea. Esta posição a que se elevaram os antagonismos económicos fez pensar na derrota da classe dominante por meio da luta de classes, destruindo-se assim esse domínio e com êle, como termo de uma evolução social, o domínio de qualquer classe.

Desde que as sociedades humanas se constituíram, estas são necessariamente reguladas pela lei da diferenciação do trabalho social, donde resultou sempre a supremacia da classe que exercia as funções essenciais à vida da sociedade.

Quando a distinção social se faz com base na produção e na predominância das funções económicas sobre todas as outras, é já um estado adiantado da evolução social, o que retira ao primado dos valores económicos sobre as outras categorias de valores o carácter de necessidade e fatalidade que pretendem impôr-lhes os interpretes marxistas.

A consequência última desta evolução, conforme com a diferenciação do trabalho, é a autonomia individual combinada com a mais alta solidariedade.

Os estados transitórios da evolução social — uma recôndita luta de classes com base na produção também o é — implica fatalmente a soberania dum quadro de funções sociais que se torna em centro aglutinador da classe imperante.

Há uma coerência económica na doutrina marxista; mas também há uma inconsequência, resultante do particularismo da doutrina inconciliável no ponto de vista dos fundamentos com as finalidades.

Esta inconsequência é perturbante quando, como sustentam alguns marxistas, o advento da democracia só é possível seguindo as peúgadas propostas pelos doutrinários e, parcialmente, executadas no Estado russo, nosso coetâneo.

Não se tendo esta realizado na hora própria, nas suas mais exíguas e legítimas exigências, veio insuflar no espírito de muitos trabalhadores a falsa idea de que só pela hostilidade das classes se prosseguiria o advento da Justiça.

A democracia, confundida com o liberalismo, foi acoimada de inepta para a consecução de tal fim, afirmando-se que só pela ditadura da classe oprimida se pode organizar a economia com base no trabalho.

Daí nasceram as organizações operárias de carácter partidário que, lançando-se numa luta ora leal e franca ora intempestiva e prejudicial, adoptaram a luta de partidos como mais eficaz do que aguardar a falência catastrófica de uma organização económica que se apoia nos privilégios.

Ora nós julgamos cêdo para tão violentamente se alvejar de diatribes a democracia.

Se o que faz o centro dinâmico do democratismo é a liberdade — e não a igualdade, como se supõe algures — é criar uma opposição entre o fim em vista e o processo de execução, é pretender instaurar a democracia através de uma ditadura de classe.

É uma antimonía que repugna ao pensamento.

O que dá superioridade ao democratismo sôbre os sistemas autocratas é que, exactamente, não vive de formas feitas, nem coloca no centro das suas mais altas aspirações as realizações materiais, mas sim o seu grande poder de capacidade e de possibilidades nunca totalmente consumidas na acção.

As aspirações superam sempre a acção.

Entre uma e outra há uma abundante fermentação mental que se engrandece e dignifica a personalidade individual, manifestada através do poder de crítica, de invenção, de desadaptação, até, altas afirmações da liberdade humana dentro do real condicionalismo social que nos oprime e ao qual não nos podemos furtar.

Concluamos então que os antagonismos económicos não são por si só suficientes para dilacerar e destruir a burguesia e, notado, como está, o processo activo de desagregação da sua consciência colectiva, digamos com Goblot que a guerra, alterando a escala de valores, «não fêz senão precipitar uma evolução que vinha de há mais de trinta anos e de que a causa é o desenvolvimento do espírito crítico».¹

A unidade colectiva da classe destroi-se e a desigualdade fundada nas diferenças mentais, de aptidão e de temperamento recrudescer de vigor e nitidez.

Se a burguesia persiste em não abdicar dos seus interesses e privilégios é porque êles garantem o seu ideal moral. Substitua-se êste por outro mais justo, mais humano e mais livre, e os privilégios sem base nem motivo colectivo forte de que se sustentem, naturalmente, se destroem. Com o ideal colectivo desaparece a unidade colectiva. E um grupo social sem ideal é um sêr sem resistência, nem motivos de defesa.

¹ O tempo a que Goblot se refere data do meado da segunda metade do século passado.

TEMAS DE AVIAÇÃO

Viagens aéreas de longo curso

Por BERNARDINO NOGUEIRA

A viagem de longo curso, baptisada popularmente com o nome de *raid*, é uma das modalidades do serviço aéreo que maior interêsse tem despertado nos servidores da causa aeronáutica e de maneira geral no grande público, certamente por estar nela consubstanciada a própria finalidade da aviação, que é a de ligar, com objectivos comerciais ou militares, da forma mais rápida e por via sempre desimpedida, dois pontos quaisquer do globo.

Desde os saltos de poucos metros, nos primórdios da aviação, até ao projecto audacioso da volta ao mundo sem escalas e com reabastecimento aéreo, nos nossos dias, o homem tem procurado fazer do avião uma máquina de autonomia compatível com as suas assombrosas possibilidades. Para toda a espécie de aviões, o raio de acção, é pois, em igualdade de outras características, um índice selectivo no qual poderemos basear a nossa preferência na escolha de um aparelho, com o fim de conseguirmos transportar mais longe determinada mercadoria, se se trata de um aparelho comercial, ou determinada carga destrutiva, tratando-se dum aparelho militar.

Mas a condução dos aviões a longa distância, em especial sobre o mar, não é tarefa fácil e requiere grande soma de conhecimentos, muitos dos quais não se adquirem nos bancos das escolas e um moral elevado que se não obtém voando nas imediações das pistas em condições ideais de tempo.

Assim o têm compreendido todos os Estados civilizados de grande capacidade financeira. Cõscios das dificuldades apontadas, animados de uma vontade ardente de progredir, têm conseguido, por meio de estímulos morais e materiais ou por fôrça de duras determinações, criar entre os seus pilotos um escol aeronáutico capaz de levar a todos os cantos do orbe, através de nuvens e cerrações e a despeito de chu-

vas e trovoadas, os produtos das suas indústrias, as manifestações do seu patriotismo ou as afirmações do seu poder guerreiro.

E tóda a experiência tem um apóio, tóda a iniciativa tem um auxílio, quanto mais não seja em obediência ao princípio de que há sempre qualquer coisa de aproveitável para a aviação em tóda a viagem aérea.

Os grandes recursos dêsses Estados tudo lhes permitem :

viagens de puro treino militar, como a que nós fizemos ao norte de África ;

viagens militares de treino, estudos de ligações e cumprimento de missões de soberania nas Colónias, como as dos italianos à Tripolitânia ;

viagens de carácter militar com o fim complexo de treino, demonstração de força e elevação no conceito e preponderância internacionais, como as de Balbo às duas Américas ;

viagens para a conquista do *récord* mundial de distância em linha recta, para o qual a França instituiu o prémio de um milhão de francos e que tem impulsionado grandemente a navegação aérea de longo curso, aumentando a glória e satisfazendo o orgulho dos países detentores ;

viagens para demonstração, estudo e propaganda de material das casas construtoras, como a grande maioria das realizadas pelo aviador francês Costes ;

viagens para o estudo de carreiras comerciais, como a que Lindberg efectuou com passagem por Lisboa ;

viagens de utilização dessas carreiras em que se procura fazer sempre melhor, por brio profissional, por patriotismo e por emulação e concorrência com as congéneres estrangeiras ;

viagens de exploração científica como as de Amundsen na região Polar Ártica e as do almirante Byrd na região Polar Antártica ;

tóda essa série de viagens para a conquista de *récorde*s, transportando cargas várias a diferentes distâncias, que tanto têm forçado o progresso da construção e, finalmente, as turísticas e desportivas de que os jornais diáriamente dão conta.

* * *

Mas poderá o nosso país aspirar a tanta magnitude no desenvolvimento aéronáutico geral ?

Os nossos recursos financeiros nunca poderiam consenti-lo, ainda que a vontade nacional o exigisse e a inteligência e saber dos nossos técnicos o pudesse realizar.

Num país como o nosso, em que só se pode gastar por pêsos, conta e medida, há que tirar o máximo rendimento do dinheiro despendido, canalizando tódas as energias, condicionando todos os esforços aos interesses de ordem geral, pela acção correlacionadora duma visão de conjunto. Tem sobretudo que começar-se pelo princípio.

Actualmente existem em Portugal uns arremedos de Aviação Militar e Naval e uma caricatura de Aviação Civil. Os pilotos do Estado, salvo poucas excepções, que se devem a iniciativas particulares, têm-se limitado a voar nos céus da Metrópole ou

a fazer viagens curtas sôbre os países vizinhos, porque nunca ninguém os mandou realizar mais largos vôos; os Civis têm feito aquilo que têm podido.

Em tais condições que devemos nós por enquanto ambicionar em matéria de viagens aéreas?

Certamente nada que sobressaia ou obrigue o mundo a ter os olhos postos em nós.

Já, com efeito, causamos admiração com uma viagem aérea em que a pobreza do material contrastava com a riqueza das inovações científicas, numa travessia particularmente difícil e na época em que ainda se duvidava da aplicação com resultados seguros dos processos da navegação astronómica no caso dos aviões.

Mas o *raid* filho único, o *raid* caso esporádico, para deslumbrar o mundo e depois dormir à sombra dos louros da glória conquistada, afigura-se-me já ter passado à história; teve o seu período aureo na época em que Sacadura viveu. Davam-se os primeiros passos para a conquista, depois tão rapidamente alcançada, no domínio absoluto dos ares.

Não tenhamos, pois, a pretensão de fazer hoje em aviação qualquer coisa que deixe o mundo estupefacto, não porque faltem realizadores, mas porque os tempos são outros: a aviação entrou nos domínios da prática, como mais acentuadamente sucedera com a evolução da Marinha a seguir às descobertas. Já, actualmente, as faculdades dos aviadores em matéria de *raids* se evidenciam em muito menor grau do que a qualidade do material, e em tôdas as grandes provas o génio e a tenacidade dos engenheiros precedem sempre a perícia e o arrôjo dos pilotos.

Por outro lado o facto de não sermos nós os fabricantes deixa-nos a certeza de não sermos nós também os possuidores dos melhores prototipos para os cometimentos de maior vulto.

* * *

No estado actual da nossa aviação (militar e civil) e da nossa indúsfria aeronáutica e enquanto o país não puder despender mais do que actualmente despende, só uma espécie de viagens aéreas é admissível, quando paga com dinheiro do Estado: as viagens às nossas Colónias feitas por esquadrilhas do Exército e da Armada com o tríplice objectivo de treino, estudo de ligações e cumprimento de missões de soberania, se não quisermos atender ao confôrto espiritual e estímulo patriótico levado aos colonos e a propaganda que resulta para o bom nome do País.

Então sim, então elevaremos a categoria profissional dos nossos aviadores do Exército e da Armada, elaborando um programa de *raids* militares com carácter permanente, de acôrdo com a nossa política colonial e tendente a construir sôbre as bases da actual uma aviação valorizada homogêneamente, rica em conhecimentos científicos e forte em experiência que dê a todos que a compõem a certeza de poderem agir conscientemente em tôdas as circunstâncias quando a Nação precisar do seu esforço e de mostrar aos restantes portugueses duma maneira clara a razão da sua existência.

Depois, à medida que a nossa indústria aeronáutica se fôr desenvolvendo, quando nós próprios pretendermos estabelecer carreiras aéreas comerciais, quando enfim se puder dar mais dinheiro à Aviação, outras viagens irão tomando interêsse. E sempre de acôrdo com um plano de vistas geral, serão determinados novos caminhos a seguir.

No entretanto, agora mesmo, quem tiver dinheiro, saber, vontade e imaginação poderá fazer o resto.

(Transcrito do *Notícias de Évora* de 26 de Fevereiro de 1935).



À margem de um discurso

Por VASCO DA GAMA FERNANDES

Vida Contemporânea anunciou logo no primeiro número pela pena do seu director que era uma revista amplamente aberta a todos os anseios culturais da grei portuguesa. Convencida como estava e como está de que a cultura só é proficua e útil quando posta ao serviço das ideas de independência intelectual, onde se não vislumbre a mínima tendência de humilde sujeição da personalidade humana, esta revista exigia, entretanto, que aqueles que a vizitassem, expondo as suas doutrinas e os seus modos de ver, trouxessem no espírito e na inteligência a sublime certeza da sua honrada autonomia mental, deduzindo com claridade e convicção, abrindo as portas da alma para por elas circular, livremente, o vendaval saudável dos ideários alicerçados no respeito pelo semelhante e firmados no desejo de trabalhar pela constante evolução do homem.

Percorre, portanto, esta revista um frémite entusiástico do progresso. É lema desta casa aquela perene insatisfação espiritual, criadora eterna das mais belas concepções da vida, numa permanente ascensão para a grandeza do perfeito — luta ingente que tem sacrificado gerações e séculos na consoladora certeza de que o esforço despendido, transformado mais tarde em *realidades* fortes, serviria para incutir nos vindouros o ânimo para as pugnas do porvir.

Quererá êste facto significar que esta revista não perfilhe e se não bata por uma certa ideologia ?

Por certo que não.

Os que fizeram e os que mantem esta publicação são intrinsicamente, visceralmente, democratas.

Por Democracia não entendem a empedernida concepção dum regime político — desde que êsse regime se cristalize em ideas já feitas, paradas, incapazes de abranger a intranquillidade dos dias de hoje, inapto em se adaptar à constante evolução e modernização dos conceitos. Para nós, Democracia — já o temos dito variadas vezes —

é sinónimo de avanço, de marcha acelerada, mas metódica, de progresso juvenil consentâneo com as realidades e com o *clima* da hora.

Já o dissemos também e nisso somos, por certo, acompanhados pela legião esforçada dos democratas de hoje: «se a Democracia um dia parasse, ou estacasse embevecida, lançando melancòlicamente os olhos para trás numa contemplação retrospectiva que não fôsse para procurar mais fôrça para a escalada — nesse dia o ideário democrata rezaria os definitivos responsos da sua inutilidade.

O nosso conceito de Democracia escolheu o regime republicano para lhe dar forma e vida. A República é para nós o caminho que a Democracia percorrerá para atingir a almejada meta.

Coluna vertebral da nossa ideologia é a idea democrata. Carne, sangue e nervos do nosso pensamento é o sistema político republicano.

Postas estas considerações, entremos na verdadeira finalidade dêste artigo.

* * *

Proferiu o sr. dr. Rolão Preto um notável discurso em que expôs, com clareza, os seus conceitos de vida e os seus anseios políticos.

Está dentro das normas desta revista a análise e a crítica. Sem análise e sem crítica não seria possível manter erecta a dignidade intelectual do homem, ansioso sempre pelo esclarecimento e pela luz que melhor iluminar os seus raciocínios, de geito a que todos surpreendam a verdadeira intenção das suas opiniões.

Fêz o sr. dr. Rolão Preto um conjunto de afirmações que uma revista livre como esta não poderia deixar passar sem uns justos e sinceros comentários.

Empunhamos, é certo, a bandeira da Nação, afirmou o sr. dr. Rolão Preto.

Também nós a empunhamos. Somos, de há muito, nacionalistas, amando e querendo a nossa terra, embevecendo-nos com as suas conquistas espirituais e com os seus melhoramentos materiais. O nosso edificio *nacionalista* não é construído, no entanto, com o madeiramento egoista de certas classes. Nada disso. Queremos a Pátria, não como o feudo intolerável de facções ou de camarilhas, mas sim como um todo homogéneo situado na «urbs» imensa da Humanidade — um elemento de trabalho para a *comunidade geral* e não um triste empecilho particularista erguido, crimosamente, para obstar à faina humanitária da perfectabilidade social.

Como o sr. dr. Rolão Preto, já somos de há muito contra o *profissionalismo patrioteiro*, espécie de modo de vida arranjado, sôfregamente, por certa camada de salvadores lusíadas. . .

Tôda a nobreza dos actos do homem provém da liberdade da sua vontade — afirmou o sr. dr. Rolão Preto no seu mencionado discurso.

Que trabalho tem sido o nosso, senão o de reintegrar o Homem no âmbito merecido da sua Liberdade ?

Queremos o homem livre, despido de preconceitos, isento de tutelas, persuadidos de que só da crítica e da expressão voluntária do pensamento pode resultar aquela obra de auto-revisionismo e de revisionismo colectivo, imprescindíveis à política mo-

derna, tão assoberbada com as milhentas ansiedades dos que sofrem e que, à semelhança de Sísifo, lobrigam o cume da montanha para nela depositar o pedregulho disforme dos seus martírios.

Somos, vai por muito tempo, contra o liberalismo económico. Sustenta idêntico critério o sr. dr. Rolão Preto.

O liberalismo económico fêz o seu tempo. Não pode nem deve manter-se.

Impelido por uma idea generosa, o liberalismo económico a breve trecho transformava-se em bandeira erguida pelos interêsses, tantas vezes inconfessáveis, duma plutocracia avarenta, fechada no seu comodismo, cristalizada na feitura do bem próprio em completo menosprêzo pelo sofrimento atroz das multidões sequiosas de Justiça.

Proclama o sr. dr. Rolão Preto, também, que *um ritmo novo sacode a terra inteira*».

Não estamos inteiramente de acôrdo com o illustre escritor. Não se trata, a nosso ver, dum ritmo novo. O que se sente é o mesmo ritmo, o eterno ritmo de libertação que levou os plebeus para o Monte Aventino e que colocou nas mãos de Vercingetorix a espada rebelde que se haveria de quebrar junto da arrogância imperialista de César.

O *ritmo* é o mesmo. As condições é que mudaram, o *clima* modificou-se, mas a vontade é igual.

Seremos mais dinâmicos? Por certo que o somos.

As lutas do passado trouxeram-nos a certeza da nossa fôrça. Somos herdeiros dum passado exemplar que urge não imitar mas que é digno projectar com as alterações vigorosas da experiência de hoje.

Estamos num momento de intensa e profunda modificação.

Para sermos merecedores dêle há só um caminho: Para a frente!

Da mesma forma pensa o sr. dr. Rolão Preto, como se depreende do seu discurso.

Para a frente! — caminhamos sempre nós, os democratas, convictos de que o futuro guardará nos seus fecundos flancos o triunfo da Democracia consubstanciada numa República progressiva, insatisfeita e, por isso, estruturalmente, humanitária.

Programas e realidades

Por CUNHA LEAL

Tenho meia dúzia de leitores fieis, alguns dos quais, por ficarem compreendidos no círculo das minhas relações pessoais, se entreteem, lá de vez em quando, a comunicar-me ora o seu aplauso, ora a sua discordância com os meus pontos de vista. Claro está que, na minha qualidade de homem respeitador da plena liberdade mental dos outros homens, as manifestações de não conformidade, longe de me serem desagradáveis, me interessam sobremaneira porque me obrigam a uma análise mais paciente e minuciosa dos meus conceitos e raciocínios, com o resultado prático ou de reforçar ainda mais as minhas convicções ou de me levar a pô-las de parte. O que — qualquer que seja a hipótese verificada — tem sempre vantagens.

O estudo que vamos agora entregar às complexas manipulações de tipógrafos e impressores incide precisamente sobre uma das observações que com certa insistência me têm sido feitas. Diz-se ou, melhor, tem me sido dito que, ao detalhar o panorama económico mundial e português, me comporto como espectador por assim dizer desinteressado, sem procurar encaixar os factos dentro de princípios que, ao mesmo tempo, nos façam visionar, com a possível exactidão, as transformações económicas e sociais que o futuro nos reserva, escondendo-as provisoriamente nos seus flancos fecundos.

* * *

Os homens hodiernos são herdeiros duma tradição segundo a qual a inteligência seria apta a construir, em tôdas as emergências, sistemas detalhados de doutrina a que deveria subordinar-se tirânicamente a actividade espiritual e material dos indivíduos e das colectividades. A maioria dos cidadãos de um país concebia, por exemplo, a organização político-social dos povos como devendo subordinar-se ao princípio da liberdade económica, considerado como colorário superior da propriedade individual; e, porque era maioria, impunha democráticamente a sua vontade a todo o agregado

nacional. Logo os factos económicos se punham a seguir com docilidade a directriz que assim lhes era traçada.

Sucedia, porém, que dentro da sociedade se constituíam outros grupos que idealizavam a ordem social como devendo decorrer da apropriação de todos os capitais pelo Estado e da distribuição do rendimento colectivo de acôrdo com preceitos variáveis consoante o critério de cada grupo. Admitia-se que, se um desses partidos se tornasse maioria e se apoderasse das alavancas do Estado pelo processo democrático, ou se, embora fôsse minoria, conquistasse o poder violentamente e conseguisse impor ao país a sua vontade, os factos económicos teriam para com o novo corpo de doutrinas a mesma cega conformação que haviam manifestado anteriormente.

Nestas condições, o essencial seria construir uma efabulação doutrinária capaz de seduzir grandes sectores populacionais. Ora, por via de regra, o que há de quimérico num programa político-social é exactamente o que às multidões se afigura mais aliciante. O século XIX e o comêço do século XX foram assim o período áureo das utopias e das miragens colectivas, das altissonâncias programáticas e dos vôos oratórios. Era uma época de estabilidade em que o espírito se supunha em condições de dominar inteiramente a cega natureza. Esta, porém, enfadada e talvez ciumenta, resolveu dar-lhe uma lição, consoante vamos ver seguidamente. Sem se aperceberem disso, os meus seis leitores fieis desejaríam que, segundo o estilo novecentista, lhes fôsse fornecido por mim um programa que desse leis discrecionárias à vida. Tenham, porém, santa paciência, que os tempos vão mudados e a vida ri-se dos programas, quando êstes pretendem contrariar a sua orientação.

Para melhor elucidação do que venho de dizer, convém observar em que circunstâncias e sob o impulso de que causas o liberalismo económico entrou em franca decadência nas sociedades do post-guerra. Hemos de concluir que o camartelo destruidor duma instituição secular foi menos que a inteligência humana o encadeamento dos factos económicos. A sua férrea tirania moldou a vontade dos mais conservadores dentre os estadistas do mundo civilizado como se fôra cêra branda e mole.

Se cada um se imaginar transportado em espírito ao têrmo do conflito de 1914-18 e fôr seguindo a evolução dos acontecimentos, verificará fàcilmente a razão do meu assêrto. Os povos, que haviam sido grandes actores dêsse drama pavoroso, tinham as suas indústrias adaptadas em grande parte à produção intensiva de material de guerra, tornando-se por isso necessário desmobilizá-las e prepará-las para trabalho mais consentâneo com as novas exigências do período de paz. Milhões de homens destrenados das suas antigas profissões teriam de fazer a sua reeducação técnica, e outros milhões, que mal haviam chegado a penetrar os arcanos do labor económico, teriam de ensaiar neste campo os seus primeiros e incertos vôos. As regiões invadidas careciam da urgente reparação dos estragos nelas operados pelo furacão da guerra. Os *stocks* esgotados precisavam de refazer-se. O material económico, cansado pelo uso insistente, estava requerendo renovação.

Tudo isto se fêz um pouco atabalhoadamente, como é natural. Desde que havia uma anormal excitação da procura, curou-se de intensificar a capacidade produtora

das indústrias, sem grandes preocupações no que dizia respeito ao aperfeiçoamento técnico dos métodos de fabrico. A agricultura trabalhou igualmente a pleno rendimento e segundo processos de cultura pouco progressivos.

Nesta primeira fase, certas indústrias parasitárias, que haviam sido montadas durante o período de 1914-18, puderam continuar a subsistir sem graves dificuldades. À medida, porém, que a procura se ia restringindo pela satisfação de necessidades meramente acidentais e que, conseqüentemente, a capacidade de consumo se ia aproximando do seu valor normal, começou a fazer-se sentir a diferença entre os graus de eficiência das máquinas económicas dos diferentes países. A oferta rompia o equilíbrio artificial anteriormente estabelecido e os mercados nacionais dos países mais atrasados sob o ponto de vista industrial e agrícola começaram a ser invadidos pelos artefactos e géneros dos países mais adiantados. ¿ Como se defenderam aqueles de um assalto que, a prolongar-se, redundaria na ruína da sua actividade económica? Pelo recurso aos exageros da protecção pautal. E fizeram-no, não por sujeição a concepções de protecçionismo ou de livre-cambismo, mas em obediência à pressão irresistível de fenómenos económicos que, desta vez, não se sentiam com disposições para se vergarem ao doutrinário mais ou menos pedante dos homens. Isto chegou a tal ponto que em 1913 haveríamos de assistir em plena Inglaterra, tão ciosa das suas tradições, ao espectáculo de ministros saídos das fileiras do Partido Liberal, em cujo programa o livre-cambismo figura como dogma basilar, a colaborar na obra de instauração do protecçionismo britânico. É que, desde que se inicie a corrida pautal, nem se pode prever até onde ela pode chegar, nem há povo algum que a ela se possa conservar absolutamente indiferente.

Ao mesmo tempo que os diversos países tratavam de proteger-se à custa da elevação das barreiras alfandegárias, certos dentre êles iniciavam uma política de transformação da sua aparelhagem económica e dos seus métodos de trabalho, de acôrdo com os ensinamentos das ciências de aplicação e com o fim de diminuir os seus custos de fabrico e de aumentar correeativamente o poder de penetração dos seus produtos nos mercados externos. À cabeça dêste movimento colocaram-se os Estados Unidos da América do Norte, logo seguidos pela Alemanha. Isto provocou ainda maior distanciamento do que o já existente entre o valor técnico das máquinas económicas das várias nacionalidades e reforçou a tendência protecçionista, sob o impulso de um instinto de conservação sobrepondo-se a todos os ditames da razão pura — aquela razão descoberta por Sócrates e que havia de levá-lo ao transe doloroso do copo de cicuta.

A racionalização industrial, fundamentada na produção em grandes massas, na redução do número de tipos fabricados e na substituição gradual e progressiva da energia humana pela energia mecânica no *processus* económicos, tornou-se durante alguns anos o alvo visado pelos grandes países industriais. Quando conseguiram atingi-lo, constataram que grandes massas de trabalhadores manuais haviam ficado sem colocação. E de que outra forma poderia ser se nem aumentava a capacidade de consumo das populações, antes se reduzia pelo desemprego, nem se diminuía o número de horas da semana de trabalho? Esta última medida requeria evidentemente um acôrdo

internacional sob pena de que certos povos ficassem em piores condições do que outros para o efeito da disputa dos mercados mundiais. Compreende-se, porém, a dificuldade de um entendimento desta natureza por virtude da desigualdade de potencialidade económica entre as diferentes nações espalhadas pela superfície da terra. Em tais condições, a humanidade assistiu ao desenvolvimento de nova epidemia — o *chômage*. E assim se provou mais uma vez que na época actual, ao procurar atingir determinado fim em obediência ao complexo de princípios de certo programa, a humanidade tem frequentemente o mau sestro de provocar a gestação de factos económicos que se encarregam de transtornar inteiramente os seus planos. ¿É isto um bem? ¿É um mal? Ignoro-o: só sei que é assim.

O desemprego e o sub-consumo foram, portanto, a consequência de aperfeiçoamentos tendentes a que se produzisse mais e em melhores condições. Ora aqueles efeitos tornaram-se, a seu turno, causas de novos males económicos. É que os preços se aviltaram, além dos limites do razoável, por virtude do acréscimo constante da oferta em face da queda paralela da procura. Gerou-se, deste modo, aí pelos fins de 1919, uma crise económica sem precedentes nos últimos cem anos. Depois de se haver atingido a estabilização quasi geral das moedas, reentrou-se, com a queda da libra, em novo período de perturbações monetárias, a que só tem escapado um reduzido sector de nações fieis ao padrão-ouro cuja capacidade de resistência já tem parecido, por vezes, prestes a esgotar-se. E tudo isto se fêz e se faz sob o irresistível impulso dos acontecimentos, como se os homens fossem uns pobres títeres, com os cordelinhos puxados por potências ocultas e malfazejas.

É evidente que, em resultado de impulsões tão contraditórias, a arquitectura social existente já teria sossobrado se os Estados burgueses houvessem mantido fidelidade ao princípio do liberalismo económico. Os esforços isolados têm-se revelado em absoluto impotentes para que cada célula do tecido social escape à destruição que a ameaça de perto. Os mais ferrenhos individualistas surpreendem-se a requerer, instantaneamente, o auxílio do Estado quando a tempestade ruge com maior violência. Sob o imperativo categórico das circunstâncias, estas intervenções estatais foram-se multiplicando, sem que figurassem nos programas políticos. A pouco e pouco, foram-se criando órgãos oficiais de fiscalização e orientação da actividade económica colectiva, e procedeu-se assim, «maquinalmente, sem se saber como», à laia de glosa desenfatiada duma revelha canção dos *boulevards*. E, quando sobre o início deste movimento, incessantemente prosseguido, se passaram alguns anos, apuradas as contas, veio a verificar-se que o liberalismo económico, filho dilecto da Revolução Francesa, tinha cessado de existir praticamente e que por toda a parte, mais nuns países do que noutros, a economia nacional passara a ser dirigida pelo Estado.

Foi então que se iniciou uma discussão perfeitamente estéril, raiando pelos limites do bizantinismo, entre partidários do liberalismo económico e da economia dirigida. ¿Supõem, porventura, os primeiros que a actual crise é um fenómeno epidérmico, uma espécie de brotoeja, cessada a qual, tudo poderá retornar ao *statu quo ante*? Se assim é, tenhamos pena dêles, que tamanha cegueira de alma é bem digna de compaixão. ¿Imaginam, acaso, os segundos que a economia dirigida se instituiu nas so-

ciedades contemporâneas por virtude dos seus esforços porfiados e naufragará se lhe faltar o seu decidido apóio? Se assim pensam, sou em crer que se tratará de mal incurável, dêstes que acompanham os homens até à sepultura.

* * *

Fui assim conduzido a uma interpretação aparentemente materialista da história agitada dos nossos dias. ¿Quere isto, porventura, significar da minha parte uma concordância absoluta com a concepção fundamental de Karl Max? A resposta a esta interrogação tem de ser francamente negativa. Em meu entender, há que distinguir na vida dos povos, ou seja, na marcha da civilização, períodos de acalmia e períodos renovadores no que diz respeito à estruturação social. Durante os primeiros, o espírito consegue dar-se a si próprio a ilusão de que provoca, condiciona e dirige a seu belprazer os fenómenos económicos, de modo que se compreendem perfeitamente as ilusões doutrinárias a que, de entrada, fizemos alusão. Durante os segundos, a situação inverte-se, e é agora o turbilhonamento confuso das transformações materiais que parece ditar, discrecionariamente, leis à vida espiritual.

Esta diferenciação tão radical entre os caracteres específicos das épocas de estabilidade e das épocas revolucionárias introduz no conceito da vida espiritual, pelo menos à primeira vista, uma noção de discontinuidade que sempre se me afigurou suspeita. Revolvendo o caso dentro da minha consciência, cheguei à conclusão de que, na realidade, os povos estão condenados a passar na sua evolução por uma série de estádios, que na tradução geométrica do fenómeno são representados por pontos fixos. Assim é que todos os povos civilizados começaram por viver em regímen de nomadismo, depois em regímen de propriedade comunitária, depois em regímen de propriedade individual, parecendo que na actualidade caminham de novo para o regímen da propriedade comunitária. Há neste percurso a mesma fatalidade que caracteriza os ciclos da vida vegetativa desde que a semente é lançada à terra até que surgem novas sementes na planta originada pelo poder germinativo daquela. A transição de um para outro estádio da vida social obedece, a seu turno, a um *processus* definido pela passagem por certo número de fases intermédias. Assim é que, para se preencher o hiato histórico que separa o regímen da propriedade individual do regímen da propriedade comunitária se registaram já ou parecem dever registar-se ainda no futuro os seguintes escalões: economia dirigida, liberalismo económico, concentração capitalista, racionalização económica, economia dirigida, aumento progressivo do sector estatal do capitalismo e expropriação integral do capital privado. Aqui, porém, deixa de subsistir a noção de fatalidade, podendo ser suprimidos alguns dêstes escalões intercalares. Observa-se ainda que o ritmo destas transformações pode ser retardado ou acelerado: no primeiro caso temos um período de estabilidade, no segundo, quando a aceleração atinja certos valores, estamos em presença de um período revolucionário, de catastrofismo mais ou menos acentuado.

O facto de a vida social se subordinar a uma orientação genérica prè-estabelecida não quere, porém, dizer que a acção do espírito se não possa fazer sentir normal-

mente. Para passarmos do ponto *A* para o ponto *B* é-nos possível seguir um número infinito de trajectórias. A nossa consciência tem de escolher entre tôdas elas a que represente a linha de menor resistência e, portanto, a de menor sofrimento — dizia eu em artigo publicado no número 12 da *Vida Contemporânea*. Com efeito o que na existência haja de determinismo não suprime em absoluto o livre arbítrio do homem. Nenhum dos sêres inteligentes pode ter a pretensão de revoltar-se contra a lei da gravidade, mas qualquer dêles, sem se subrair a ela, pode trepar a uma montanha alta e aspérrima ou *pedibus calcantibus* ou utilizando o processo bem mais cómodo de um funicular, caso êste exista. O papel do espírito é primacial para a solução do magno problema da conveniência e da comodidade.

Ora o que venho de dizer é tão verdadeiro para as épocas estáveis como para as épocas revolucionárias. A diferença entre os ritmos das transformações numas e noutras empresta, porém, à mesma questão aspectos muito diversos. Se a passagem do estado *A* para o estado *B* — supondo-os pontos forçados da curva evolutiva das sociedades — se fizer, por exemplo, no espaço de tempo de um século, os povos, partindo de *A*, dispõem de um longo período para ensaios e experiências de que resultam trajectórias zig-zagueantes que acabam por conduzi-los a todos êles ao ponto *B*. É claro que para dois quaisquer povos nunca há sincronismo, mas sim certa diferença de fase, entre êsses fenómenos similares. Se, porém, a velocidade das transmutações económicas e sociais tiver sofrido uma aceleração considerável por virtude de um conjunto de circunstâncias, entre as quais predomina a *acção consciente ou inconsciente* dos homens, então a passagem de *A* para *B* tem de fazer-se, por vezes, tão rapidamente que o espírito dos míseros mortais carece de ginástica para efabulação de raciocínios complexos e de fantasias doutrinárias. É o próprio encadeamento dos factos que em tal hipótese impõe, por assim dizer, a trajectória que deve ser seguida, restringindo de certo modo os graus de liberdade do homem por manifesta insuficiência das suas faculdades mentais.

Em resumo, a tese de Karl Marx é excessiva no seu radicalismo impregnado de fanatismo judaico. O espírito humano trabalha num meio em que actuam fôrças físicas mais ou menos conhecidas de cuja incidência resulta a produção de fenómenos obedecendo a certos princípios de ordem geral. Não obstante isso, o homem possui em regra potência bastante para, dentro de certos limites, alterar a intensidade, a direcção e o ponto de aplicação dessas fôrças em têrmos de que os seus efeitos variem concomitantemente, sem, contudo, se produzir uma radical inversão da fisionomia de tais fenómenos. Às vezes, porém, posta em movimento acelerado a máquina económica, o homem deixa de ter, por momentos, a possibilidade de regulá-la e então limita-se a seguir-lhe ansiosamente as evoluções até que abrande a sua impetuosidade e a inteligência readquira o seu relativo poder do domínio sôbre ela.

Em qualquer das hipóteses, os programas destinados a condicionar a actividade dos povos durante longos prazos nunca devem ter carácter teórico, nunca devem perder de vista as realidades, isto é, os pontos de passagem forçados das transformações sociais. E, muito em especial nas épocas revolucionárias, o doutrinarmismo deve restringir-se a concepções muito genéricas, na certeza de que só a observação persis-

tente dos factos nos pode orientar sôbre o sentido e o alcance do determinismo de que veem impregnados êsses factos, e só ela, por conseguinte, nos pode ajudar a architectar planos de acção colectiva que não resultem quiméricos e prejudiciais ao bem comum.

Nem a matéria se impõe, pois, discrecionariamente ao espírito, nem a recíproca é verdadeira. Ambos se influem mutuamente, em proporções variáveis com as circunstâncias.

* * *

Nos trabalhos que venho publicando de há quatro anos a esta parte, a minha atenção tem incidido preferencialmente sôbre a descoberta dos pontos forçados e dos pontos presumíveis da evolução económica e social da humanidade, sem manifestar uma concordância ou discordância ridículas com o determinismo que preside ao entrelaçar dos acontecimentos. Como já disse, creio piamente que os povos, atingida a fase da concentração capitalista, estão condenados à adopção de regimens híbridos em que o sector do capitalismo privado se irá adelgaçando até de todo desaparecer. Compreendo que a um burguês, puro sangue, repugne profundamente tal perspectiva, como compreendo que ela ilumine de regosijo a alma de um operário, herdeiro de uma tradição milenária de escravidão que êle queira enfim romper com suas mãos calosas. Há, porém, outras pessoas cuja sensibilidade pode ser agradável ou desagradavelmente impressionada por êste facto, mas cuja inteligência compreende que êle faz parte da ordem universal e que, portanto, há que acatá-lo como se acatam os movimentos da terra em relação ao sol. Mussolini, para não ir mais longe, a-pesar-de de fazer consistir a sua glória em ter libertado a Itália das garras dum bolchevismo dissolvente, não se peja de proclamar, repetidas vezes, que o capitalismo se encontra no ocaso. Nem por isso êle deixa de ser o supremo intérprete dos interesses duma plutocracia que trata de viver, o mais cômodamente que lhe é possível, dentro do mundo, tal como êle é, e não como alguns *ingénuos* desejariam que fôsse para seu maior proveito e glória.

Não se me queira atirar à cára com o epíteto de oportunista por virtude da atitude intelectual que adoptei. Pelo menos o meu oportunismo é de boa cepa por isso que tem consistido invariavelmente em desprezar interesses materiais quando êstes se encontrem em discordância — ¡e tantas vezes o têm estado! — com as determinações da minha consciência, que nem é cômoda, nem é contemporizadora. Do que se me pode acusar, isso sim, é de conformismo com as leis da vida terrestre, na impossibilidade em que me encontro, por atraso da astro-náutica, de ir estabelecer arraiais noutro planeta. Acresce a isto que o meu espírito é suficientemente clarividente para saber distinguir o que deve haver de forçado e o que possa haver de contingente nos programas políticos e sociais dos vários grupos humanos. Se, de facto, a todos importa acatar as leis da vida segundo a interpretação que cada época lhes atribui, cada um dêles tem o pleno direito de considerar, como mais conveniente, determinada trajectória social, desde que não sejam desrespeitadas no seu traçado essas leis basilares.

Do complexo das minhas observações sôbre os fenómenos da era contemporânea ressalta a certeza de que, consciente ou inconscientemente, todos os programas hodiernos, sem exclusão dos mais reaccionários em matéria política, têm características socializantes mais ou menos acentuadas, tanto é certo que a realidade da marcha para a concentração dos grandes capitais nas mãos do Estado a todos se vai impondo irresistivelmente. As transformações operadas nos espíritos sôbre o conceito de propriedade privada são tais que se aceitam hoje limitações no direito correlativo que ontem seriam encaradas pela burguesia como autênticos sacrilégios. Eu sei que estas verdades ainda têm o condão de causar calafrios a certos burgueses esturrados a quem poderemos alcunhar com precisão de socialistas que se ignoram a si próprios. Tenham, porém, a santa paciência de se conformar com o inevitável, já que não têm outra coisa a fazer.

Entre êstes socialistas confessos ou envergonhados poderemos, porém, estabelecer uma primeira distinção em três grupos: há-os que querem apressar a marcha das transformações económicas e sociais pelo método catastrófico; há-os que, sem quererem precipitar o fenómeno, são partidários duma evolução apressada; há-os finalmente que pretendem retardá-la tanto quanto humanamente lhes fôr possível. Sou em crer que os que se arregimentam neste último grupo perseguem um ideal absurdo que vai de encontro às tendências inelutáveis da civilização. No que toca aos dois primeiros grupos, ensina-nos a história que as grandes transformações sociais se têm operado quer por um, quer pelo outro dêsses processos. Por via de regra, há um primeiro povo em que o fenómeno assume características de cataclismo — vidé Revolução Francesa. Depois estabelece-se uma espécie de irradiação ideológica para os outros povos, com efeitos de penetração mais ou menos rápidos consoante as circunstâncias. Isto provoca perturbações revolucionaroides, que já não são verdadeiras catástrofes, mas sim agitações epidérmicas, podendo assim dizer-se que a alteração da fisionomia social da maior parte das nacionalidades se tem feito pelo *processus* evolutivo mais ou menos apressado. Confinando as nossas atenções mais particularmente na época actual, teremos de reconhecer que o abalo russo de 1917 corresponde «*mutatis mutandis*», ao abalo francês de 1789. Não contraria, pois, as leis normais da existência colectiva admitir, como eu faço, que a humanidade tem o dever moral de furtar-se às dores inenarráveis dos grandes cataclismos sociais pela modificação gradual e acentuadamente progressiva das suas condições actuais, feita no sentido que venho indicando.

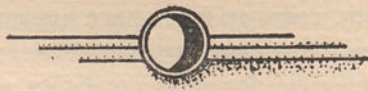
Uma segunda distinção há que estabelecer entre os socialistas conscientes ou inconscientes da época actual: há-os que querem que a reforma do Estado, paralela da reorganização da estrutura das sociedades, se faça em proveito dos elementos predominantes da burguesia, isto é conservando-os, a êstes, como dirigentes do Estado e da economia socialista; há-os que, bem ao contrário, pretendem o nivelamento de tôdas as classes e que nas sociedades assim planificadas se originem consecutivamente as inevitáveis diferenciações de capacidades, entregando-se aos valores mais altos dos agregados as funções mais altas também. Pelo que me diz respeito arreiamento-me nesta segunda categoria.

Quem assim vem confessando ao longo de estudos vários, que só não pecam por pouco numerosos, as suas predilecções espirituais, sem tentar fugir, claro está, àquilo que reputa os pontos forçados da evolução social, não pode ser alcunhado, sem grave injustiça, de calculada e manhosa indecisão, ao apresentar o seu ideário político-social. Mas há mais. Tenho descido por vezes ao detalhe, isto é, à exposição das bases que podem constituir programas de circunstância, dentro dos princípios directores precedentemente expostos. Assim o fiz, por exemplo, no livro que subordinei ao título de — *Ditadura, Democracia ou Comunismo?* É evidente que, dada a vertigem da vida contemporânea, êstes programas têm um valor meramente episódico, devendo por isso ser sujeitos a revisões não muito distanciadas no tempo. Nos meus estudos subsequentes encontra-se, porém, esparsa e largamente documentada essa obra de revisão.

* * *

Ora tudo isto veio a propósito para dizer aos meus seis leitores, normalmente benévolo por questão de amizade, que no conjunto da minha obra, para quem a queira ler com pachorrenta atenção, se encontra todo um programa político-social — não daqueles programas à moda antiga, utópicos e guizalhantes, mas sim dos que respeitam as realidades e fogem à tirania de certas ilusões, tanto mais perigosas por via de regra quanto mais aparentemente inocentes e inofensivas.

19-11-935.





VIDA COLONIAL

Ensaio sôbre a vida e as coisas de Cabo Verde

Por VASCO DA GAMA FERNANDES

1 — À maneira de introito

Tem a *Vida Contemporânea* inserido nesta sua secção colonial alguns notáveis trabalhos, subscritos por homens que na vida do ultramar aprenderam o muito que os seus escritos fazem descortinar, mesmo a profanos.

Descobre-se nessas páginas o reflexo exuberante duma experiência, alicerçada numa cultura de especialidade que não destoa, antes completa aquela cultura geral tão necessária ao homem moderno para compreensão dos milhentos problemas que afligem a vida humana.

Compreende-se e justifica-se, portanto, o nervosismo e as apreensões dum novato, como eu, ao pretender incluir o nome na lista ilustre dos colaboradores da secção colonial desta revista, cujos triunfos são perenes alegrias para o meu espírito que nela encontrou um motivo sério para satisfação e enlêvo, circunstâncias que desejo salientar no momento em que ela alcança o seu aniversário, percorrida uma longa estrada de doze meses, guiada pela inteligência, pela cultura e pela educação do engenheiro Cunha Leal.

Um dever no entanto se me impunha, dever que cumpro com a alegre despreocupação com que cumpro todos os deveres.

Cabo Verde é a minha terra.

Foi lá, nessa saudosa cidadezinha do Mindelo, na ilha de S. Vicente, que vi a luz do dia e foi lá que brinquei nos meus primeiros anos, despreocupado da vida que mais tarde me guardaria algumas desilusões, rodeado pelo carinho de meus pais e de minha família, — uma parte dela labutando ainda nessas paragens, na ingrata faina de ganhar o pão de cada dia.

Não é sem certa emoção que recordo o tempo duma meninice descuidada, as horas inesquecíveis das primeiras letras, os meus companheiros de escola, perdidos hoje no *mare magnum* das recordações que se vão esvaindo, como nuvens brancas e passageiras, nos horizontes do passado.

É ainda a recordação dêsse passado e a lembrança dos entes queridos que mourejam na minha terra que me obrigam a intentar escrever — êste trabalho é um modesto ensaio... — alguma coisa sôbre Cabo Verde, terra esquecida e maltratada pelas inclemências dum destino injusto.

Trago ainda nos olhos a imagem querida da terra onde nasci e amiúde recordo-a e falo dela sempre que patrícios vindos à metrópole me dão a satisfação de trocar impressões sôbre as suas necessidades, sôbre os seus problemas capitais, sôbre a sua vida angustiosa. Delicio-me com as notícias animadoras que me trazem os seus jornais ou entristeço-me quando êles contem a confirmação dolorosa dos seus íntimos pezares.

Tenho, portanto, bem presente no meu coração o arquipélago de Cabo Verde e, ao contrário de muitos intelectualizados, profundos em ideas superficiais, sinto muita honra em ser filho dessa terra de gente bondosa, honesta, sentimental que dentro dela trabalha, afanosamente, pelo seu progresso e que fora dela nunca esquece a sua condição natural.

Que me desculpem os leitores, em nome da saudade e do amor pela minha terra, a insuficiência das considerações que se seguem. Quero prestar êste pequeno serviço a Cabo Verde, tão desconhecido e tão tradicionalmente desprezado.

Não seria lógico, entretanto, que me deixasse levar, unicamente, na feitura dêste trabalho, pelas inspirações fugidias do meu sentimento ou pelos informes rápidos e imprecisos de amigos e de jornais.

Algumas horas dediquei à análise dos problemas que se descortinam na anémica literatura sôbre Cabo Verde, colhendo elementos e procurando nos dados económicos e no confusãoismo dos números um caminho seguro que me levasse à almejada meta das soluções.

Aqui deixo registado o que li neste particular. Que outros consigam fazer melhor e mais proveitoso são os desejos dum caboverdeano agradecido.

BIBLIOGRAFIA

Corografia caboverdeana, tomos I e II, por José Conrado Carlos de Chelenichi e Francisco Adolfo Varn Hanher.

As colónias portuguesas, por Ernesto de Vasconcelos.

Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné, por Cristiano José de Sena Barcelos.

Representação dirigida a Sua Magestade pelos negociantes e proprietários de S. Vicente de Cabo Verde, em 1899.

Relatório da repartição de Agricultura Pecuária de 10 de Janeiro de 1934.

Inquérito determinado pelo govêrno da província em 1916, por A. F. Figueiredo de Barros.

Memória ao Congresso Colonial de 1901, por César Gomes Barbosa, Chefe de saúde da Guiné.

Monografia sôbre a província de Cabo Verde, por J. B. Amândio Gracias.

África portentosa, por Gastão de Sousa Dias.

Subsídios para o conhecimento das ilhas de Cabo Verde, por Immanuel Friedlaender.

Boletins da Agência Geral das Colónias (n.ºs 3, 4 e 5 de 1926) — artigos de João de Almeida sobre «O Pôrto Grande de S. Vicente»; n.º 82 de Abril de 1932, artigo de J. Bacelar Bebiano «Alguns aspectos económicos do arquipélago de Cabo Verde»; n.º 45 de Março de 1929 (dedicado inteiramente a Cabo Verde), artigos de José Bacelar Bebiano «O vulcão do Fôgo»; Guedes Vaz «Arborização das Ilhas de Cabo Verde»; Alexandre de Almeida «A colónia de Cabo Verde»; João Gomes da Fonseca «Breve noticia sobre o fomento de Cabo Verde»; Alberto Atílio Leite «A ilha de S. Vicente de Cabo Verde e o seu pôrto grande»; Adriano Duarte Silva «A instrução pública em Cabo Verde»; José Lopes «Arquipélago de Cabo Verde».

Jornal do Comércio e das Colónias, artigos de Simão Barros nos n.ºs 24.066 e 24.224.

Estatística geral de Cabo Verde (ano de 1932).

Orçamento da Colónia (1934-35).

Notícias de Cabo Verde (n.ºs 109 de 1935, artigo de João Gomes da Fonseca sobre «Melhoramentos dos Portos do Arquipélago»; n.º 99 de Setembro de 1934, editorial).

Relatório sobre a arborização de Cabo Verde, pelo prof. Azevedo Gomes.

Madeira, Cabo Verde e Guiné, por J. A. Martins.

2 — Um pouco de geografia e de história

O arquipélago de Cabo Verde está situado no Oceano Atlântico norte, entre os paralelos 17°, 13' e 14°, 47' de longitude norte e entre os meridianos de 22°, 45' e 26°, 22' de longitude oeste de Greenwich. Compõe-se de 14 ilhas e ilhéus principais, estendendo-se em forma de meia lua com o lado convexo voltado para o continente africano, distribuídos em dois grupos — o de Sotavento e o de Barlavento — nomes estes que adveem da direcção dos ventos dominantes.

A sua superfície abrange um total de 3.928,6 km² e a sua população, segundo o último censo, atinge 148.300 habitantes, distribuídos por 4.040 brancos, 55.139 pretos, 89.101 mestiços e 220 estrangeiros.

A capital da colónia é a cidade da Praia, na ilha de S. Tiago.

As ilhas e ilhéus que compõem o arquipélago são:

a) *Santo Antão*: É a mais ocidental e setentrional, com 12 léguas de comprimento e outro tanto de largura. É uma ilha extraordinariamente montanhosa, cortada por uma infinidade de ribeiras. As suas condições climatéricas são admiráveis, desconhecendo-se, em grande parte da ilha, a existência de quaisquer febres palustres, a tal ponto que em 1901 já o chefe de saúde Bernardo José de Oliveira preconizava a criação dum sanatório na Ponta do Sol onde, à semelhança dos sanatórios ingleses do Himalaia e dos franceses do Senegal e da Guiana, «os doentes ou convalescentes desta e doutras províncias encontrariam não só um clima salubérrimo mas também os recursos das suas bem conhecidas águas minerais, que, no dizer do naturalista alemão Cornelius, não são inferiores às de Vidago».

b) *S. Vicente*: É a ilha base do arquipélago, esperança justificada do ressurgimento caboverdeano, a que faremos merecida e demorada referência no decorrer deste trabalho.

Possui oito léguas de comprimento sobre cinco na sua maior largura. É uma ilha árida, de aspecto desagradável, dada a escassez da arborização, antítese completa da

sua irmã fronteira, Santo Antão, mas proprietária de um grande pôrto, cujo valimento e especial posição também serão tratados neste artigo.

c) *Santa Luzia* : Tem 4,5 léguas de comprido sôbre duas de largo, distando seis milhas da ponta oeste de S. Vicente, inhabitada, mas muito aproveitável pela riqueza de um fértil pasto e abundância de peixe.

d) *Ilhote branco e ilhéu raço* : inhabitados e com condições económicas idênticas às de Santa Luzia.

e) *S. Nicolau* : Tem quinze léguas de comprido sôbre duas de largo. É duma fertilidade que pasma, concorrendo para o abastecimento da colónia com todos os géneros de primeira necessidade, regada por inúmeras ribeiras, entre as quais é justo destacar a Ribeira Brava, a Ribeira das Queimadas, da Prata, etc. Foi a sede do seminário da província.

Ilha fundamentalmente agrícola, é de esperar que no futuro ela desempenhe um predominante papel na economia interior do arquipélago, suprimindo assim as dificuldades de alimentação e sustento dos seus habitantes.

Acresce ainda, para a valorizar, a circunstância de haver notícia da existência de pirites de cobre, sulfatos de zinco, pedras de cantaria e calcáreas na ponta da Enxovia.

f) *Ilha do Sal* : Tem seis léguas de comprido sôbre duas de largo. O seu nome deriva da abundância de maretas artificiais e naturais em que se cristaliza a água do mar. Vem já dos fins do século XVII o reconhecimento da importante riqueza desta ilha, na altura em que os habitantes da Boa Vista exploravam o sal. A regulamentação cuidada dessa exploração só foi, porém, realizada, mercê da fome trágica de 1705, pelo conselheiro Manuel António Martins.

Na altura das chuvas a ilha cobre-se duma pastagem utilíssima que, aproveitada pelo gado, fornece a todo o arquipélago grande quantidade de carne e leite.

g) *Ilha de Maio* : Tem cinco léguas de comprido sôbre três de largo. Falha de arvoredos, possui sal e abundante peixe.

h) *Ilha de S. Tiago* : É a ilha cantada por Camões :

Àquela ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro S. Tiago.

(*Lus.*, Canto V, Est. IX)

Possuidora da maior extensão do arquipélago, mede dezoito léguas de comprido sôbre oito de largo. Primitivamente chamada de S. Jacobo, é nesta ilha que está a sede do govêrno, facto que tem dado azo a discussões porquanto muitos nativos e continentais — entre êstes últimos destacou-se o governador António Pusich — entendem que a capital da colónia deveria fixar-se na cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, dada a sua situação especial que permite maiores facilidades de comunicação com a metrópole, tanto por via marítima, como pelo cabo submarino.

Somos daqueles que também consideram um êrro a localização da sede do govêrno na Praia, embora a ilha de S. Tiago seja de exuberante riqueza intrínseca, co-

bertos os seus extensos vales de hortas que produzem, abundantemente, grande variedade de mandioca, batata doce, hortaliça, abóbora, coqueiros, laranjeiras, limoeiros, bananeiras e papaias.

É montanhosa, percorrida por uma extensa cordilheira de basalto, cortada por ribeiras caudalosas na época das chuvas que transformam os terrenos marginais em extensões cultiváveis. Estas contribuem grandemente para a prosperidade da ilha, hoje em condições de salubridade, menos propícias na parte baixa do que nas altitudes, que são de clima ameno e próprio para repouso.

i) *Ilha do Fogo* : Antigamente chamada de S. Filipe, é hoje conhecida por Fogo em virtude do seu vulcão, cuja importância turística será assinalada mais adiante. Abundante em salitre, pedra pomes e também rica em cocos, tamarinos, guavas, bananas, crescendo imensa urzela nos seus rochedos.

j) *Ilha da Brava* : Conhecida por alguns como o «Paraiso caboverdeano» e por outros como «a ilha fundeada no oceano». O seu nome de Brava deriva segundo um seu filho ilustre, o falecido poeta Eugénio Tavares, da natureza selvática e da orografia e do bravio dos seus vales, emaranhados de vegetação hostil.

A sua maior cultura é o milho. Feito o seu povoamento por madeirenses, europeus e alguns habitantes do Fogo, acossados pela fome, a produção de feijão intensificou-se, descobrindo-se, paralelamente a sua água de Vinagre, categorizada como excelente.

k) *Ilha da Boa Vista* : É uma ilha plana, com apreciáveis elementos de riqueza, como a cal, criação de gado, tinturaria e abundância de peixe.

Os seus filhos são músicos de primeira qualidade, de larga inspiração poética que lhes adoça um pouco as agruras duma vida difícil, bloqueados pelas necessidades do arquipélago.

l) *Ilhéus do Rombo* : São pequenos ilhéus sem importância de maior, aproveitáveis para a pastorícia e para a colheita de estrume para a agricultura.

Vejamos, agora, rapidamente, a historiografia da colónia.

Descobertas por Diogo Gomes e Antonio de Nolli, em 1446, o seu nome deriva de Cabo Verde, por ser o cabo do continente africano mais próximo do arquipélago.

Na altura da sua descoberta eram deshabitadas mas, no entender de Friedlaender, «foram encontrados, ao que se diz, muros e montes de pedras empilhadas, que, pela sua construção, lembrariam os muros primitivos da idade da pedra, como dólmenes».

Em certas partes da ilha de Santo Antão (Ribeira da Janela) e da ilha de S. Nicolau, parece que se conservam inscrições gravadas nas paredes da rocha.

Cristiano Barcelos, numa memória apresentada à Academia das Ciências, refere-se assim à história do arquipélago :

«Supõem alguns que estas ilhas já eram conhecidas dos antigos geógrafos com o nome de Hespéridas ou Gorgonas, como diz Plínio ¹.

¹ Traditor et alia insula contra martem atlatem et ipsa atlantis appellata. Ab ea quinque dierum navigatione solitudines ad Actiopes Hesperias et Hesperionceras, quod vocavimus cir-

Plínio e outros, falando das ilhas próximas a Cabo Verde, *promontorium Hesperius*, não se referiam de certo às do arquipélago de Cabo Verde, que ficam muito distantes do continente negro.

Dêste não se avista a mais leve sombra daquelas.

Não nega a História que os fenícios, cartagineses e outros povos fossem navegadores, porém é um facto que a navegação dêles era tôda costeira, mui diferente da do século XV em diante, século em que Portugal abriu caminhos marítimos, ligando assim todos os povos do mundo. Descobriu êste o caminho para o oriente e para a América.

Como explicar, pois, o conhecimento destas ilhas por Plínio e outros, se para isso lhes era preciso fazer uma navegação larga?

Não seriam as Hespéridas ou Gorgonas as mesmas ilhas de que nos fala o Livro 1.º, fls 61., da Chancelaria de D. Afonso V, da temporalidade das quais fêz o infante D. Henrique doação a seu sobrinho D. Afonso V, incluindo o Cabo Verde? Não seriam as de S. Luiz, S. Deniz, S. Jorge, S. Tomaz e Santo Eirico? Não duvidamos.»

No momento da sua descoberta — segundo Chelenichi e Vernhagem — «as ilhas de Cabo Verde foram doadas ao infante D. Fernando (do qual passaram para D. Manuel e depois para D. Jaime); repartidas ainda entre donatários parciais, foram governadas durante os primeiros 130 anos por capitães-mores, com jurisdição somente na ilha onde residiam.

O dr. Gaspar de Andrade Rodrigues foi o primeiro capitão-mor das ilhas de que temos notícia, sucedendo-lhe André Raposo. Veio depois a invasão de Castela e foi nomeado o primeiro governador Duarte Lobo da Gama, seguindo-se-lhe outros, como se vê do respectivo catálogo».

De então para cá a lista dos governadores já atingiu o número de cento e onze...

Com tal abundância equatorial de governadores era natural que Cabo Verde deixasse de ser aquela pobre terra, em que na opinião autorizada do colonial eminente que é Carde «o homem tem fome porque a terra têm sede»!

Não quiere esta afirmativa significar monoprêzo por alguns distintos coloniais que superintenderam no govêrno da colónia.

Mas a verdade está bem patente, e ela é tão forte que o actual governador não recusou reconhecê-la, afirmando no discurso proferido na sessão inaugural da conferência dos governadores:

Cabo Verde é daquelas colónias que não têm conseguido atrair a atenção da Metrópole.

cumagente se tenarum ponte in occasum ac mare atlanticum. Contra hoc promontorium Gorgades insulae narrantur, Sargonum quondam domus bidui navigatione distantes e continente, ut tradit Henophon Sampracenus (*Hist. Natural*, Liv.º 6.º, cap. 31.)

3 — Realidades e possibilidades económicas

Para boa ordenação dêste trabalho trataremos particularmente de cada um dos pontos capitais da economia caboverdeana.

Seguiremos a seguinte ordem que nos parece mais acertada, dada a importância de cada um dos pontos a abordar :

- a) *O Pôrto Grande de S. Vicente ;*
- b) *A cultura da purgueira ;*
- c) *A cultura do café ;*
- d) *A indústria da pesca ;*
- e) *A agricultura e pecuária ;*
- f) *As indústrias locais ;*
- g) *O turismo.*

Numa segunda parte dêste capítulo estudaremos :

- a) *O problema da arborização ;*
- b) *A questão do aeroporto.*

a) O PÔRTO GRANDE DE S. VICENTE

Ricciolus, ao enumerar na sua Geografia os melhores portos do Globo, diz :

«Inter Hesperides insulas, S. Vicenti sinum habet cum optimu portu 20 et 25 passuum securo ob ancoris peridones.»

Entre 1850 e 1860 o cônsul inglês John Randall enamorou-se do belo pôrto de S. Vicente. Realizando-se nessa altura um congresso na Ilha da Boa Vista para a abolição da escravatura, o citado cônsul, após essa assemblea, fixou a residência na ilha de Santo Antão e daí aportou a S. Vicente. Estudado o pôrto, Randall considerava-o o melhor do mundo e de tal forma influia no ânimo dos seus compatriotas que a firma britânica Royal Steam Packet. C^o., escolhia-o para ponto de escala e fornecimento de carvão.

Vejamos em primeiro lugar a situação da ilha.

Fica situada entre os paralelos 16°, 46', 26" N e 16°, 55', 26" N e os meridianos 24°, 51', 36" e 25°, 05', 29" W. Greenwich, colocada no meio de Santa Luzia e Santo Antão. A sua configuração é irregular, atingindo a sua superfície 195,5 kms.

Constituída por altas montanhas, quasi despidas de vegetação, deram já ensejo a que a fantasia literária de Gastão Sousa Dias as considerasse como «um monstro de paisagem, capaz de provocar na imaginação dos homens a evocação de lendas fantásticas, atribuindo a gigantes e a titans a sua autoria».

Embora o arquipélago possua vários portos dignos de menção, que, apetrechados e melhorados, deverão desempenhar um papel meritório na economia caboverdeana, como a baía da Moreira na ilha do Sal e o porto da Praia, tôdas as atenções se concentram em S. Vicente.

Com uma superfície de 700 hectares, com 500 hectares com fundos acima de 5 metros, onde podem permanecer, à vontade, grandes transatlânticos, o Pôrto Grande é separado da ilha de Santo Antão por um extenso canal com oito milhas na menor largura, batido por raros ventos do nordeste, não havendo, como diz João de Almeida, «memória de qualquer embarcação deixar de meter carvão por causa do mau tempo».

O fundo da baía é limpo, sem correntes fortes, podendo ser demandado a qualquer hora, isento de perigos, pelos barcos das carreiras que, partindo da Europa, demandam os portos das Américas e da África austral. No período anterior à abertura do canal de Suez a maior parte da navegação de África, do Oriente, da Austrália e da América escolhia o Pôrto Grande para ponto obrigatório de paragem, atingindo o máximo de desenvolvimento em 1899.

A guerra contribuiu, em grande parte, para a sua decadência. A falta de condições de defesa militar afugentava a navegação, amedrontada com as traiçoeiras investidas dos submarinos.

Não foi esta, no entanto, a causa base da sua acelerada depreciação.

O desenvolvimento dos portos de Dakar e das Canárias, a modificação das condições de navegabilidade que evitam aos barcos paragens repetidas, levando-os do ponto de partida ao ponto desejado, são os motivos principais do desastroso fenómeno, que tanto tem debilitado Cabo Verde.

A concorrência dêstes portos já se fizera sentir em 1899. Nesse tempo os negociantes e proprietários de S. Vicente de Cabo Verde, numa representação enviada ao Rei, chamavam a atenção da metrópole para o cuidado e solicitude com que os governos espanhol e francês apatrecavam Las Palmas e Dakar, ao mesmo tempo que intensificavam a agricultura nessas regiões.

No número das providências solicitadas, as forças vivas do Mindelo lembravam ao Govêrno a necessidade de conceder vantagens aos agricultores de Santo Antão, já que a agricultura em S. Vicente lhes parecia de penoso desenvolvimento.

Parece que a representação dos comerciantes e proprietários de S. Vicente logrou, unicamente, um lugar escondido nos arquivos do Ministério das Colónias...

Ainda hoje não seria descabida uma representação redigida nos mesmos termos. E já lá vão 36 anos...

A leitura da documentação referente ao pôrto, a consulta das variadas opiniões sôbre o problema e as conclusões e a que cheguei de impressões trocadas sôbre a questão levaram-me aos seguintes resultados :

Quem pretender enfrentar a meritória obra de imprimir novas directrizes tendentes a ressurgir o Pôrto Grande nunca deve esquecer que a civilização, com o seu crescente desenvolvimento de técnica, foi um factor decisivo na queda do movimento da navegação. Não representa esta circunstância um motivo para cruzar os braços, já que os portos de Dakar e Las Palmas, sofrendo também o reflexo dos tempos, conseguem, no entanto, manter um apreciável movimento de entradas e saídas que contribuem para equilíbrio da sua vida económica.

Há que fazer no meu entender :

1) Instalação de depósitos modernos de combustível, de molde a fazer-se ràpi-

damente o fornecimento aos barcos, barateando-se a mão de obra pelo emprêgo de maquinismos adequados. Com a substituição do carvão pelo óleo, dever-se-iam comprar alguns barcos-tanques que servissem a navegação com a rapidez necessária, já que esta tem vantagem em que o fornecimento seja feito em S. Vicente, para um completo abastecimento até ao ponto de chegada.

2) A construção de terraplanos e cais acostáveis que proporcionassem à navegação uma rápida aguada e um célere fornecimento de viveres.

3) Cuidar do abastecimento da água em S. Vicente, a preços módicos, pela exploração de novas nascentes na ilha ou pela montagem dum regular serviço de cabotagem que trouxesse rapidamente o precioso líquido da vizinha Santo Antão.

4) Construção de docas modernas para imediata reparação e limpeza de barcos.

5) A existência duma zona franca — como já foi preconizado — onde as mercadorias fossem guardadas e reexpedidas sem embarços e interferências.

6) Guerra à morosidade da burocracia da terra, representada, neste particular, pelos serviços da alfândega, capitania e saúde.

7) Baixa dos direitos de importação sôbre o carvão.

8) Promover pela doçura da sobrecarga aduaneira, a construção de cinemas, a entrada de *films* e a edificação dum teatro e de *cabarets* que imprimam à cidade o aspecto atraente dum pôrto moderno, com a alegria e os divertimentos tão reclamados por quem suportou, durante dias e noites, as inclemências do oceano.

Poderão surgir outros detalhes do problema, um dos quais, a arborização de S. Vicente, será tratado num capítulo destinado à arborização do arquipélago, que também interessam ao progresso do pôrto.

Cuidarei de os investigar com paciência.

Duma maneira geral parece-nos serem estas as exigências dessa grande baía africana que Ernesto de Vasconcelos considerou como «surgidouro, vasto e seguro».

Deve a metrópole pensar uns segundos na riqueza latente dêsse pôrto que de 1917-18 a 1929-30 rendeu 28.419.473\$30, produto das suas taxas de trânsito e telegramas do Cabo Submarino. Só 50 % dêste produto foram creditados a Cabo Verde e, mais tarde, a metrópole, num rebate de consciência, guardou para si 25 %.

Nas receitas, não incluídas nos rendimentos *próprios* da colónia, as taxas telegráficas de trânsito e a alfândega de S. Vicente ocupam 75 %!

Muitos projectos têm sido apresentados para a melhoria do pôrto.

Quero destacar dois: o do sr. João de Almeida que orçamentou as obras — para todos os portos — em 120.000.000\$00 e o do sr. engenheiro João Gomes da Fonseca, um filho da terra, cheio de talento e boa vontade, que atribuiu a verba de 25.000.000\$00 para o Pôrto Grande.

É dêste ilustre caboverdeano esta admirável síntese, donde se deveria partir para a solução do problema do pôrto:

«Actualmente o problema do pôrto de S. Vicente pode dividir-se em duas partes: parte *construtiva*, dizendo pròpriamente respeito às obras que é necessário realizar para facilidade das condições de vida do pôrto, e parte *diplomática*, respeitando às relações que devem estabelecer-se entre os governos e as companhias carvoeiras e

visando o abaixamento do preço do carvão, facto principal que influi na frequência, do Pôrto, notando-se que a solução desta última parte é sobremaneira urgente em relação à primeira.»

Impõe-se ainda uma revisão dos projectos apresentados, a deslocação até ao arquipélago de engenheiros especializados em portos e, acima de tudo, a solicitude da metrópole para essa questão de vida ou morte para o arquipélago!

Cabo Verde sem o seu Pôrto Grande poderá tentar uma vida local que é de duvidar se bastará para as suas necessidades intrínsecas.

Mas não é humano que se queira manietar uma colónia, transformando-a no paraíso inhabitado que os seus primitivos colonizadores encontraram!

b) A CULTURA DA PURGUEIRA

A existência da purgueira em Cabo Verde parece datar dos recuados tempos da primitiva colonização.

Cresce abundantemente entre as rochas, exposta aos rigores do sol, sem cuidado, embora Barjona de Freitas fôsse de opinião que uma poda regular conviria muito à sua proliferação. O seu fruto produz uma grande quantidade de azeite, calculando-se que um jornaleiro, trabalhando dez dias, plante purgueira que chegue para encher uma pipa.

E' um produto imensamente procurado fora de Cabo Verde pela sua utilíssima transformação em óleos e de extraordinário valor para a terra pela sua utilização no sabão indígena, crescendo ainda que as cinzas do rico arbusto fornecem uma potassa aproveitável.

A sua utilidade e a sua influência na economia caboverdeana é tão patente que muitos dos estudiosos, que têm tratado das suas vantagens, preconizam a completa arborização do arquipélago com purgueira.

A exportação de purgueira, antes e depois da guerra, do ano de 1913 a 1927, somou, para Portugal e Colónias, 13.355.696 quilos e, para o estrangeiro, em 1925, 817.032 quilos. O mercado por excelência é, como se vê, o continente e alguns domínios coloniais.

Segundo cálculos feitos pelo sr. Alexandre da Almeida, director dos serviços aduaneiros, bastaria a exportação de 200.000 toneladas anuais para que a colónia tivesse o seu futuro garantido.

Mas êste problema, como todos os que se seguem, tem os seus alicerces na melhoria dos portos provinciais, na metodização do serviço de cabotagem e na pesquisa dos mercados estrangeiros onde a colocação dos produtos fôsse vantajosamente possível.

c) A CULTURA DO CAFÉ

Outra produção importante do arquipélago é o café.

Introduzido em Cabo Verde em 1790, por intermédio do feitor da Fazenda Na-

cional, António Leite, aclimatou-se com grande facilidade e, a breve trecho, a sua produção ocupava proeminente lugar nos quadros económicos da província.

O seu cultivo é feito principalmente nas ilhas do Fogo, Santo Antão e S. Tiago. Pode bem dizer-se que em Cabo Verde se explora o café. Os cuidados com esta planta são nulos, ao contrário do que indicam agrónomos e entendidos.

Sofrendo a província de estiagens prolongadas o café ressentia-se da falta de abrigos que lhe podiam ser proporcionados por intermédio duma arborização adequada que amenizasse os rigores dos raios solares e ao mesmo tempo atenuasse os efeitos da humidade que asfixia as suas raízes.

Para isso tem-se pensado no *Cojanus indicus*, conhecido na província por *feijão congo*.

A humidade tão prejudicial a essa cultura deriva, especialmente, das cheias que encharcam os campos, transformando-os em lamaçais intransitáveis.

A forma prática de evitar êsse mal — posta de parte a hipótese de estudar a maneira de conter em respeito as águas nos seus leitos — era plantar o café em locais afastados do mar, nas colinas e em planaltos de altitude não inferior a 100 metros.

Como males do café podemos resumidamente agrupar os seguintes, em conformidade com as indicações técnicas fornecidas pela Repartição de Agricultura e Pecuária da Praia :

- a) *Má cultura ;*
- b) *Solos cansados ;*
- c) *Má exposição ;*
- d) *Agrupamento denso de plantas ;*
- e) *Velhice e esterilidade das plantas.*

A sua exportação antes e depois de guerra, dos anos de 1913 a 1927, foi para Portugal e Colónias de 920.481 quilos e para o estrangeiro de 3.614 quilos.

Os números transcritos traduzem a importância do café no movimento de exportação da colónia.

Produto rico, procurado pelo seu sabor agradável, devem os governos cuidar dêle desveladamente, como o elemento de maior preponderância na riqueza de Cabo Verde.

d) A INDÚSTRIA DA PESCA

Os mares caboverdeanos são plétóricos de bom peixe, destacando-se o badejo, a dourada, a bonita e o sargo. São muito frequentados pela baleia e cresce neles imenso coral que outrora fôra explorado por napolitanos.

Que nos conste, uma só vez a metrópole pensou a sério nesta indústria. Foi o dr. Moreira Júnior, quando ministro da Marinha e do Ultramar, quem determinou que ao professor da Escola de Pilotagem na Praia «fôsse dado o encargo de ensinar os métodos de preparação do peixe pela salga ou secagem».

Como elementos interessantes para a instalação definitiva da indústria e seu pro-

gresso, há que contar com as inúmeras qualidades de peixe, condições favoráveis para a secagem rápida, a barateza do sal e da mão de obra.

Com o impulso dado à cabotagem, a indústria da pesca virá a ocupar uma posição de destaque na província.

Ligada a êste problema, podemos, considerar a produção do sal, outra riqueza digna de atenção.

Embora de pobre exportação — a guerra com o afastamento dos barcos alemães deu-lhe um golpe de morte — um estudo aturado da colocação dêste produto no Congo Belga impõe-se. Constou que se iria fundar uma empresa salineira em Cabo Verde. Não temos notícia de que se tivesse levado a efeito essa empresa de larga utilidade, para o que deveriam utilizar-se para o transporte do sal até ao embarque as pequenas linhas «Decauville».

e) AGRICULTURA E PECUÁRIA

Diziam Chelenichi e Varnhangen na sua *Corografia Caboverdeana* :

«A-pesar-do solo produtivo e de tôdas as circunstâncias favoráveis a uma vegetação muito activa, custa dizer que esta colónia, estando na posse de europeus há 400 anos, ainda está em fase primitiva.»

M. du Pradt, ao referir-se a Cabo Verde, escreveu : «Cet Archipel susceptible de toutes les cultures d'Amérique. . . »

No relatório da Comissão do Ultramar sôbre Cabo Verde, apresentado às Côrtes de 1882, afirmava-se :

«Quem se persuadirá de que, sendo os portugueses senhores destas ilhas há quasi 460 anos, não se cultivam ali hortaliças algumas, como cebolas, couve, mostarda, etc.»

As três opiniões autorizadas que registamos neste trabalho bastam para vincar a importância a ligar à agricultura insulana.

O clima caboverdeano é bom. Com o seu *tempo das brisas*, a temperatura atinge na Praia 15° centígrados. Em Agosto, Setembro e Outubro — o tempo das águas — a atmosfera torna-se densa e a temperatura chega a 33°, trazendo as febres.

Estudado o problema da arborização, dever-se-ia intensificar a plantação de

a) *purgueira* ;

b) *café* ;

c) *milho* — tão útil para a alimentação dos indígenas e europeus na feitura da *cachupa*. (O milho descascado, limpo de farelo e cozido, dá o *xarem* ; a farinha de milho, cozinhada em vapor de água, dá o *cuscu* ; o grão torrado dá o *parentem* moído ; feito em papas, dá a *camoca* ; e a farinha ; amassada com banana dá o *fongo*).

d) *feijão* ;

e) *mandioca e batata doce* ;

f) *A cana de açúcar* — grande produtora de aguardente muito procurada na província e admirável elemento para a produção de açúcar que às vezes escasseia na metrópole ;

g) *O anil* — pouco cultivado hoje. (Barjona de Freitas aconselhava a sua cultura

Bem explorado, êste anil poderia competir com o anil químico, preparado pelos alemães);

h) o *carrapato e a piteira* — aproveitável pelas suas fibras;

i) *árvores de fruto* — laranjas, que competem com as conhecidas da Baía; bananas, coqueiros, etc. (A exportação dos frutos é outro assunto merecedor de cuidados. Dever-se-iam escolher os melhores, regular a sua exportação nos embarques, concedendo o Estado uma boa protecção técnica);

j) *abóbora e muitas outras plantações continentais*;

l) *tabaco*, etc. etc.

Em Cabo Verde não vivem animais ferozes, bravios ou venenosos. Tem excelentes condições zoogeográficas para a reprodução de gado bovino (que poderia fornecer carne à metrópole), caprino e cavalari.

f) INDÚSTRIAS LOCAIS

Dever-se-ia cuidar a exploração das *argilas*, especialmente na Boa Vista, para a produção de telha e de tijolo. Na mesma ilha é também aconselhável a fabricação de faianças.

O *sabão*, produzido com a ajuda da purgueira e do óleo do coco, rícino e algumas gorduras animais, tem possibilidades industriais em Cabo Verde.

Havia antigamente uma apreciável indústria na ilha da Brava — *a dos panamás*, que me parece hoje em decadência.

Há que contar com as águas minerais de Santo Antão, a que fizemos já referência, com a indústria de curtimento de couros e peles e com a cordoaria fabricada com os filamentos do carrapato, que serviria para as necessidades da Colónia.

g) TURISMO

Sob o ponto de vista turístico há que estudar também o arquipélago.

São frequentes as excursões ao Vesúvio e ao Etna e ninguém se lembrou ainda de organizá-las ao vulcão do Fogo, «enorme cetáceo emergindo do oceano», no dizer de Augusto Martins.

É mais alto que o Vesúvio, mas mais baixo que o Etna. A sua área de base é de 4.800 quilómetros quadrados, a do Vesúvio de 200, e a do Etna de 1.673.

Muitas vezes os barcos que passam junto da ilha param alguns minutos para os passageiros admirarem essa maravilha.

Um bom cais, facilidades de transporte à cratera e refrescos nos pontos de passagem contribuiriam para a atracção de excursionistas.

Assim como está, o vulcão é uma obra prodigiosa da natureza, lançando raras vezes os brados dantescos da sua fúria incontida...

Seguindo agora a ordem da segunda parte dêste capítulo, trataremos de:

a) o *problema da arborização*;

b) a *questão do aèroporto*.

a) O PROBLEMA DA ARBORIZAÇÃO

O grande mal de Cabo Verde — todos são concordes nisso — é a falta de árvores, elemento essencial à atracção das chuvas.

Basta lembrar que na Ilha de Elba, depois de uma boa arborização, chove hoje o dôbro do que chovia no tempo em que Napoleão por lá vagueou as suas ilusões de imperador do mundo. . .

A falta de chuvas no arquipélago tem a sua razão de ser neste facto, acrescido, no entender de Ernesto de Vasconcelos, da circunstância de o «arquipélago estar no limite da chamada monção do sudoeste que é atribuída a um desvio do sueste no Atlântico Sul para os focos de aspiração continentais da região da Serra Leoa».

Impõe-se portanto a plantação de árvores no arquipélago que atraia as chuvas e que dê às ilhas áridas o aspecto atraente da verdura.

Direi como Lopes Lima: «Não me cansarei de o repetir: a primeira necessidade de Cabo Verde é a plantação do arvoredo, sem a qual sempre serão precárias tôdas as outras».

Reforçarei ainda êste modo de ver com a opinião autorizada de Barjona de Freitas: «Uma das condições que pode reputar-se indispensável para o desenvolvimento agrícola é a arborização».

O arbusto mais aconselhável pela sua utilidade é a purgueira.

b) A QUESTÃO DO AÈROPORTO

É um problema novo que o progresso trouxe nos seus fecundos flancos.

Na altura em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral empreenderam a sua viagem aérea ao Brasil, Cabo Verde foi escolhido como ponto de paragem entre os dois continentes.

Ramon Franco, De Pinedo, os tripulantes do monstro D. O. X. e Lindberg reconheceram também ao arquipélago um real valor na travessia transoceânica. Todos êles desceram nas suas águas, reabastecendo-se para a jornada difícil e ousada.

Gago Coutinho tem sido dos mais entusiastas propagandistas da privilegiada situação caboverdeana nas futuras carreiras aéreas a montar, regularmente, entre a Europa e a América do Sul. São do ilustre português as palavras que se seguem, transcritas da sua mensagem lançada do Dornier X na passagem pela Praia: «a posição geográfica do arquipélago de Cabo Verde, especialmente a das ilhas de Sotavento, torna inevitável o seu aproveitamento como estação de aviação comercial para a América do Sul. Mas não pensemos que o possam ser sem um pôrto aéreo devidamente apetrechado».

Ultimamente Rossi encontrou em Cabo Verde a terra da Promissão. Se não fôsse a existência destas ilhas abandonadas no oceano, os aviadores franceses seriam tragados pelas ondas alterosas.

Para o futuro revigoração de Cabo Verde é imprescindível atentar nas vantagens que a natureza, sempre pródiga, mais uma vez concedeu a essa terra.

Resta que os governos completem a obra.

4) O problema intelectual

Cabo Verde possui um Liceu Central em S. Vicente e 150 escolas primárias.

A percentagem de analfabetos é de 25 0/0, o que, em conformidade com a discutível concepção católica do valor das missões, não justifica o gasto de 439.100\$00 das receitas da colônia com êsse chamado elemento de colonização.

Na instrução primária o número de alunos matriculados, não contando com o ensino particular a que se não refere a estatística, foi o seguinte em 1933:

Ilha de Santo Antão.....	1.905
» » S. Tiago.....	1.757
» » S. Vicente.....	1.287
» » S. Nicolau.....	1.186
» do Fogo.....	650
» da Brava.....	493
» da Boa Vista.....	353
» do Maio.....	161
» do Sal.....	64
	<hr/>
	7.856

A percentagem de aproveitamento, em relação à média da freqüência, foi de 41,5 0/0.

A instrução secundária é ministrada no Liceu Infante D. Henrique, em S. Vicente, e em estabelecimentos de ensino particular.

Em 1933 estavam matriculados 264 alunos, sendo 58 de raça branca e 206 de raça mixta (190 do sexo masculino e 74 do feminino). Passaram por média 114, foram aprovados em exame 68, foram reprovados, perdendo o ano, 65, e foram transferidos para outros Liceus ou para o ensino doméstico 10.

Não seremos nós quem conteste o merecimento de Cabo Verde a um Liceu desta natureza. Bastava a circunstância de êle já ter atirado para a sociedade portuguesa com alguns reais valores nas letras e nas ciências para que a sua manutenção se justificasse, se não abundassem outras razões, entre as quais a inata inteligência dos naturais, ansiosa por encontrar na cultura um elemento de perfeição intelectual.

Mas o que é de estranhar — senão de reprovar — é o abandono a que foi votado o ensino profissional numa terra de largas possibilidades agrícolas, cujo estado rudimentar levou o professor francês Auguste Chevalier a afirmar o seguinte, que é uma vergonha para a nossa tão apregoada epopeia colonizadora:

Em Cabo Verde cultiva-se a terra pelos processos de há dois séculos.

Embora queimando como ferro em brasa, a afirmativa do eminente botânico francês é a reprodução fidedigna da verdade.

Cabo Verde, ao que me consta, não tem um único agrônomo ou regente agrícola! Para as suas possibilidades pecuárias, descritas em outra parte dêste estudo, Cabo

Verde ainda não contratou um veterinário diplomado, capaz de lançar as bases duma escola zootécnica ou, pelo menos, a dum único pôsto de apuramento de raças.

Na província não existe uma única escola profissional, onde se ensinam os conhecimentos rudimentares da carpintaria, marcenaria ou electricidade.

O mesmo acontece quanto ao ensino comercial, lançado ao mais injustificável desprezo!

O ensino secundário deve manter-se em Cabo Verde — repito-o. Mas, ao lado dêle, numa lógica interdependência e numa rasgada obra de integração da instrução da colónia nos quadros das suas necessidades internas, deve subsidiar-se o ensino profissional que atraia o natural para a terra, que o elucide e que o modernize para o não expor somente à dura contingência de, após o sétimo ano do liceu, esparar vagarosamente um lugar no funcionalismo da colónia ou uma dispendiosa abalada para a metrópole para a obtenção de um curso que, na maior parte das vezes, é o duro fardo que o homem de hoje vai buscar à custa de anos de perseverança e estudo.

Não poderemos acabar êste capítulo sem prestar uma justa homenagem a alguns caboverdeanos ilustres que dentro da sua terra e fora dela marcaram e marcam um lugar de superior relêvo mental.

Começamos por Roberto Duarte Silva, professor da Sorbonne, químico de nomeada que os seus colegas celebrizaram num monumento erguido no cemitério de Montparnasse, em Paris; Guilherme Dantas, poeta de rara envergadura, cuja biografia e valor serão brevemente tratados nestas colunas; Eugénio Tavares, autor de algumas sentidas *mornas*; e Januário Leite, inspirado poeta de sabor anterior e autor do lindo soneto que transcrevemos:

JUVENTUDE

Tempo houve em que a sagrada luz da crença
Minha alma abandonou na desventura.
Queimou-me o peito o fêl de acre amargura,
E achei-me em trévas de uma noite imensa.

Se há grandes dores, foi a minha intensa,
E cêdo encaneceu-me a fronte pura,
Fazendo com que fôsse na tristura
Prazer e riso para mim ofensa...

Mas hoje, ao recordar-me com saudade
Da quadra em que eu amei ardente e rude,
Feita de gôzo e dor, sonho, ansiedade...

Se a vida é mal e a dor uma virtude,
Meu Deus! Oh quem me dera, com verdade,
Uma outra vez ainda a juventude...

Entre os vivos colocamos num merecido pedestal o grandioso poeta José Lopes, de rara cultura clássica, cujo recente livro «Hesperitanas», constituiu um convincente testemunho da sua inspiração e Fausto Duarte, o laureado autor do «Auá».

5 — Para concluir

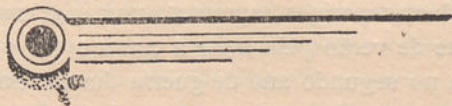
Cheguei ao fim desta jornada com um tormento a enegrecer-me a alma.

Terei feito alguma coisa de útil para a minha terra?

As últimas cartas que de lá recebi trazem-me de novo a confirmação triste da crise que a esmaga impiedosamente. Adivinho o heróico sacrificio da gente caboverdeana para arrostar com as sérias dificuldades dêste tão duro presente.

Nada poderei fazer para atenuar o sofrimento daqueles que, como eu, nasceram em Cabo Verde ou que para lá foram procurar prometedor campo para a sua actividade.

Consolo-me, no entanto, com a idea de que, se êste sincero estudo pode nada valer como grito de alma dum caboverdeano triste como a agonia da sua terra, não contribuirá para entenebrececer os já negros horizontes dessa infeliz parcela do nosso domínio colonial.





VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

Na Alemanha depois da guerra

Por AQUILINO RIBEIRO

ESTADO DE ESPÍRITO

Vêm para mim muito efusivas, se bem que carregadas de vestes de luto, as mães Grünsch : Elsa, alta, robusta, quasi formosa na troncatura de valquíria, que sai tôdas as manhãs de bicicleta a fazer as provisões de bôca ; Ruth, que eu conheci em Paris hóspede das *Petites Sœurs de l'Enfant Jesus*, da Rua de Assás, embora luterana, loura, cada vez mais poética, os olhos de *vergismeinnicht* a contemplar no espaço o príncipe encantado. Logo após surge Frau Grünsch, pata-mã de sessenta anos e oito filhos, cacarejante e chorosa, de luto rigoroso. Ante a minha condolente surpresa, enquanto as duas raparigas espremem uma lágrima, ilucida-me ela em voz rezada, flébil como fonte de verão pela noite a correr :

«O marido falecera no segundo ano de guerra dum antraz maligno. Pouco antes fôra à inspecção médica que o dera apto para servir na Landwehr. Quis ser incinerado, foi preciso transportá-lo para o *Krematorium* de Hamburgo, o que custou os olhos da cara. Era monista, tinha aquela fé consigo. Estão ali as cinzas — e apontava a urna de bronze fresco, côr de plátano descascado, que se erguia sôbre uma credência. Assim soubesse onde param os restos dos meus filhos...

— Tambem lhe morreram os filhos ? Pobre senhora...!

— Walter, o agrónomo, caíu em Soissons. Era uma joia de rapaz ; lembra-se dêle, pois não lembra...? Reginald desapareceu na ofensiva do Somme. Estava a reger uma cadeira de filologia em Bonn ; onde não chegaria êle ? Tôdas as desgraças se abateram sôbre a minha pobre família.

Aquela tragédia para mim era novidade que me deixava transido, pois sempre recebera obséquios dos Grünsch, boa gente, burguesia de meia tigela, conservadora, sem fanatismos mas também sem contemporizações com formas ou ideas revolucionárias. Mas, ante as minhas titubeantes palavras de pesar, a pobre senhora,

abanando a cabeça a querer traduzir a imensurabilidade dos seus infortúnios, tornou com melancolia :

— Não ficou aqui a adversidade. Gretchen — estava muito bem lembrado haver-me dito Ruth que sua irmã mais velha casara em Dresde com um dentista mercê de anúncio publicado numa gazeta — enviúvou também. O homem está a adubar com os meus filhos a terra maldita da França. Para cúmulo de tôdas as calamidades, Ernst pusera uma parte da fortuna em *Kriegs anleihe* e tinha outra em acções das Companhias de Navegação. Era capital pela água abaixo. De seu pouco mais lhes restava do que a casa...

A casa era aquela em que me encontrava na Moltke Platz, tôda em linhas rectas, quadradas e amplas janelas, estilo germânico na sua última expressão. Riscara-a o próprio Grünsch, architecto de officio antes de dar em negociante de prédios e terrenos e, além de sóbria de gôsto, reunia as comodidades tôdas modernas.

A mãe carpia-se e Elsa proferiu magnânima :

— Mas, ó mãizinha, nós não havemos de despejar de cima dêste senhor a cascata tôda das nossas desventuras. O que nos sucedeu sucedeu de modo geral a tôdas as famílias alemãs. Sim, não devíamos ter perdido o papá, mas lá do mais era de contar. Sim, mãisinha !

— Meu marido, se fôsse vivo, fazia agora sessenta e dois anos. Falava muitas vezes no senhor...

Grünsch tinha a paixão dos livros ilustrados do século XVIII e, de facto, alguns serviços pude prestar-lhe em Paris junto das livrarias de antiquária. Oferecera-lhe até um *Petit Lavater*, com estampas a côres, em recompensa do que me ofereceu o *François Villon*, edição da Haia, moetjens.

Com êle, todo esgrouviado e de engonços, pêra à Satanás, espírito fértil e dado ao humanismo, bebera a minha *choppe* e dêle conservava colorida a grata memória. A sua colecção do século XVIII devia valer alguns milhares de marcos, o que me permiti observar-lhes. Tinham esperança que sim ; andava o filho mais velho, que era médico, em negociações com um livreiro de Munich.

Conversámos ainda de coisas e loisas, em particular do marco que se afundava a olhos vistos, de modo que daí a pouco seria preciso andar com uma mala carregada de notas para se poder comprar a mais pequena bagatela. E, como fizesse menção de retirar-me, a viúva advertiu-me que ia mandar servir o chá. E saíu da sala, naturalmente a dar as suas ordens, deixando-me só com as filhas, às quais, depois do convívio com Ruth em Paris e mais tarde em Schwerin com Elsa, me prendia uma quasi fraternal e desataviada estima.

— A nossa mocidade lá vai !... — murmurou Elsa.

Havia tanta melancolia na sua voz, a-pesar-do sorriso que lhe iluminava o rosto, que disse num tom estúpido de piedade :

— Por amor de Deus, vocês estão meninas, bonitas, viçosas como anémonas, o azar há de passar. Quanto aos males da pátria, deixem lá ; ela se curará com o tempo. As outras não estão em melhores lençóis...

— As raparigas da minha idade estão queimadas. Queimámo-nos a implorar

Deus, a desejar, a juntar sacrifício com sacrifício a bem da *Vaterland*. Nós até os cabelos démos. Não aqueles que vinham nos pentes, mas cabelos que cortávamos às escondidas com receio de que outras mais prosaicas, se tais criaturas existiam, nos chamassem palermas. Deus não existe!

— Quem sabe! — disse eu no tom das coisas absurdas.

— Não, não existe. Se existisse, não tolerava esta sanha ignóbil de povo para povo e, sobretudo, não fazia pagar os inocentes pelos pecadores. Que crime cometeram as crianças alemãs para serem condenadas, em nome da grandeza da Inglaterra ou dos ressentimentos da França, a morrer à fome...? Letárgica ilusão da Providência!

— Vocês continuam a ir à igreja... a rezar...

— Eu não, eu não! — exclamou Elsa. — No Deus de misericórdia não acredito mais. Não!

Calaram-se um momento, como a entrar dentro da própria cólera, e eu, sem saber que dizer, fiz também jeito de analisar o caso no fôro da consciência, enquanto os olhos percorriam a casa. Respirava-se ali o mesmo agradável confôrto dantes da guerra com aqueles *persas* que recobriam de tódo o chão e os cadeirões de veludo vermelho, profundos e quadrados, em que o pai de família dormia depois do jantar um sono breve bem ganho. Em móveis do mais esplêndido verniz havia faianças de forma vária e curiosa e ao canto, sôbre o console de *paro antico* em que se disfarçava a calefação central, uma magestosa taça de Saxe exhibia figurinhas de écloga rompendo a dança. O pavimento soerguia-se, mediante um estrado, e com a sua secretária papeleira delicada, o relógio suspenso em dois colunelos de alabastro, pequenas e deliciosas bugigangas, se adivinhava ser aquele o cantinho reservado às senhoras. O salão desdobrava-se através dum arco abatido noutra parte tão espaçosa como aquela, com piano, estante de livros, objectos decorativos de uso antiquado como a roca de fiar, cochins pintados a óleo, e todo um mobiliário Luís XV, muito ao sabor das damas alemãs, em contraste com o estilo germânico, maciço, babilónico, linear, talhado, parece, para os brutamontes da Pomerânia. E, a ocupar um têtço da quadra, uma árvore de natal com as filigranas ressequidas tombantes, a falsa neve a alvejar, os tocos das velas de côr presos aos ramos chamuscados aqui e ali, evocava a inefável noite da Germânia religiosa e patriarcal. Daquela banda, sentia-se pelas alfaias, era o domínio das damas, e Elsa, depois de seguir o movimento dos meus olhos chamando-me para ali, contou a história dolente daquele pinheirinho.

— Era a árvore do Natal de 1915, ainda o papá era vivo. Tinham-na deixado ficar por ter sido bafejada pelos irmãos e por Peter, o marido de Gretchen. Tinham vindo todos três de licença; Walter, ferido dias antes por um estilhaço de granada, trazia a cara empanada, mas nunca assim se mostrara alegre e bem disposto. Como naquele ano fôsse proibido ao comércio vender artigos de Natal e prendas, elas, com um pouco de boa vontade, o que tinham em reserva e o que puderam angariar, haviam organizado uma festa a que convidaram amigos, conhecidos e os vizinhos combatentes que estavam de licença ou se achavam em suas casas a convalescer. Quando as crianças que eram muitas, algumas orfãs, outras com os pais nas trincheiras, se

puseram a cantar o *Tannenbaum*, a todos se arrasaram os olhos de lágrimas. Depois, quando o cântico repercutiu entoado por todos, soldados, viúvas e noivas, a última estrofe foi mais um choro que gama musical. Ah, entre os cânticos que supúnhamos subir ao céu e descer à terra depois de aceites por Deus, e receberem a sua bênção, podíamos lá deixar de supôr que a guerra não acabaria no dia seguinte?! O Senhor dos senhores podia deixar de ouvir aqueles inocentinhos que lhe pediam paz para seus pais àquela hora sujos, negros, famintos, espingarda na mão a matar o semelhante por móveis absurdos, incompreensíveis, na mochila o retrato dêles a sorrir e a carta da amada? Ah, naquela noite, com as pobres mulheres pálidas vergadas sob o pesadume dos espectros, os homens com a cara sobre o peito, vergonhosos dos seus soluços, as vozes de anjo dos pequeninos, as portas do céu não se abriram e Deus não veio clamar à Terra: *Paz e boa vontade!* porque tudo é ilusão, porque Deus não existe!

Admirei-me da negação tão rotunda e Ruth proferiu:

— A mana tem razão, Deus não existe. A Alemanha caminha a passo acelerado para o paganismo. Abaixo a esperança imbecil da eternidade! — terminou lançando em tom jovial.

Foi servido o chá com o ritual clássico e a prolixa abundância de lambiscos dos bons tempos. A nosso lado as filigranas da árvore do Natal caíam elegiacamente ao mais leve e descuidado toque. Fôra em volta dum pinheirinho, assim adereçado e festivo, que imagino ter penetrado a alma alemã em seu quadro primitivo de singeleza e gôsto panteísta. Aquele trágico Natal de 1915 enchia-me a imaginação com os feridos de braço ao peito e queixos atados, as viúvas vestidas de preto, as vozes argentinas dos pequeninos alemães, lágrimas e mais lágrimas, cânticos e mais cânticos que debalde voavam para os pés de Deus, e lá fora a neve, a neve pura e incansável do Norte a cobrir tudo, casas, ruas, vales, sentinelas das linhas avançadas do sinistro campo de batalha que era a Europa, a cobrir tudo com o seu manto immaculado.

Despedi-me cheio de melancolia daquela família sôbre que a terrível Moíra não cevara ainda sua fome de crueldade. Levava nos ouvidos a palavra maviosa e ao mesmo tempo irônica de Ruth:

— Que farei? Ora essa, largo por êsse mundo a ensinar alemão e piano aos filhos malcriados dos nossos inimigos. Pois então!

Schwerin, sexta feira, 29 de Outubro de 1920.

(Do livro *Alemanha Ensangüentada*, a sair brevemente).

PARIS EM 1934

POR ABEL SALAZAR

NOCTURNOS

Na grande amplidão da noite negra em que está sepulta a cidade, há como que uma difusão leitosa impregnando o azul profundo que se perde no abismo. E os grandes edifícios surgem da indecisão, espectralmente desenhados em brancuras de fantasma. Dir-se-ia um luar fosfóreo ; mas êste luar não paira, extático e sonhador, na atmosfera ; vem de baixo, de sítios misteriosos, e projecta-se nos edifícios, limitando-os, desenhando-os, esculpindo-os em fosforescências eléctricas que são duma brancura inexprimível na profundidade azul do espaço imenso. Com dureza, no quadro profundo do negrume espacial, as fachadas estão marcadas em silhuetas fantásticas, que se diriam sem corpos, sem profundidade nem ligação : — e a brancura fosfórea, a espectral luminosidade eléctrica das fachadas faz mais negro e mais profundo o cavo silêncio da noite azul.

Eis, na amplidão da Concórdia, os palácios de Gabriel, o obelisco, as fontes e as estátuas das cidades, em orgia de brancura. O obelisco, mais branco em baixo, morre a pouco e pouco na profundidade alta da noite, e dir-se-ia sem fim. E as fontes, com as suas largas taças em andares, revestidas por grupos escultóricos de bronze, parecem jorrar luz, em cascata curvilínea de tal fluidez, tão transparente e imaterial, que as estátuas que sustentam as taças são espectros fluídos através das águas luminosas, e, ao longe, a praça é ainda visível, numa sobreposição de coisas fosfóreas e transparentes, espectro sôbre espectro, em confusão de *cauchemar*.

E tôda esta fantasmagoria nocturna de brancuras eléctricas, todos êstes fantasmas fosfóreos, se reflectem nos asfaltos polidos, no espêlho do pavimento humedecido pela noite ; então, a praça dir-se-ia uma miragem, como suspensa nos ares nocturnos, e perde-se a noção real das coisas. Ou então, quando chove, tudo se diria assente sôbre imenso espêlho, ébrio de luzes e de fantasmas. E as estátuas que cercam a praça estão ao mesmo tempo esboçadas e fundidas na noite pelos reflexos dos reverberos que constelam a noite com os seus grandes halos luminosos.

Aproximemo-nos de uma das fontes. Dir-se-iam duas grandes taças de bronze, lavradas e esculpidas, donde cái, transbordando, um nectar luminoso ; e, ao cair, o nectar luminoso difunde na atmosfera uma poeira luarenta, através da qual se desenhavam os perfis brônzeos das estátuas sustentando a grande taça, além das quais, numa grande veladura fosforescente, se desenhavam em luz as grandes linhas da praça.

No primeiro plano, projectadas na orgia luminosa da fonte, em cuja taça de águas se agitam e tremem diamantes, as esculturas da borda desenhavam-se em silhueta nankin, duramente, num recorte precioso e metálico. Tudo é fósforo e trevas, branca orgia de electricidade na amplidão negra, na Praça imensa : — e ao longe, entre os palácios Gabriel, esboça-se ainda, como um espectro, a silhueta helénica da Madalena. Mas a êste luar fosforescente falta a magia melancólica do verdadeiro luar, a sua alma nostálgica em êxtasis, carícia triste e sonhadora da luz mística e argentina que vem do céu caindo sôbre a terra que dorme ; é teatral em demasia, em excesso marcado e em excesso de brancuras, êste luar de artifício, que desenha e modela espectros sob o pesado silêncio das alturas. Falta-lhe o que é encanto da luz, a sua alma mística, a sua vida, as suas alegrias e dores e as suas agonias. Falta-lhe a juvenil frescura da manhã, a pletórica plenitude do meio-dia, a lívida cadaverização de oiro do poente ; falta-lhe a alma da primavera luminosa, a embriaguez sensual e amorosa do estio, a *reverie* estática e lânguida do outono ; falta-lhe, enfim, a magia espectral do luar, no seu êxtasis parado de alma concentrada, lá nos céus esquecida, em carinho de argênteo palor sôbre a terra dormente . . .

E assim eis que na feeria da Concórdia, em plena orgia de luzes, o meu pensamento voa para longe, para modestas encostas minhotas perdidas em desconhecidos recantos, selvagens e quási primitivos. O contraste das coisas aguça de tal maneira a memória que êsses cenários humildes, que outrora amei e que hoje me são indiferentes, surgem na minha memória com uma precisão de fotografia nos seus detalhes e no seu conjunto, na sugestão emotiva da sua alma triste. No recordado cenário de montes e de vales em caprichos japoneses, aninha-se em fofocoxim a vegetação húmida dos milheirais, os bosques de carvalhos e as bouças tapetadas de fetos, agressivas de mato ou arrelvadas como parques ; e nos outros outeiros e montes eriçados de grandes penedias redondas, rolando pelas encostas, ou suspensas em equilíbrios fantásticos, o bronze dos matos trepa aos cimos onde alvejam ermidas. Montes e outeiros contrascenam em choques de silhuetas, em ligeiros recortes que se acavalgam, que se sobrepõem, numa desordem pontiaguda, com fantasias de jardim japonês, nos cimos dos outeiros ; por vezes é tôda uma vegetação caprichosa, em torsões diabólicas, que lá nos cimos se debate entre as grandes rochas geológicas... Tudo se ergue, se abaixa, em ondulação caprichosa de mar picado ; e a vegetação, descendo, subindo, agarrando-se às rápidas encostas, acumula-se nos vales em fenda, ou desce os socalcos para os vales húmidos e profundos. E no coxim denso da verdura espreitam brancos pontiagudos de campanários, velhos telhados de colmo musgoso, eiras africanas e selvagens, rústicas habitações de negro granito. As figueiras e os grandes loureiros perfumam os caminhos, ao lado

das velhas eiras : — e tudo dorme em luar, numa paz beatífica, sob as húmidas veladuras argentinas da luz extática, concentrada em mistério. . .

A lua, enorme, como alucinada, envolta no manto da sua própria luz, sobe lentamente, lá nos ares : — e vela em silêncio sôbre a terra adormecida, sôbre a triste humanidade exausta, como uma Deusa de compaixão e de silêncio. . .

. . . Tudo é calmo, imensa calma de silêncio e luz ; tudo é mistério, imenso mistério no seu pasmo esfígeo ; e tudo dorme — bosques, penedias e gentes, neste grande sonho luminoso e argênteo ; tudo dorme confiado e sereno, sob o olhar da Deusa do Mistério que lá em cima paira, tão grande, no seu lento movimento insensível. E sôbre a terra em letargia, como que em reserva dolorosa, o silêncio da luz que vela pela luz da humanidade, na tristeza imensa de quem sabe e não quer revelar o grande segrêdo, cruel e bárbaro, do Néant de tudo. . .

. . . Não, ela, a suave Deusa Mística de manto argênteo, passa ao de leve sôbre a terra exausta de dúvida, passa como um sonho bom de que se compadece numa sugestão triste perante o nada fatal : — e o seu bálsamo fluído, argênteo e místico cái sôbre as coisas, sôbre os bosques, sôbre os milheirais, indiferentemente, na grande generosidade dum perdão total. . .

Cái, lentamente, numa plangência ; extático nirvana argênteo, como suspenso, em hesitação, perante o Nada sombrio do Vácuo imenso, que lá no alto, vertiginoso, está negro, mudo e feroz ; — ela hesita, ainda e sempre, em deixar a verdade nua gelar a Terra. . .

Esta evocação conduz-me, sonhando, os passos automáticos sob a penumbra obscura e fresca do parque, através dos Campos Elísios ; e, passando por entre os vultos burgueses do Grand e Petit Palais, espécie de garages monstruosas de fantástico tirano, acho-me na Ponte Alexandre III. À direita tudo é vegetação em negrumes de noite, a espaços zebrada da faiscante electricidade longínqua ; à esquerda desenrola-se vagamente nas indecisões das trevas a esplanada dos Inválidos, com o zimbório ao fundo ; em baixo o Sena, com o seu oleoso negro movediço, lampejante de trémulos reflexos, corre em silêncio traidor : — por fim, ao longe, acima do écran negro da vegetação, lá nos ares densos da noite em trevas, o perfil luminoso da Eiffel está em orgia nocturna de rubis em fusão, de esmeraldas em incandescência, que se apagam, depois se acendem, fantasistas, em caprichos loucos de fada delirante.

Cerca-me um cenário de ambição burguesa, em declamação pomposa, estilo Ópera, que a noite afoga ; as architecturas da Ponte, no entanto, sob as fosforescências da luz, almejam cruamente no negrume, pesadas de estátuas, de bronzes, de sumptuosos candelabros, e gigantes e faustosos : — mas aquilo lá ao longe fascina, assim espetado no céu negro, e assim constelado de joalherias fantásticas em fusão. . .

E é símbolo, esta Eiffel nocturna, dominando Paris nocturno, ébrio de luzes e de electricidade — um Símbolo da eterna, pueril e tenaz Ambição do Homem.

Como outrora com a Torre de Babel e com as Pirâmides e como os grandes cones que no México se erguem nas trevas solitárias, como ainda na China, com as torres de porcelana, como na Índia, e, em geral, por tôda a parte e durante tôda a

história, a torre é um Símbolo dessa ambição louca e estéril, que desvaira o Homem. Êle quer erguer-se no espaço, subir às nuvens, ser Consciência e Espírito Universal, ser águia e ser Deus, fugir à terra, à matéria e à morte, voar a pleno vôo nas grandes asas do Ideal e do Sonho: — e por tôda a parte, numa exaustão, sempre desmentida e sempre tenaz, sempre alucinada e sempre de novo erguida, a Torre da Ilusão surge no espaço e no tempo, como outros tantos marcos solitários da história humana, cega de raiva na sua teimosia. . .

Torres góticas de aéreas catedrais, e torres graníticas, gigantes, ciclópicas, dos tempos perdidos de outrora, — torres de ferro e de cimento de hoje, nos altos cimos dos arranha-céus, ou nos caprichos inúteis da Eiffel — por tôda a parte, e sempre, tenaz, a Ilusão quer viver, num amplexo doido com o homem louco. Ela exprime, em suma, como Símbolo, a Ansiedade da projecção, a sêde de Infinito, o Ideal e o Capricho, o Sonho e a Ambição: — ela exprime a prece e a revolta, a fúria, o orgulho do homem que quer ser Deus e que o anula sobrepondo-se-lhe: — e, quando, desfeito pelos tempos em poeira, o pobre Deus se foi, como nuvem desfeita, eis que o Símbolo de novo se ergue nos ares em caprichos de ferro, ou que as próprias habitações se transformam em torres e sobem aos céus, numa provocação insolente, de orgulho e desafio. . .

À silhueta esguia da catedral sucede a mole em projecção exaustiva do arranha-céus, cujo arrôjo é uma nova mística, a mística moderna da ambição ciclópica, da fôrça construtiva, da humanidade sempre sedenta de petrificar em formas a sua emoção frenética. . . Catedrais da vida moderna, as Eiffel e os gratte-ciel furam os ares, como um clamor de posse, um gesto feroz de domínio, uma afirmação irritada de vitória: — e a Terra, eriçada de exclamações gigantes, transforma-se em gigante ouriço, dum cómico paradoxal. . . com formigas a escalar o infinito.

. . . Aproximemo-nos: ela ali está, aérea e imensa, perdida lá nos altos na sua obstinação férrea, renda geométrica de ferragens em delírio. . . Suas grandes pernas curvas de monstro ciclópico apoiam-se na terra, com tenacidade feroz de garras potentes; depois, num élan, ela foge em delírio, para as estrêlas, e não se pode segui-la, assim de perto, na sua fuga vertical e vertiginosa. . . Na sua renda aérea e geométrica, é bela esta Eiffel tão caluniada, bela e forte, como a elegante estrutura dum corpo de atleta; e a sua fuga vertiginosa para os espaços fascina, assim em negro perdida na noite azul, com as suas imensas garras recurvas. Como patas de imenso monstro estas garras atraem, para o seu imenso boqueirão, como uma vertigem, que oprime e atrai ao mesmo tempo: — e então, o espírito foge como um fluído eléctrico pelo monstro acima, que o absorve e se perde lá no alto, na vastidão azul do espaço nocturno. . .

. . . O Titã, formidável, está em silêncio: mas o seu longo pescoço apontando as nuvens, dir-se-ia coberto de fantásticas escamas, amarelas, verdes e vermelhas, que irradiam luz, fulgurando e palpitando: — e, num capricho, o monstro apaga-se, desaparece na escuridão fria, para reaparecer de novo, pouco a pouco, como um capricho imprevisto e paradoxal nesta grande carcassa de mastodonte. . .

Que deseja êle, assim negro e solitário, com os seus caprichos de gigante coberto

de escamas luminosas? Que estranho e monstruoso amor o põe em tal luxo de fulgurar tão caprichosa *parure* de *nozes*?

— Ele canta, nos ares em silêncio, sôbre a grande cidade em orgia nocturna, o *Néant* das Ambições humanas, o Nada das suas mais gigantescas loucuras . .

* * *

Não é o Ideal, ao contrário do que afirma o Lugar-Comum vulgar, que sustenta a humanidade, que a tonifica, e a mantém na sua constante Ilusão, na sua constante derrocada; — mas sim a faculdade estoica de resignação, de adaptação à vida corrente, positiva e real. O idealista mais alucinado, sincero ou *snoob*, artista ou político, o asceta mais corajoso, o místico mais alucinado, reconcilia-se a todo o momento com a vida por uma forma singular, que faz contraste paradoxal com o seu frenesi. É isso de tão corrente, banal e constante observação, que não necessito de insistir sôbre o facto; apenas insisto sôbre a sua importância, que o hábito mesmo da sua banalidade torna quási invisível.

Em tanta grita de idealismos, místicas, arroubos poéticos, delírios e aberrações, avulta a singular e notabilíssima faculdade que têm êstes exaltados de se adaptar à vil matéria, à vida real e positiva, ou até sensual: — e o caso famoso de Thais, com tanto espírito descrito por Anatole France, é simbólico. Todos êstes exaltados se desdobram, mas cuidando sempre com singular esmêro do estômago e da carne: — e é de vêr como êles por completo se afundam, quando as condições da vida material lhes falseiam os passos e os precipitam no chão. Então, seria de esperar que êles vivessem apenas de ideal e de êxtasis; mas não, queixam-se, lastimam-se, fazem-se biliosos e azedos. . .

É que a faculdade humana de se reconciliar a todo o momento com a matéria, com a prosaica vida dos sentidos e da carne, com as satisfações do estômago, e do bifteack, é a sua grande fôrça moral, a base de todo o edifício e de tôda a vida humana, a substrutura de tôda a sociedade e de tôda a história.

Conheço bem as vulgares objecções possíveis contra esta maneira de ver: a vida monacal, as renúncias budistas, as mil e uma manifestações de exaltação religiosa e místicas, etc., etc.

Pois bem, são precisamente êsses exemplos que justificam a minha afirmação e desmentem o contrário. Quanto mais se conhece a vida íntima dêsses sêres e das suas seitas, quanto mais se comprehende o fundo e as raízes da sua vida e dos seus motivos, mais nela avulta a reconciliação com a vida material, mais a vida real aparece como a única finalidade humana, sob os ouropeis idealistas e místicos com que se disfarçam.

Sempre, com efeito, o idealismo e a mística coexistem nos indivíduos exaltados com um fundo de sensualismo ardente, embora disfarçado; e todo o temperamento asiático é um agregado paradoxal de mística, de êxtasis, de renúncia e de voluptuoso sentir da carne e da matéria, levado até à orgia, até à embriaguez alucinada do delírio.

Mas o próprio misticismo, a própria idealização, os românticos sonhos, ou as cristalizações extáticas, não são, afinal, senão formas especiais de sensualidade, de volúpia e de prazer : — é mesmo a cristalização dêles, e um espasmo agudo de egoísmo está sempre na substrutura dêstes temperamentos.

O Ideal não vale, para a Humanidade, senão pela sensação, pela emoção que produz ; se o Ideal é antipático, irritante, agressivo, ou estoico, quem no deseja, à excepção de alguns sêres de excepção ? Só são dinâmicos aquêles dos Ideais que têm uma grande fôrça emotiva ou sensual : só êsses arrastam as multidões, as massas humanas.

Não tenhamos ilusões : a verdade a êsse respeito é manifesta. Mostra-o a história científica das religiões, mostra-o a psicologia, a psiquiatria ; mostra-o, de resto, a banal observação, a crítica popular.

Todos os ideais, tôdas as doutrinas, só têm acção quando os impulsos, os instintos, as simpatias ou os ódios os envolvem, e em volta dêles sobem mais alto e flamejam. Uns só têm valor dinâmico, na história, como fulminantes, que próvocam a explosão de sentimentos, a tensão espasmódica dos instintos.

O Inconsciente domina o homem e domina a história ; o Ideal não é mais do que um pálido fulgor, sob o fluxo poderoso e cego dos impulsos inconscientes ; e, entre êstes, a adaptação à vida real, positiva, é o mais poderoso e profundo.

Entre o homem de gabinete, fechado com suas ideas e o mesmo actuando na vida, a diferença é radical : e, se alguns têm sido dominados, tôda a vida, por um ideal, é que êste produz neles um prazer mais profundo, mais *sensual* que qualquer outra coisa : o impulso, porém, é idêntico, vem sempre da mesma origem.

A história dos movimentos sociais, das revoluções, dos movimentos dos povos, através do tempo, é uma documentação contínua dêste facto ; e a história das religiões, mais do que nenhuma outra, o põe em evidência.

Tôda a história real do Cristianismo, à face dos mais modernos dados científicos, o demonstra.



VIDA INTERNACIONAL

O discurso do general Smuts

POR MANUEL CAMACHO BOTICA

Jan Christian Smuts, advogado, militar, estadista e antigo primeiro ministro da União Sul-Africana, pronunciou a 9 de Fevereiro em Capetown um discurso que despertou em todo o mundo a mais viva curiosidade.

Êste homem de Estado tem sido através de tôda a sua agitada vida política um orador optimista, inimigo conhecido de tudo que represente falta de confiança no dia de amanhã. Democrata a seu modo, as suas palavras causam sempre sensação. Arrojado como um Bóer, não hesitou durante a guerra europeia em apontar à opinião pública inglesa a necessidade da Princesa da Casa Real da Grã-Bretanha se casar com um colono, forma romântica de mostrar a todo o Império Britânico não só as tendências democratíssimas dos Soberanos, como também o grande amor do Reino Unido aos seus Domínios.

Protegido no comêço da sua carreira pelo presidente Kruger, a guerra bóer fêz dêle o governador do Natal e, mais tarde, após a vitória britânica, partia para o Transvaal. Então já as estrêlas de general lhe pertenciam e o futuro ia encontrar no antigo advogado um dos mais activos e irrequietos políticos de todo o Império.

A Paz de Vereeniging teve em Smuts um dos seus melhores negociadores. Sabendo que só a transigência conduziria a salvo os restos da tenacidade e firmeza bóers, não hesitou em procurar uma solução satisfatória, que, certamente, não era aquela com que a sonhara o seu temperamento de lutador. Assinada a paz, ei-lo como auxiliar do general Botha, e desde então não desprezou nenhuma oportunidade que fôsse susceptível de levantar o prestígio do seu povo.

Homem de acção, a-pesar-de democrata convicto, reprimia enèrgicamente o movimento sindicalista de Johanesburgo em 1913 e a revolta de Wet em 1914.

Dois anos depois, quando as tropas alemãs de Von Lettow Vorbeck se encontravam nos territórios da União, sucedia Smuts a Smith Dorrien no comando do exér-

cito britânico. Sob a sua chefia as tropas inglesas reduziam muito a invasão e encaminhavam à fôrça os alemães para as regiões inhóspitas da África Oriental.

Delegado da União Sul-Africana na Conferência da Paz, ainda como colaborador do general Botha, não se quedou por ali a sua actividade. Os seus discursos no Parlamento, as defesas que fêz dos ataques contra êle dirigidos por Hertzog, *leader* do *Afrikander-Nationalist Party*, deram-lhe fama e consolidaram a sua categoria de homem do século, experimentado e inteligente, mas audaz e curioso.

E agora, feita a apresentação da vedeta, analisemos o seu discurso com atenção, tendo em conta o método original de expor e deduzir do orador.

I — A questão do desarmamento

Falando da paz, o político sul-africano esquece que participou na elaboração do *tratado de Versailles* ao qual apôs a sua assinatura. Seguindo o critério de Lloyd George, nas palavras de Smuts nota-se benevolência para com a Alemanha, e tal attitude equivale a reconhecer tácitamente a esta nação motivos de sobra para a mesma fugir ao cumprimento das obrigações contraídas. Compreendemos muito bem os erros fundamentais do célebre tratado, mas não reconhecemos autoridade aos homens que encaminharam as negociações de 1918-19 para tão corajosamente o virem agora criticar.

O desarmamento simultâneo das potências, preconizado em parte por Smuts, é de facto a única maneira airosa de corresponder à expectativa dos povos sedentos de tranqüilidade. Mas cabe perguntar imediatamente: ¿ Como fazer semelhante desarmamento? ¿ Pela propaganda das ideas democráticas em todos os países do mundo? Nada mais difficil! As Democracias não souberam ainda defender-se, reorganizando os seus quadros por forma a resgatar erros passados, isto é, renovando-se, para caminharem ao encontro das grandes maiorias, que são aquelas que não desejam viver nos dois extremos violentos, entre os quais se agita dolorosamente o mundo.

O sistema de acordos regionais, tipo Locarno, deu o seu resultado enquanto as pequenas potências se não convenceram da sua fôrça real, desde que se entendessem directamente entre elas. Quando a prática lhes demonstrou que, para selar pactos de não agressão ou de aliança com o vizinho, lhes era desnecessário jogar a existência no xadrez das poderosas nações, começou nesse momento a notar-se o reverso da medalha. Vejamos o caso da Polónia, sacudindo a influência francesa por ocasião da *Entente Báltica*; vejamos ainda a actual política dos Balkans, onde Titulesco e outros são de facto os árbitros da situação. ¿ Onde paira o espírito da França que fêz ressuscitar a *Phoenix Polaca* e lhe enviou Weygand para organizar o seu exército e deter a ameaça russa? ¿ Onde existe a preponderância franco-inglesa em tôda a península balcânica, aquela influência devida a Briand, diplomata de grande classe, tratando com a Yugoeslavia, com a Grécia e com a Roménia ao mesmo tempo, sem se malquistar com nenhuma?

Duma maneira geral, o sistema de acordos regionais já não produz hoje em dia o resultado preciso. As nações são como os organismos: sofrem as mais variadas

exaltações e por isso cansam-se; à sua patologia colectiva tudo que possua a qualidade de alcalóide não cura nem ruins paixões nem maus instintos. Depois há a vaidade dos homens, a constante emulação, o orgulho de fazer a guerra, o privilégio de a preparar... Por virtude de todo êste desvairamento, as possibilidades duma economia equilibrada anquilosam-se, paralisam-se. Como consequência a humanidade é proliferada, sob o ponto de vista social, em espécies imprevisas e aberrantes. São células sem plasticidade própria e cujo exame à luz da fisiologia sociológica nos dá a certeza da sua acção gangrenosa por conta alheia e em todos os sectores. No seu multiplicar anárquico não há pupila bastante aguda que lhes siga os movimentos: no entanto sabe-se onde residem os tecidos proliferadores. E' uma invasão celular caminhando segura, aleijando moral e progressivamente o homem livre, fazendo-o retroceder aos mais bárbaros processos e tirando-lhe todo o seu potencial criador: contudo pode atinar-se onde está a lesão. Se nestas condições o diagnóstico não provoca remédio enérgico correspondente ao mal é por não ter sido estabelecido com a devida oportunidade. Houve o tempo necessário para contravalar o terreno donde pudesse surgir a braza cauterizante, e esta, antes de espalhar os seus primeiros alvares, já estava calcada por aqueles a quem competia empunhá-la.

Acordos regionais... ¿Por acaso já se viu algum cancerado curado com morfina?

II — A Sociedade das Nações

Ainda a propósito da organização da paz, Smuts fala no organismo de Genebra. Para êle a grande Assembleia Internacional deve ser cada vez mais acarinhada. Perfeitamente. Ninguém de bom senso pode deixar de reconhecer que a Sociedade das Nações, boa ou má, tem sido um dique de respeito, isolando certas tempestades, evitando por completo outras e mostrando a-pesar-de tudo equilíbrio democrático no seu funcionamento. Mas daí a pensarmos que representa a perfeição máxima, vai uma distância incomensurável. ¿Como pode Genebra representar a boa e sã vontade das potências no sentido de fortalecer os seus alicerces, alicerces destinados a garantir uma paz real e humana, inexpugnável às mais violentas arremetidas, se os seus associados viverem, em grande maioria, nos seus respectivos países, como saltimbancos, sem rei nem roque, nem lei digna dêsse nome? Muito resistentes têm sido os caboucos para ainda durar a ideia...

No entretanto, para que a Sociedade das Nações possa significar na prática alguma coisa mais do que simples teoria, urge dar-lhe meios de acção, que por enquanto ela não possui. Ora tais meios só poderão ser representados por fôrças militares próprias, ou das potências ali associadas. Muito bem: pois Smuts, pioneiro da paz, homem experimentado, é contra tôda e qualquer militarização naquele sentido.

III — A decadência da civilização ocidental

Chamar de novo a Alemanha ao convívio de Genebra, o desarmamento imediato das potências, a abolição pura e simples da guerra aérea, a condenação ma

disfarçada das recentes negociações de Londres, as várias experiências de regimes autoritários, tudo constitui motivos para Smuts anunciar a decadência da nossa civilização. ¿O que entenderá o famoso sul africano por civilização ocidental? Naturalmente o *Europeísmo*, nem outro pode ser o seu pensamento. Sòmente o europeu nunca criou a sua civilização. Tem andado sempre prêso a preconceitos e mitos, importando-os da Ásia e assimilando-os tão bem ou melhor do que o mais fanático de todos os asiáticos. Espiritualmente dominado por um *cristianismo* duvidoso, quando acontece ser atingido por qualquer desgraça, reanima apenas as suas superstições. E fica se místico. Uma vez supersticioso, afina as suas credices e refugia-se medroso na interioridade monacal. A realidade das coisas acobarda-o e fá-lc desertar das fronteiras do individualismo. Torna-se egoísta, pesado ou anárquico. Assim regressa à vida, dobrado sôbre si mesmo, sem sentir a atracção da justiça, da verdade e da beleza. Transforma-se no eixo das suas necessidades materiais, meio animal, meio autómato, sempre insensível e inhumano, e procura de preferênciam o tumulto para satisfazer o seu egoísmo boçal e primitivo. Por desfastio pratica então o misticismo, ou seja a vida contemplativa da morte.

¿Decadência da civilização ocidental? Nunca: o que existe são restos de *Asiatismo*, emperrando a marcha civilizadora da Europa, impedindo o Europeu de adaptar-se à sua extraordinária ciência, por forma a proporcionar ao homem uma vida melhor, compatível com o verdadeiro significado da palavra *Humanidade*.

IV — O perigo amarelo

Depois dos seus conceitos sôbre os Ocidentais, Smuts atira-nos a grande emoção da velha ameaça nipónica. E vá de falar no Japão invadindo o Ocidente, trazendo a seu lado dezenas de milhões de soldados, recrutados na China, na Coreia, na Mandchúria, na Mongólia. Uma perfeita resurreição de Tamerlan e dos seus bárbaros...

A Ásia invadindo a Europa é visão velha de centenas de anos. Ainda não há muito tempo, Henri Massis, no seu livro *La Défense de l'Occident*, tentava convencer o ocidental a deixar-se dominar pela religião cristã, curando de encontrar na essência divina aquele apôio eficaz que as políticas mais antagónicas eram incapazes de lhe proporcionar. E, mais recentemente, o Congresso Eucarístico de Buenos Aires não se cansou de desenvolver o seu principal tema: o desarmamento moral das nações pela paz cristã entre os homens. Como se vê, não é só o general Smuts que apregoa a necessidade imperiosa daquele desarmamento. A própria igreja fala, convicta e alarmada, como se às portas do Vaticano já batessem as coronhas assassinas das hordas amarelas. Assim aterradas as consciências, é caso para lembrarmos Milton e seus versos:

O Conscience! Into what abyss of fears
And horrors hast thou driv'n me? Out of which
I find no way, from deep to deeper plung'd! ¹

¹ Milton *Paradise Lost*, pag. 249 (Oh Consciência! Para que abismos de receios e horrores me conduzes tu? Procuo fugir dêles, mas quanto mais o tento, mais atraído sou!)

A paz do Extremo-Oriente, ameaçada pelo Japão, não tem o cunho alarmante que Smuts lhe pretende dar. O Pacífico há-de viver muitos anos ainda, sem que sobre as suas águas se cruzem os projecteis dos grandes canhões das aperfeiçoadíssimas esquadras.

A mobilização da raça amarela feita pelo Império Nipónico será sempre duvidosa. Nós, Europeus, estamos mais perto dos chineses do que propriamente o japonês. Êste é desprezado pelos primeiros, que não compreendem a assimilação de quaisquer ideas ocidentais. O nipónico será pois, através de todos os tempos, um traidor a raça amarela, dada a sua actividade febril em importar as culturas europeia e americana. Fundamentalmente, o ódio que divide os dois povos anda à volta das religiões. Enquanto o mais puro Budismo é a religião única do Chinês, o Japão foi modificando a doutrina do Buda até dar-lhe a grande concepção do seu proverbial fanatismo. Assenta a crença japonesa num sistema filosófico de seitas e ritos complicados pelos quais o único sentimento dominante é a morte. Tem essa crença o nome de *Shintoismo*, e o chinês orgulhoso à sua maneira, mas orgulhoso até à medula, vê no seu poder espiritual o desvirtuamento puro e simples do glorioso *Budismo*. E' pois a religião shintoista culto oficial nipónico e significa *piedade filial, amor ao dever, desprêzo absoluto pela vida*, desde que o determine uma razão qualquer. Reside aqui a fôrça máxima que torna dóceis até ao exagêro a mulher e a criança. ¹ Segundo Herbert Spencer, *Shintoismo* é a raiz de tôdas as religiões. As suas divindades são os espíritos: todos os mortos se transformam em Deuses. Assim, semelhante religião toca de perto tôdas as outras. E' o que o chinês não compreende, sendo, como é, o nacionalista mais completo de tôda a terra.

O habitante do muito antigo *Império Florido do Meio* não poderá nunca compreender os astuciosos planos do *Império do Sol Nascente*. A política só lhe interessa, se daí receber benesses imediatas. Se êle se mover, é porque importante recompensa lhe foi prometida e garantida devidamente. De contrário, preferirá a sua cabaia, o seu cachimbo bem carregado de ópio e as suas concubinas contemplando-o e pensando melancolicamente no dia em que o carrasco do seu senhor as virá decapitar, para lançar em seguida a algum rio atapetado de nenufares as suas cabeças, onde o cabelo pareceria então um desenho feito a tinta da China.

Dominar um país nestas condições é problema complicado e de difficilima solução. À impetuosidade e energia nipónica opor-se-á calmamente o chinês. Para êle a sua pátria é a mais gloriosa de tôdas. A mais vasta. A mais habitada. Tem a noção exacta do que representam 450 milhões de habitantes. E' uma mole imensa — e mesmo tranqüila, calma e pacífica, é inimigo de respeito. ¿Como subjugar a sua população? ¿Como cobrar impostos, organizar exércitos, fazer os respectivos recenseamentos?

Decididamente o chinês não representará nunca a grande ameaça para o Ocidente, visto estar animado da vontade inabalável (sorridente e calma, o que a torna mais forte...) de resistir pelos tempos adiante a tudo que implique intervenção ou supremacia nipónicas.

¹ Lafcadio Hearn — *Le Japon Inconnu*, pag. 76.

Além de tudo isto, uma invasão amarela, com o Japão à cabeça das outras raças irmãs, exigiria despesas fantásticas. ¿ Onde existe o oiro para as pagar ? ¿ Esquecer-se-á por acaso o general Smuts de que, na guerra do Japão contra a Rússia, em 1904-5, Tóquio foi financiado pela Inglaterra, a quem o Tzarismo afrontava com a sua expansão constante na direcção da Índia ? ¿ Esquecer-se-á ainda Smuts de que hoje o Império Nipónico continua como em épocas passadas : sem capitais próprios. Nas suas indústrias — nas quais se fixam neste momento as atenções de todo o mundo —, a mola real é a educação dada ao povo, que permite a êste viver sôbriamente, procurando no peixe sêco, barato e abundante, em razão dos litorais retalhadíssimos das suas ilhas, o principal, se não o único alimento. ¿ Onde iria buscar o Japão dinheiro para pôr em marcha uma máquina invasora de tamanha envergadura ? ¿ E a União Soviética Russa, o seu domínio manifesto no Turquestão, a sua influência secreta na China ? Se um dia esta potência constituir perigo real, é porque a sua estrutura política se adaptou ao comunismo. Se a Rússia não tivesse encontrado na sua frente os *Serviços da Espionagem Inglesa*, talvez que hoje em Nankim ou Cantão estivesse o centro duma nova República Soviética, embora a título de experiência, mas com algumas dezenas de milhões de súbditos.

Para Smuts o bloco ideal, capaz de garantir a paz e conjurar os perigos por êle apontados, seria a colaboração entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Quere isto dizer que o estadista sul-africano é contrário ao bloco franco-inglês. Também aqui se esquece da actual posição norte-americana : política do mais perfeito isolamento, tal e qual a Grã-Bretanha nos bons tempos de Lord Salisbury. Para Washington, a braços com as medidas radicais de Roosevelt, só lhes interessa por agora a situação económica. E já não é pouco !

*

Compreendem-se os motivos por que Smuts indica a colaboração da Grã-Bretanha com os Estados Unidos. Os motivos não poderão ser outros senão os determinados pela política do Extremo-Oriente. A paz do Pacífico interessa sobremaneira o político sul-africano : mas ainda neste ponto se pode discordar da sua doutrina.

Pensar-se que reside apenas nas grandes esquadras a sua eficiência em caso de guerra é êrro basilar. Mais do que as grandes frotas valem as bases navais e aéreas. ¿ Para que serve uma numerosa esquadra, veloz e de temível poder destrutivo, se a mesma não tiver bases onde possa abastecer-se e com elas combinar a sua acção ? Ora a verdade é esta : se amanhã, contra tóda a lógica, o Extremo-Oriente fôsse o teatro duma luta, bastava a Inglaterra, unicamente, para decidir o conflito naquelas paragens. Desde a Europa, abrindo caminho para todo o Oriente, a Grã-Bretanha manterá livre de invencíveis estorvos a passagem das suas esquadras. Gibraltar, Malta, Suez, Aden, Perim, Singapura, Hong-Kong e Wei-hai-Wei são por si só posições estratégicas que valem tódas as esquadras dos restantes países. Basta Wei-hai-Wei para a Inglaterra dominar sòzinha o golfo de Petchili e o Mar Amarelo — e fazer ao mesmo tempo frente às bases japonesas de Kiao-Cheou e Porto-Artur.

¿ Para quê abandonar Londres Paris e singrar em outras direcções ao encontro

de Washington, por causa do Extremo-Oriente? Aos Ocidentais — por quem tanto se interessa Smuts — convém hoje, e mais do que nunca, a manutenção do bloco França-Inglaterra. Reside nesta política a esperança de nós vermos as outras grandes potências europeias desistirem de vez dos velhos métodos, todos com tendência a aumentar a tara nevrótica da humanidade.

Discursando em 1918, o general Smuts referindo-se á nossa civilização dizia: *The tents have been struck and the great caravan of Humanity is once more on the march* (As tendas foram atingidas e a grande caravana da Humanidade está outra vez em marcha).¹ Como se vê, o notável sul-africano de há muito que constata a nossa decadência, sôbre a qual insiste de novo, hoje... ¿Mas para onde dirigir a caravana? Para o Oriente, nem pensar nisso, por causa do perigo amarelo. Para as Américas também não, pois o Pan-Americanismo revive ali intensamente, sob múltiplos aspectos. Verdadeiramente só nos resta a África! ...E então Smuts sugere-nos habilidosamente aquele caminho.

Apetece perguntar qual dos dois perigos será o maior: se o amarelo se o africano.

V — A política colonial da Grã-Bretanha

A acção colonial da Inglaterra, após a guerra de 14, orientou-se especialmente nos fenómenos sociais provocados por aquele período. No panorama político do Reino-Unido, factos, sintomas, leves indícios, tudo foi aproveitado para se traçar um plano de trabalho, plano por via do qual o regime parlamentar inglês continuasse incólume e não sofresse o menor abalo no seu prestígio democrático e secular.

Para o britânico não passou despercebida a queda dos três impérios dinásticos (Alemanha, Áustria-Hungria e Rússia) nem tampouco *the emergence, from among their ruins, of a number of «sucessor states» professedly founded on the principles of Nationality and Democracy* (o aparecimento dentre as suas ruínas dum mundo de *Estados Sucessores*, cujas bases assentaram nos princípios da Nacionalidade e da Democracia).²

A par de tão históricas ocorrências, fixada a atenção no mundo islâmico, assistia-se então à guerra civil em Angora, em Damasco, em Kabul. As velhas ideas revolucionárias vindas já do século dezoito produziam assim o seu fruto tardio.

O movimento de transformação social ameaçava seriamente todos os Domínios britânicos. A revolução irlandesa e o nacionalismo indiano eram por si só suficiente alarme lançado ao bom senso inglês.

¿Que fazer?

Tentar dominar pela fôrça tôdas as futuras rebeldias, abrindo cada vez mais fundo o barranco do ódio entre o inglês de Além-Mar e o do Reino-Unido? ¿Ou conce-

¹ Arnold J. Toynbee — *The Conduct of British Empire Foreign Relations since the Pence Settlement* — Oxford University Press, pág. 35.

² Obra citada, pág. 36.

der autonomia real aos Domínios, conservando em cada um a supremacia da raça, da língua, das instituições e da Democracia?

Adotou-se a última solução.

Sob êsse critério dividiram-se as colónias em quatro grupos. Citemos apenas o primeiro — o mais importante de todos — que é constituído por países de língua inglesa e habitados pela raça *anglo-saxónia* (Canadá, Austrália, Nova Zelândia e União Sul-Africana). É neste grupo que pontifica o general Smuts. Dada a importância da União, atendendo aos seus vastos recursos e à sua situação privilegiada num dos extremos de África, não é difícil calcular a intensidade do sonho acalentado pelos seus políticos. Aspira sem dúvida aquele país a reunir à sua volta todo o *Continente Negro*, e, para começar a dar realidade a tão grandioso plano, precisa de chamar a si o bom emigrante e as atenções de todo o mundo.

No tempo de Washington, quando os treze estados americanos formaram a Republica Federal, só havia incitamentos a atirar ao resto do mundo: Emigrai! Abandonai a velha e cansada Europa! Acabai de vez com os laços que vos prendem a Terras que vos não merecem! Aqui, tereis uma nova Pátria, acolhedora como uma mãe extremosa, pródiga até ao infinito. E o êxodo fêz-se e parecia nunca mais acabar...

Agora é o General Smuts, homem do século, enérgico como um bóer, ambicioso como um bom estadista, quem afirma a decadência das tradições europeias, a invasão amarela iminente num futuro assaz próximo, a má política do bloco França-Inglaterra, enfim: a altura da caravana ocidental se pôr em marcha, enquanto é tempo. Ao mostrar-nos tantos perigos, um único caminho nos ficava livre: o da África. Naturalmente a de Smuts, ainda vagamente democrata, mas que a força das circunstâncias e a ambição hão-de transformar um dia num dos mais autoritários imperialistas.



Noticiário Internacional

Antes e depois de Stresa

Quanta razão tínhamos nós ao escrever as seguintes palavras sobre o resultado do plebiscito do Sarre, insertas no n.º 10 desta revista :

«O Sarre pertence à Alemanha.

A Sociedade das Nações dirigente do plebiscito, entregou nas mãos avaras de Hitler a rica região mineira, onde as fábricas pacíficas de agora se transformarão, em breve, em potentes organizações de guerra, vomitando celeremente a multidão destruidora dos armamentos.

A solução do problema sarrense longe de contribuir para aquela tranquilidade, tão apregoada por Hitler e pelos seus ministros, que prometem enveredar as relações entre a França e a Alemanha por outros caminhos, transformar-se-á, em breve, em mais um motivo de latente discórdia.

A entrega desses territórios tem de ser vista por este lado: «o fortalecimento de Hitler para as exigências futuras, o que traz como consequência um permanente espírito de intranquilidade internacional».

Com esta lógica embalagem o Reich, lançando um olhar de compassivo desprezo pela comunidade internacional, entra, desafortadamente, no campo do rearmamento, preparando-se, com afã, para a guerra.

As chancelarias europeias amedrontadas

com a arrogância hitleriana pensam em acordos e conversações. A França liga-se à Itália. Laval é recebido festivamente por Mussolini. Em Roma pensa-se de verdade na questão da paz, mas, pelo sim e pelo não, os dois ministros concertariam também o modus faciendi da ocupação abexim...

Paz na Europa e guerra em África — eis no que se cifraria a boa regra diplomática italo-francesa.

John Simon teimoso na sua idea de visitar Hitler, mesmo que esse se mantivesse atulhado de quinino para refrescar o catarro histórico, desperta uma certa desconfiança quanto às intenções da velha aliada, desconfiança que mais se avoluma com a reorganização do exército do ar sob o comando de Goering e com o descaramento do Führer em decretar o serviço militar obrigatório no dia memorável de 16 de Março.

O Tratado de Versailles ficava assim esfarrapado...

A França protesta junto de Berlim, juntamente com a Itália. As notas são quasi semelhantes. Efeitos da boa harmonia entre o liberal Laval e o ditador Mussolini...

Von Neurath, com frieza cinica, não liga importância de maior às zangas dos dois países.

A França não desanima. O mundo passa um mau bocado. Por todos os lados se

adensa a atmosfera da guerra. Começam-se aqui e ali a manifestar certos desejos de não ir à guerra salvar as aflições da internacional dos armamentos...

Ainda havia o lírico art. 11.º § 2.º : «Todo o membro da Sociedade tem direito a chamar a atenção do Conselho sobre todo o facto que possa afectar as relações internacionais e que ameace, por conseguinte, perturbar a paz ou as boas relações entre as nações das quais depende a paz.»

Para ele reclamava a França, pedindo, também, a convocação de uma reunião extraordinária.

Com essa atmosfera de inquietação o concílio de Stresa nada deve ter modificado o fâcies perturbado do mapa europeu.

Não cremos nem na eficácia dessa reunião nem nos bons propósitos do inútil orgão genebrino.

Em Stresa a guarda de honra aos delegados das Democracias inglesa e francesa era paradoxalmente feita com os punhais do fascio ansioso de conquista.

Em Genebra, ao mesmo tempo que no edificio da Sociedade se aprovava a proposta de Laval, o próprio exército suíço se rearmava febrilmente, como que a duvidar, deselegantemente, dos resultados das sonolentas conversas dos seus hóspedes.

A guerra é um fenómeno que o capitalismo ambiciona e pelo qual luta, com o desespero dos naufragos.

Evita-la seria engrandecer a Democracia, sistema filosófico e moral que só nos períodos de paz consegue medrar, envolvendo a humanidade num amplexo de progresso e felicidade.

Será isto ainda possível?

Que respondam aqueles que irão pagar nas trincheiras os crimes de tanto encapoto diplomata...

A frente única das esquerdas espanholas

Noticiam os jornais de Espanha a constituição duma frente única das esquerdas, sob a chefia de Azãna, Sanchez Roman e Martinez Barrios.

É sempre com emoção que escrevemos sobre a Espanha. Há qualquer coisa de muito sentimental em nós — recordações recentes, uniformidade de sentimentos e de destinos — que nos obriga sempre a acompanhar, com enternecimento, as vitórias espirituais do país vizinho e a lamentar os momentos desastrosos por que vai passando.

A junção destes três nomes na direcção duma frente única republicana traz-nos a consoladora certeza de que as virtudes democratas da Espanha em breve retomarão o seu logar de comando nos destinos da terra de Galan e Hernandez.

A implantação da 2.ª Republica em Espanha foi um facto moral que perdurará na história contemporânea.

Não quiseram os homens que a governaram nos seus primeiros passos compreender o alto significado espiritual desse acontecimento nem avaliar a força de que eram detentores.

Maus observadores dos fenómenos que os rodeavam os governantes de então descuraram a intensa e profunda republicanição do Estado e o conseqüente esmagamento da hiára clerical e plutocrática.

Com as suas condescendências criaram uma reviravolta no panorama político. Gil Robles, aliado dos jesuitas e de Lerroxx, começava a ditar leis...

Registemos a noticia: constituiu-se a frente única dos republicanos espanhóis.

Oxalá se reimplante a Democracia em Espanha.

Nota da redacção

DR. JOSÉ DE OLIVEIRA BOLÉO

No n.º 11 da *Vida Contemporânea* veio publicado, como é do conhecimento dos nossos leitores, um artigo dêste nosso ilustre colaborador sob o título de «O homem, cidadão do mundo».

Motivos estranhos à nossa vontade evitaram que a sua publicação fôsse feita na íntegra, crescendo ainda que, por um lapso de revisão, o nome de Horrabin não figurasse seguidamente às aspas onde se inseria uma opinião dêsse autor.

No princípio de Março o dr. José de Oliveira Boléo — que não é o dr. José de Paiva Boléo — enviou a esta redacção uma carta pedindo que num dos próximos números da Revista viesse uma rectificação no sentido de incluir o suprimido nome de Horrabin para assim autenticar a fonte onde fôra beber algumas das ideas expostas e que pretendia vulgarizar para conhecimento dos estudiosos portugueses.

A circunstância desta Revista ser mensal não permitiu que fôsse satisfeito rapidamente o pedido do nosso colaborador.

O jornal *A Voz*, de 11 de Abril, na sua secção literária, acusava êsse nosso colaborador de plagiar as ideas de Horrabin, sem lhes citar a origem. Numa carta enviada a essa redacção e publicada no número seguinte, o dr. José Boléo explicava as razões dessa falta, o que levou a redacção de *A Voz* a declarar menos justa a *tremenda* acusação.

Ficou, como já estava, ilibado de qualquer responsabilidade o sr. dr. José de Oliveira Boléo.

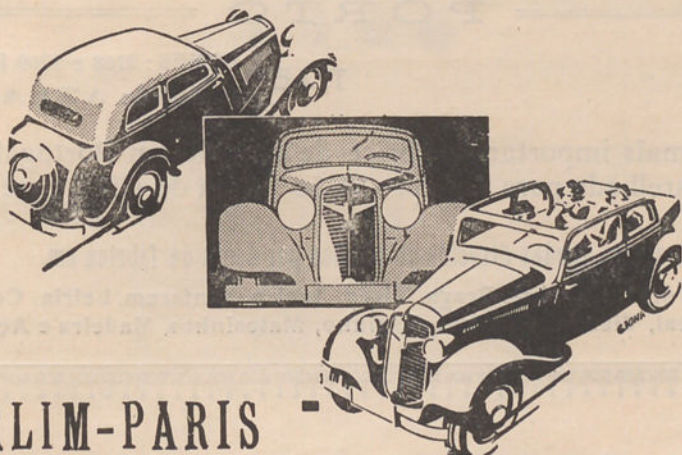
Não se tornava necessário o testemunho de *A Voz* para que tôda a gente de senso e conhecedora dos predicados intellectuais dêsse nosso ilustre colaborador e professor do ensino técnico se convencesse antecipadamente de que as suas colunas flamejantes do número de 11 de Abril eram produto da fantasia de qualquer *bom amigo*.

Ao nosso querido amigo e colaborador um apertado abraço de solidariedade com a amigável exigência de continuar a vulgarizar neste pobre meio intellectual o pensamento daqueles escritores cujo merecimento é desconhecido em Portugal.



PREFIRA

ÊSTE CARRO...



BERLIM-PARIS -

1095 km. em 17 horas e 5 minutos

Conseguiram esta extraordinária proeza o sr. GUI-
LHERME e a sr.^a LOTTA BAHR num Adler Trumpf
Junior cujo preço é de Esc. 25.950\$00

ADLER

**TRUMPF
JUNIOR**



Em
exposição

50 - AV. DA LIBERDADE - 52

Representantes dos Automóveis **ADLER**

Empresa do Calçado Atlas, L.^{da}

(Marca registada)

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS :

RUA HEROIS DE CHAVES, 624 a 640

PORTO

TELE { FONES : 2768 e 2769 P. B. X.
GRAMAS : ATLAS

A mais importante fábrica de calçado em Portugal,
aparelhada para uma produção diária de 1.500 pares

26 Depósitos para vendas directas ao público por conta da fábrica em

Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Vizeu, Aveiro, Santarem, Leiria, Covilhã,
Vila Real, Viana do Castelo, Espinho, Matosinhos, Madeira e Açores

A. S. MOURA COUTO & IRMÃO

Importadores de Aduelas
e toros de carvalho de
MEMEL para balceiros,
toneis, pipas, outros va-
silhames e mobílias,
sendo preferidas ao Car-
valho Americano devido
à sua superior qualidade

Largo dos Loios, 24

PORTO

T. J. Barros Queiroz

Candeeiros eléctricos
e para petróleo

T. S. F.

Aparelhos de varias
marcas

Material Ferranti
Lâmpadas

21, Largo de S. Domingos, 24

LISBOA



American Stand

F A R O

AGÊNCIA OFICIAL

F O R D

Carros — Camiões

Peças legítimas



Todos os modelos para entrega

Grande «stock» de peças

A' VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

DITADURA, DEMOCRACIA OU COMUNISMO ? ...

A TÉCNICA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

POR CUNHA LEAL

Depositária :

Livraria BERTRAND

Rua Garrett, 73, 75

TEL. 2 0535

LISBOA

LA NATIONAL

≡ **Société Anonyme d'Assurance Sur la Vie** ≡

— FUNDADA EM 1830 —

Delegado geral
em Portugal

Manuel Casal

Rua Áurea, 87, 1.º e 2.º — LISBOA

Seguros de vida—Seguros na invalidez

Reservas e fundos de garantia (Francos Franceses) 1.500.000.000

Reservas constituídas em Portugal (Escudos) 12.370.943\$90

(À data de 31 de Dezembro de 1933)

A T. S. F. atingiu um aperfeiçoamento tal que hoje só um receptor de qualidade impecável nos pode satisfazer.

O novo Crosley agrada-lhes-á plenamente.

CROSLEY-RADIO — CASA FORTE

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 281 — PORTO

SONAP

Gazolina

Petróleo

F
I
L
T
R
A
D
A



Gazoil

Fuel Oil

**Sociedade Nacional
de Petróleos**

TELEFONES { 25521
25531

Rua do Terreiro do Trigo, 52, 2.

L I S B O A

António Maria Pires

CORRETOR OFICIAL

**FUNDOS PÚBLICOS E PARTICULARES
MERCADORIAS E SUAS OPERAÇÕES**

Informa sobre assuntos
do seu officio

Recebe ordens da Província

Telegramas — **CORRETAGEM**

Telefones { 24151 —
60 do Estado

R. do Comércio, 83

LISBOA

C. VINHAS L.^{DA}

Escritório e sede:

Rua dos Correeiros, 29, 2.^o
Teleg. TELHEPA — Telef. 2 0600

Armazém:

Rua do Açucar, 105
— Telefone P. B. 32 —

**Vinhos para exportação
das melhores procedencias**

Cardial Fine — Finíssima
aguardente velha, rivalizando com
os melhores conhaques estrangeiros

BARROS & BARROS em Com.^{ta}

AZEITES FINOS

Telefone 25

RUA DOS BISCAINHOS, 59 a 63

B R A G A

Casa Francesa

Depósito de Relojoaria e Ferramentas
para Relojeiros e Ourives

Mais de UM MILHÃO de relógios, distribuídos em Portugal e Colónias, são a garantia absoluta do êxito conquistado por tão reputada marca

Exigir sempre **C Y M A**

À venda em todas as boas
relojarias e ourivesarias

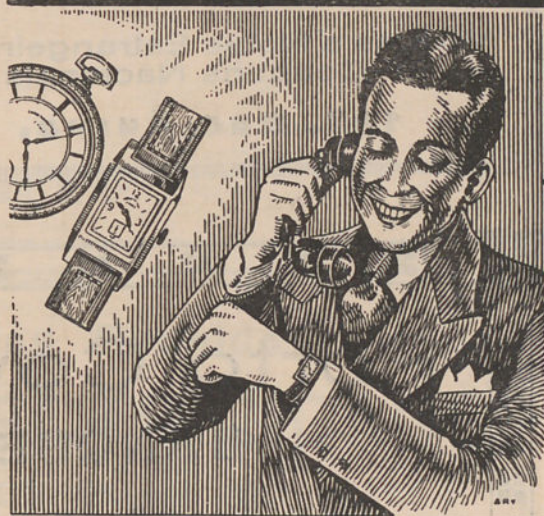
Manoel Teixeira da Rocha & C^a
LIMITADA

:- Rua Sampaio Bruno, 33 :-

Telefone 4493

PORTO — PORTUGAL

CYMA



Relógio sem igual

OS ARMAZENS

— GRANDELA —

OS MAIS ANTIGOS — OS MAIS VASTOS
OS MAIS IMPORTANTES
OS MAIS LUXUOSOS DE TODO O PAÍS

Apresentam sempre

DISTRIBUIDOS **72** SECÇÕES
PELAS SUAS

Todos os artigos necessários à vida
desde o mais modesto e mais barato
até ao mais rico e mais dispendioso

RIBEIRO & LOPES, L.^{DA}

CAMBISTAS

Telefone: 2.3818

Telegramas: APINO

Moedas e Notas Estrangeiras — Papéis de Crédito
— Coupons Nacionais e Estrangeiros —

103, Rua Áurea, 105 — LISBOA

Porto Covo & C.^a BANQUEIROS

Correspondentes nas principais
praças do País e do Estrangeiro

Efectuam-se tôdas as operações bancárias

Rua do Ouro, 175 a 191 — LISBOA

TELEFONES 2 4161-2 4162

SAPATARIA CONTENTE, L.^{DA}

Calçado de grande luxo

Calçado de praia

Calçado de sport

R. do Carmo, 74. Tel. 2 4871 — Av. da Liberdade, 120. Tel. 2 4872

SANTOS BRITO, L. DA

TELE FONE 25988
GRAMAS: SANBRITOS - LISBOA



RUA DO ARCO DO BANDEIRA, 5, 3.º

Companhias Reunidas

GAZ E ELECTRICIDADE

APLICAÇÕES INDUSTRIAIS DO GAZ

Fornos para recozer

Fornos para temperar

Fornos para galvanizar



Orçamentos e montagens

R. da Boa Vista, 31 — LISBOA — Telef. 2 0011

Empresa da Fiação e Tecidos de Bemfica

S. A. R. L.

Fábricas de fiação — Tecidos e malhas de algodão

Av. Barjona de Freitas — LISBOA

TELEFONE } Bemfica 320
 } P. B. X. 321

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

S. A. R. L.

Proprietária das Fábricas do Papel do Prado e Marianaia (Tomar),
Penedo e Casal Ermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha)

Premiada em tôdas as Exposições a que tem concorrido:

Medalhas de Ouro — Exposição Universal de Paris de 1900,
Universal dos E. U. do Brazil de 1908 e Industrial Portugueza de 1929

Execução rápida de papeis em todos os géneros
tendo sempre em armazem papeis para tôdas as applicações

Especialidade em papeis de máquina con-
tínua, de escrever, impressão, manilhas,
afiches e imitação de «Couché»; Papel de
côr para capas; Papeis de embrulho; Pa-
pel Kraft; Vegetal; Papelão palha; Pa-
peis de máquina redonda, almaços, Leor-
— : — : — nes, mezenas, etc. — : — : —

À venda em todos os estabelecimentos de papelaria e armazens

Escritório e Depósito : SÉDE

Rua dos Fanqueiros, 270 a 278, 2.º — LISBOA

Rua Passos Manuel, 49 a 51 — PORTO

Telefones { DIRECÇÃO 2 3623 — ESCRITÓRIO 2 2331
ARMAZEM 2 2332 — DO ESTADO 188

ADMIRE

ESTES
DENTES!



São tratados com a

PASTA BENAMÔR



CUSTA APENAS 3\$00

A que tem maior percentagem de elementos activos. Basta uma pequena porção para a perfeita limpeza e conservação dos dentes.

A ma's poderosamente antiséptica. A mais económica.

BARROS & SANTOS

RUA DO CARMO, 70

Um esplendido saldo de cerca de 5000 duzias de lenços ingleses para homens e senhores, vendidos agora por preços fóra de toda a concorrência e com diferenças de 30 a 50 %

Alguns preços dos lenços que saldamos

Lenços brancos para senhora, meia dúzia	3\$50, um...	\$70
Lenços com ajour para senhora, meia dúzia	4\$00, um...	\$75
Lenços finos brancos, para senhora, meia dúzia.....	€\$00, um...	1\$20
Barras tecidas para senhora, meia dúzia.....	8\$00, um...	1\$60
Com fantasias para senhora, meia dúzia.....	9\$00, um...	1\$80
Finos, com barras para senhora, meia dúzia.....	10\$00, um...	2\$00
Ingleses brancos para homem, meia dúzia.....	5\$00, um...	\$90
Lenços ingleses de côr para homem, meia dúzia....	5\$00, um...	1\$00
Com barra tecida, para homem, meia dúzia.....	10\$00, um...	2\$00
Finos, barra tecida, para homem, meia dúzia.....	15\$00, um...	3\$00
Com lindos desenhos, para homem, meia dúzia.....	18\$00, um...	3\$50
Finissimos com barras, meia dúzia.....	19\$50, um...	3\$90

O TRATAMENTO DAS VINHAS PELO

ENXOFRE QUIMICO R. V. 3

Este magnifico enxofre de origem Belga, destroi completamente o **OIDIO** e combate eficazmente o **MILDIO** e todas as doçças criptogamicas das **VINHAS, ARVORES DE FRUTO e PLANTAS EM GERAL**

E' PREVENTIVO E CURATIVO!

Substitue com vantagem o vulgar enxofre amarelo e o sulfato de cobre

Um sacco de ENXOFRE QUIMICO R. V. 3 cobre mais do dobro da extensáo de vinha que cobre um sacco de enxofre amarelo

E' muito pulverulento! — E' extraordinariamente aderente!


Aplicando o ENXOFRE QUIMICO R. V. 3 realisa-se uma grande economia de dinheiro e de trabalho porque é mais rendoso e emprega-se muito menos vezes

Vende-se em sacos de 5, 10 e 50 quilos

UNICO CONCESSIONARIO PARA PORTUGAL E COLONIAS

ERNESTO F. DE OLIVEIRA

PORTO — Rua M. usinho da Silveira 115, 1.º — Telefone n.º 103
LISBOA — Rua dos Sapateiros, 115, 1.º — Telefone 22478



Companhia
Industrial
do Algarve

S. A. R. L.

— F A R O —

TELE } GRAMAS : MOAGEM
 } FONE : 9

Apartado : 3

Moagem de Cereais

Massas alimenticias
e
Panificação Mecânica

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA

(África Oriental Portuguesa)

Capital — BEIRA

Extensão : — 13.482.200 hectares

**Região extremamente fértil, sob o ponto
de vista agrícola, principalmente para a
cultura do açúcar, do milho e do algodão**

O pôrto da Beira é servido por magníficas linhas férreas, que o ligam
com a Rodésia e com a Niassalândia

PARA INFORMAÇÕES

EM LISBOA

NA BEIRA

Largo da Biblioteca Pública, 10

Secretaria Geral do Governo
do Território

(SÉDE DA COMPANHIA)

MANNHEIMER V. G.

**Antes de fazer os seus seguros
peça as nossas condições**

A economia obtida
compensar-lhe-á
o tempo que despendeu
com a sua consulta

Largo Barão de Quintela, 11, 2.º — LISBOA

TELEFONES 2 3533 e 2 4464

Café...

só do EXCELSIOR

Rua de Sá da Bandeira, 48 — PORTO

COMPANHIA DE SEGUROS

« T A G U S »

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

FUNDADA EM 1877

**CAPITAL SOCIAL ESC. 1:200 000\$00 — CAPITAL EMITIDO E PAGO ESC. 500 000\$00
FUNDOS DE RESERVA ESC. 4:000.000\$00**

**SÉDE NO SEU PRÉDIO
48-Rua do Comércio-56-LISBOA
Telefone 2.2183**

End. teleg. SEGUTAGUS — LISBOA

Efectua : SEGUROS TERRESTRES, MARÍTIMOS, AGRICOLAS, VIDA (em diversas modalidades), POSTAIS, GRÉVES, E TUMULTOS, etc.

Aos melhores prémios

Seguros em libras esterlinas e noutras moedas

Agentes e correspondentes nas principais terras do Continente, MADEIRA, AÇORES E ULTRAMAR

COLOSSAL RÁDIO

A grande marca de T. S. F.

Antes de adquirir um receptor consulte a

**Sociedade Comercial
Luso-Americana, L.^{da}**

LISBOA

145 — RUA DA PRATA

Telefone 2 5281

PORTO

RUA SÁ DA BANDEIRA — 339

Telefone 1248

**Em breve será posto à venda
o novo livro do**

Engenheiro CUNHA LEAL

RUINAS E ESPERANÇAS

TOME NOTA:

LACTO BANACÃO

O novo super-produto da Scipar

Lacto Banacão não é mais do que Banacão e leite em pó, dando um delicioso Banacão, pelo simples adicio-
—'namento de água —

Manuel Maria Bandeira

DESPACHANTE OFICIAL

Encarrega-se de todos os despachos de importação,
reexportação, exportação, etc.

**Despachante dos principais bancos
de Lisboa**

ALFÂNDEGA DE LISBOA

TELEFONE 2 0509

BATATAS DE
SEMENTE



Pommersche Saat-Zucht G.m.b.H. Stettin



ERDGOLD

(OURO DA TERRA)

Original= Saat
INCONTESTAVELMENTE
A MELHOR

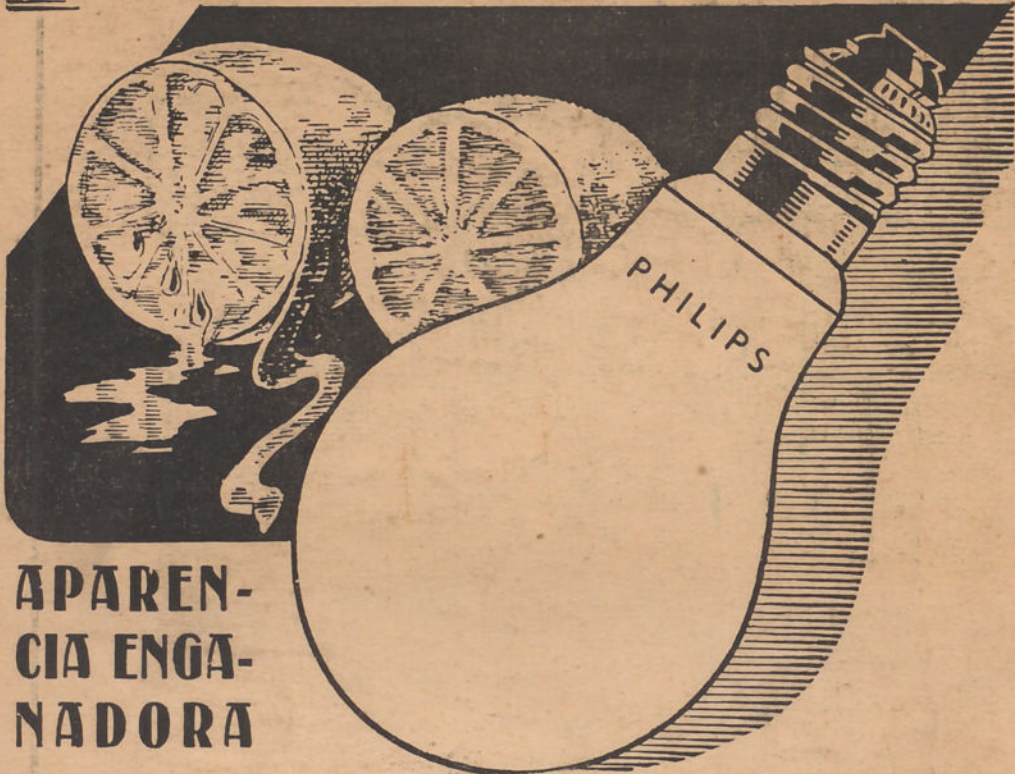
Pedidos ao importador **JOSÉ FERREIRA BOTELHO**

LISBOA - Rua Jardim do Tabaco, 31 - Tel. 20462

PORTO - Rua Mousinho da Silveira, 140, 1.º

Tel 4160 - Ender. Telegráfico ERDGOLD

59



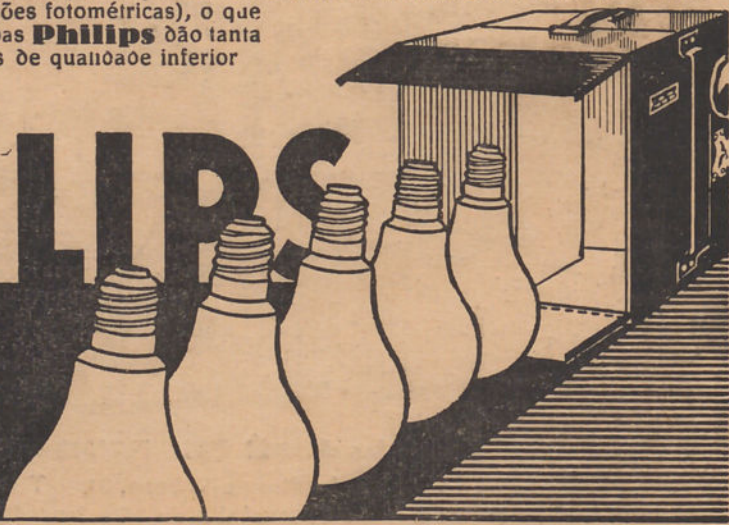
APAREN- CIA ENGA- NADORA

Dois limões podem, exteriormente, ser uma semelhança flagrante; mas por dentro um é muito sumarento o outro imensamente seco, pela aparência, é difícil distingui-los Assim, também as lâmpadas. Tanto as de baixa qualidade como as **Philips**, à vista, são parecidas. Porém, quanta diferença existe, se observarmos devidamente os seus rendimentos luminosos e a sua duração

As **Philips** têm, pelo menos, vinte por cento de maior rendimento luminoso (provamos-lo com científicas demonstrações fotométricas), o que significa que quatro lâmpadas **Philips** dão tanta luz como cinco lâmpadas de qualidade inferior Compre, pois,

PHILIPS

Dão luz por cinco
mas só
gastam por
quatro!



É GARANTIA DE ECONOMIA CERTA

Livraria
Bernard